



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS – PPGEAC
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO TEATRO
COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA**

Carlos Alberto Leandro Ramôa da Silva Chaves

Rio de Janeiro
Dezembro 2020

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

R512 Ramôa da Silva Chaves, Carlos Alberto Leandro
Metodologias de Ensino do Teatro como Prática
Transformadora / Carlos Alberto Leandro Ramôa da
Silva Chaves. -- Rio de Janeiro, 2020.
124

Orientador: Profa. Dra. Elza Maria Ferraz de
Andrade.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Especialização em Ensino das Artes Cênicas, 2020.

1. Educação. 2. Teatro da Escola. 3. Teatro do
Oprimido. 4. Jogos Teatrais. 5. Opressão. I.
Andrade, Profa. Dra. Elza Maria Ferraz de, orient.
II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS – PPGEAC
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO TEATRO
COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas, sob a orientação da Profa. Dra. Elza Maria Ferraz de Andrade.

Rio de Janeiro
Dezembro 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS – PPGEAC
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

BANCA DE DEFESA de DISSERTAÇÃO

**METODOLOGIAS DE ENSINO DO TEATRO
COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA**

Por Carlos Alberto Leandro Ramôa da Silva Chaves

Profa. Dra. Elza Maria Ferraz de Andrade (Orientadora)

Profa. Mestre Clarisse Mendes Lopes (UNESA)

Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho (UNIRIO)

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

E

DEDICATÓRIA

Quero agradecer à minha orientadora Elza de Andrade pela dedicação e por ter sido minha grande mestra na graduação, e estar sempre disponível às minhas necessidades e dúvidas e por me ensinar quase tudo que eu sei em relação ao ensino do teatro.

À Helen Sarapeck, pelas oficinas ministradas, tanto na Escola Sesc de ensino médio, quanto na própria UNIRIO, onde me aprofundi ainda mais nas metodologias de ensino do “Teatro do Oprimido”.

Ao Cachalote Matos, por também me apresentar com inteira profundidade, as metodologias acerca das técnicas do “Teatro do Oprimido”, ao longo de duas oficinas ministradas por ele, uma no “Espaço das Artes” da Cia. Os Ciclomáticos, e outra na “Escola Sesc de ensino médio”, na Barra da Tijuca.

Aos Ciclomáticos Cia. De Teatro, especialmente aos diretores Ribamar Ribeiro e Renato Neves, que foram meus mestres nos ensinamentos do teatro, e também por me inserirem inteiramente ao universo teatral.

Ao professor Marcus Fritsch, por sempre acreditar no meu potencial como ator e professor, e por ter me apresentado a “Análise Ativa”, método Stanislavskiano, em duas oficinas ministradas no Instituto do Ator.

Ao professor Vanir Junior, que leciona História no Colégio Estadual Bairro Jardim América e me ajudou bastante no dia da apresentação dos alunos, tirando algumas fotos e filmando.

Aos meus irmãos: Carla, Guilherme, Luiz e Marcus, por sempre estarem ao meu lado, em todos os momentos.

Aos meus pais, por me darem amor, e por me tornarem o homem de caráter que eu sou hoje.

À minha esposa pelo companheirismo e por estar sempre ao meu lado me apoiando e incentivando em todos os momentos com a maior paciência do mundo.

Ao meu filho Pedro, por sempre me proporcionar alegria e amor.

Aos meus alunos, por sempre fazer valer a pena cada dia que eu acordei cedo para encontrá-los e trocarmos conhecimentos.

CHAVES, C.A.L.R.S. **Metodologias de Ensino do Teatro como Prática Transformadora.**

Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC/ UNIRIO: Rio de Janeiro, 2020.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa onde transcrevo minhas aulas e técnicas utilizadas para o auxílio no desenvolvimento humano de indivíduos, os quais sofrem algum trauma, seja ele físico ou psicológico, indivíduos estes que são discentes de três turmas do segundo ano do Ensino Médio nas quais leciono aulas de Artes, especificamente com a linguagem teatral.

Nas minhas aulas tento encontrar soluções para o melhor desenvolvimento no que se sugere ao ensinamento do teatro nas escolas públicas, soluções estas que me fazem pensar em qual seria a melhor forma de inserir esses alunos no universo teatral. No decorrer das aulas, identifiquei que alguns educandos sofrem certos tipos de opressões impostas por seus próprios familiares e conhecidos. Com isso, tive a ideia de aplicar jogos e técnicas do “Teatro do Oprimido”, para alcançar e tentar fazer com que eles vençam suas dificuldades interiorizadas, que impedem o bom andamento de suas evoluções, tanto profissionais, como sociais, pois como Augusto Boal diz: *“O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras. Não basta interpretar a realidade, é necessário transformá-la!”*. Utilizo dessas técnicas para a construção de um trabalho final, no qual, os alunos possam mostrar suas opressões e transformá-las, de forma que sua vida se modifique simultaneamente, sendo vivenciada por eles, como uma forma de transformar o ideal e a utopia em realidade possível. Vi nesta situação, a possibilidade de dar maior prazer e significado ao meu ofício como educador, podendo ajudar a essas pessoas, que além de alunos, são seres humanos que muitas vezes não têm sequer uma base de apoio familiar.

Palavras-chaves: Teatro na escola; jogos teatrais; teatro do oprimido; educação; opressão; transformação.

CHAVES, C.A.L.R.S. **Metodologias de ensino do Teatro como prática transformadora.**

Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC/ UNIRIO: Rio de Janeiro, 2020.

ABSTRACT

It is a research, where I transcribe my classes and techniques used to aid in the human development of individuals, who suffer some trauma, be it physical or psychological, individuals who are students of three classes of the second year of High School in which I teach Arts classes, specifically with the language “Theater”. In my classes I try to find solutions for the best development in what is suggested to the teaching of theater in public schools, solutions that make me think about what would be the best way to insert these students in the theatrical universe. During the classes, I identified that some students suffer certain types of oppression deferred by their own relatives and acquaintances. With that, I had the idea to apply games and techniques from “Teatro do Oprimido”, to reach and try to make them overcome their internalized problems, which prevent the good progress of their evolution, both professional and social, as like Augusto Boal says: “The Theater of the Oppressed, in all its forms, always seeks the transformation of society towards the liberation of the oppressed. It is action in itself, and it is preparation for future actions. It is not enough to interpret reality, it is necessary to transform it!”. I use these techniques to build a final work, in which students can show their oppressions and transform them, so that their life changes simultaneously, being considered by them as an ideal and utopian way of living. I saw in this situation, the possibility of giving greater pleasure and meaning to my job as an educator, being able to help these people, who in addition to students, are human beings who do not even have a family support base.

Keywords: Theater at school; theatrical games; theater of the oppressed; education; oppression; transformation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Capítulo 1 – INÍCIO DAS AULAS – COMO ENFRENTAR AS DIFICULDADES	07
1.1. Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada	13
1.2. Virando o Jogo: Viola Spolin, Augusto Boal e Bertolt Brecht	17
Capítulo 2 - TEATRO DO OPRIMIDO: IMAGENS, TEXTOS E SONS DA OPRESSÃO	36
2.1. Jogos e Técnicas para a Transformação	56
2.2. Teatro-Imagem	58
2.2.1. Fotografias da Opressão	59
2.2.2. Esculturas Vivas em 3 etapas: Imagem Real, Imagem de Transição e Imagem Real	68
2.3. Cartas de Opressão	74
2.3.1. Cartas ao Opressor – Transcrição das cartas dos alunos	76
Capítulo 3 – TEATRO-FÓRUM COMO METODOLOGIA PARA A MONTAGEM DE UM ESPETÁCULO	86
3.1. Construção das Cenas a partir dos Materiais Levantados	100
3.1.1. Cenas para a Apresentação Final	105
3.2. Mudança de Planos	108
3.2.1. Apresentação Final	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

INTRODUÇÃO

(...) outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2015, p.28).

Costumo dizer que não fui eu quem escolhi o teatro, e sim, ele quem me escolheu, foi amor à primeira caminhada no espaço. Comecei a perceber que o teatro é algo natural no ser humano e que tem capacidade de transformação. Quando decidi cursar artes cênicas, apenas queria ser ator, mas durante a universidade de Licenciatura em Teatro, percebi que podia ser professor também. No início, o magistério estava em segundo plano, mas comecei a pensar que podia contribuir com algo maior e que ao me formar como professor, podia ser alguém que pudesse incentivar uma transformação em meus alunos e em mim também.

Em 2013, ainda no meio do curso, surgiu a oportunidade de prestar concurso público para professor do Estado do Rio de Janeiro, então o fiz, sem nenhuma pretensão, apenas para ter uma noção de como é essa seleção. Foi aí que, para a minha surpresa fui aprovado, com isso tive que acelerar e antecipar minha colação de grau para conseguir assumir o cargo.

No dia 07 de julho de 2015 fui admitido ao cargo de professor docente I com a carga horária de 16 horas semanais. Desde então ministro aulas de teatro para alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio, de faixa etária entre 11 e 16 anos.

Os professores do Estado do Rio de Janeiro, ganham um salário baixo, e fica muito difícil pagar todas as contas, com isso têm-se a possibilidade de aumentar sua carga horária com tempos de aula extras, que são denominadas GLP (gratificação de lotação prioritária), podendo suprir, tanto a carência de professores, quanto o salário baixo, ganhando até o triplo do que normalmente se ganha com uma matrícula de 16 horas.

No ano de 2019, faço 22 GLPs, totalizando 34 tempos de aula semanais. São quatro colégios estaduais: dois deles no município de Belford Roxo, localizado na baixada fluminense, os outros dois colégios no município de Duque de Caxias. São eles: Colégio Estadual Bairro Jardim América, Colégio Estadual Presidente João Goulart, Colégio Estadual Frei Henrique de Coimbra e Colégio Estadual Monteiro Lobato.

Nas minhas aulas experimento diversos métodos de ensino do teatro, por exemplo, Viola Spolin, Augusto Boal, Bertolt Brecht. Tenho a preferência por aulas práticas, e costumo nessas aulas aplicar jogos teatrais, improvisação, montagem de cenas curtas.

Tenho uma carga horária de 34 tempos semanais de 50 minutos cada tempo, e dou aula para aproximadamente 650 alunos, entre turmas de 6º ano (ensino fundamental) ao 2º ano (ensino médio). Nem todas as turmas estão dispostas a experimentar aulas práticas de teatro, muitos alunos não gostam ou são tímidos, e não existem salas adequadas para tal prática, como é comum no ensino público. Com essa grande quantidade de dificuldades, a maioria das minhas turmas contam com aulas teóricas sobre a história do teatro, biografias de autores, movimentos artísticos na área do teatro, etc.

Desta forma, consigo encontrar uma solução para aqueles alunos que são extremamente tímidos e quase sempre não estão disponíveis a participar das aulas práticas, sem contar com a quantidade de turmas que eu tenho.

Com essas condições, me vi obrigado a escolher com qual turma vou fazer um trabalho mais prático em relação ao teatro. E escolhi as minhas turmas do ensino médio, as turmas 2001, 2002 e 2003 do Colégio Estadual Bairro Jardim América.

Situado no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, o Colégio Estadual Bairro Jardim América, está localizado no bairro de Areia Branca, local de pouco acesso à cultura, onde a população regional na sua grande maioria é de classe média baixa e é comandada por milicianos. Este fato interfere parcialmente nas aulas, pois a escola é frequentada por alguns filhos dos mesmos. Próximo ao colégio há dois morros com facções criminosas, mas não há muitas ocorrências violentas nas proximidades, pois a milícia controla os confrontos.

O colégio conta com uma estrutura física de porte médio, tendo apenas nove salas de aula com ar condicionado. As portas das salas, dão acesso direto para o pátio, onde os alunos ficam durante o recreio, dificultando um pouco que eles se mantenham nas aulas.

O CEBJA conta com o contingente de 855 alunos, distribuídos em 27 turmas, que têm aulas nos turnos: manhã, tarde e noite. Dentre essas turmas dou aula para seis: três de 2º ano do ensino médio, no turno da manhã, duas de 6º ano e uma de 8º ano do ensino fundamental, no turno da tarde.

Nesses quatro anos em que dou aula, tive a oportunidade de ouvir algumas histórias referentes a alunos que sofrem certos tipos de violência, sejam eles físicos ou psicológicos, nos locais onde moram, principalmente nos interiores de seus domicílios. Opressões sofridas partindo de pessoas de suas famílias. Essas situações me fizeram refletir sobre como eu, no papel de professor de teatro, poderia ajudar esses estudantes a combater esse tipo de experiência

que fica impregnada em seus subconscientes, quem sabe até o fim de suas vidas, provocando uma verdadeira devastação em seus relacionamentos amorosos, pessoais e até profissionais.

Como pensar essa situação pedagógica que se tornou tão urgente entre nós? Como a Pedagogia Teatral se converte nesse projeto de transformação do ser humano, nessa espécie de cuidado de si? (ICLE, 2010, p.24).

No ano de 2017, participei de uma oficina do Teatro do Oprimido na Escola Sesc de Ensino Médio, localizada na Barra da Tijuca, ministrada pelos coringas Cachalote Mattos e Helen Sarapeck. Durante essa oficina, tive a oportunidade de refletir sobre a minha vida e de como eu também não estava me sentindo feliz. Com ajuda das técnicas consegui iniciar o combate às minhas próprias opressões. O teatro do oprimido me ajudou bastante e enxerguei nele uma oportunidade de aplicá-lo em meus alunos no intuito de auxiliá-los e mostrar para eles uma esperança, melhorar a autoestima, a confiança, para que futuramente eles pudessem viver suas vidas de forma mais saudável e com menos traumas, pois acredito que a maioria das frustrações dos indivíduos, são reflexos de fatos que vieram a ocorrer durante as fases de desenvolvimento.

(...) espero estar dando alguma contribuição ao teatro brasileiro. Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecer melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele. (BOAL, 2012b, p. xi).

Resolvi aplicar as técnicas do teatro do oprimido aos meus alunos do ensino médio, pois são estudantes um pouco mais maduros e que conseguem compreender esse tipo de atividade. Dentre estas três turmas do 2º ano do ensino médio, tenho uma muito boa e fácil de se trabalhar, que é a 2003 e tenho também uma bem difícil para realizar trabalhos práticos que é a 2001.

Os alunos em geral são de classe social média baixa. Tenho uma variedade de alunos, alguns muito agitados, outros tímidos, com a faixa etária entre 16 e 19 anos. Acho que vai dar certo com essas turmas, por eles estarem numa idade mais avançada em relação aos pequenos, também acho que essa é a idade ideal para conhecer melhor suas formas de pensar e agir.

E qual seria a função do teatro nas escolas? Não apenas divertir e desinibir as crianças, mas indo além, com sua pedagogia de vivência, de experiência do jogo e da troca com o colega, contribuindo para a formação integral de cidadãos capazes de fazer uma transformação em si próprios e na sociedade, e também para o conhecimento de uma linguagem artística.

Porém, o que encontramos em boa parte das escolas públicas e particulares do Estado Rio de Janeiro é uma pedagogia por vezes estagnada. Não faz parte de um ensino crítico, e o

papel que nossos alunos muitas vezes assumem é o de meros reprodutores de códigos e convenções teatrais para construírem montagens de espetáculos: o famoso “teatrinho” que as crianças fazem para mostrar aos pais, colegas e professores em datas comemorativas.

Para fugir dessa paralisia, muitas vezes provocada por aulas convencionais e acomodadas a métodos ultrapassados que não interessam mais ao aluno do nosso tempo, e nos colocarmos de volta ao nosso real lugar na escola, que são aulas de teatro que revelam e transformam alunos e professores, é preciso se manter em alerta com visão crítica, revisar o passado, entender o presente, para planejar o futuro.

Como levar o teatro dos dias de hoje para dentro da sala de aula de uma escola do Rio de Janeiro, fugindo do modelo convencional instituído?

Em boa parte das escolas públicas e particulares brasileiras, quando a disciplina de Artes é mencionada parece apenas se referir às Artes Visuais. São poucas as escolas que possuem as quatro modalidades que os Parâmetros Curriculares de 1997 mencionam: Dança, Música, Artes Visuais e Teatro. Atualmente, no município do Rio de Janeiro, não possuímos número suficiente de professores titulados para a quantidade de turmas. Em uma mesma escola, algumas turmas de um mesmo ano podem ser contempladas apenas com uma das linguagens artísticas, enquanto outras não terão acesso a nenhuma delas. Em um quadro mais cruel esse aluno corre o risco de passar todo o ensino fundamental não conseguindo vivenciar nenhuma das linguagens.

No entanto, já se sabe que o teatro e a arte em geral são importantes meios de expressão e comunicação que articulam aspectos plásticos, audiovisuais, musicais, dramáticos e linguísticos. Hoje, o teatro é reconhecido como forma de conhecimento para a compreensão crítica da realidade humana e no desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, expressivo das crianças e jovens.

Mas, mesmo com avanços e exigências do mundo moderno, a pedagogia dominante continua a ser a pedagogia tradicionalmente da ordem, do poder do professor, do adulto, das autoridades instituídas. Na rede pública, em boa parte o que vemos é uma hierarquia autoritária, a carência de espaços adequados para se trabalhar qualquer modalidade de artes, as classes abarrotadas de alunos, instalações precárias e a má remuneração do professor.

E, além disso, encontramos um professor dividido em sua prática pedagógica: por um lado, ele mantém as práticas tradicionais para conseguir sobreviver dentro da escola, e por outro apresenta um discurso construtivista, que muitas vezes não consegue ser concretizado.

Em nosso sistema educacional, a maior ênfase incide sobre a aprendizagem da informação dos fatos. Em grande escala, a aprovação ou reprovação num exame ou curso, a passagem de ano ou mesmo a permanência na escola dependem do domínio ou da memorização de certos fragmentos de informação os quais já são conhecidos do professor. (...) O mais perturbador é que a capacidade para repetir fragmentos de informação pode ter muito pouca relação com o membro cooperante e bem-ajustado à sociedade que pensávamos estar produzindo. (...) Sabemos muito bem que a aprendizagem e a memorização dos fatos, a menos que sejam exercidas por um espírito livre e flexível, não beneficiarão o indivíduo nem a sociedade. (LOWENFELD, 1977, *apud* FERRAZ; FUSARI, 2010, p.35).

Descobri durante este período que, quero fazer com que meu trabalho como professor, uma atividade na qual tenha algum significado maior do que simplesmente transmitir conhecimentos. Este ofício pode sim, transformar vidas em algo melhor e, conseguir interromper uma dificuldade que futuramente venha a se ampliar e atrapalhar o desenvolvimento do ser humano, vindo a afetá-lo de forma negativa, como provavelmente deva ter acontecido a indivíduos que não tiveram a oportunidade de viver uma vida mais feliz.

No capítulo 1 relato as minhas aulas, com três turmas do segundo ano do ensino médio, as quais escolhi como objeto de estudo para o desenvolvimento das atividades que irei mencionar nesta pesquisa. Inicialmente tento descobrir como devo dar as minhas aulas, de forma que seja prazeroso para mim e meus alunos, pois vivo em constante descoberta em relação a isso. Menciono ainda como me sinto e me coloco em resistência ao desânimo no qual as situações da educação brasileira provoca a boa parte da comunidade escolar.

Sigo aquelas aulas teóricas que são consideradas chatas, por mim e pelos alunos também, aulas estas que constam no currículo mínimo e que a maioria dos professores segue. Porém, tento com isto, combinar aulas práticas com princípios básicos de jogos teatrais, atrelados à matéria prevista na parte teórica que consta neste currículo, e com isso dar sentido e amplitude maiores ao fazer artístico na escola.

Trago para a sala de aula os Jogos Teatrais de Viola Spolin, relatando as minhas aulas, antes de ter a ideia de utilizar os exercícios do Teatro do Oprimido. Trabalho também com jogos teatrais, caminhadas no espaço, aquecimentos corporais, aquecimentos vocais, criação de cenas que constam dos elementos básicos do Teatro Épico de Bertold Brecht. Estes são alguns dos exercícios que proponho ao longo das minhas aulas práticas iniciais e com isso os preparo para as técnicas do Teatro do Oprimido que virão a seguir nos Capítulos 2 e 3.

No capítulo 2 escrevo sobre a experiência que tive em uma oficina que frequentei sobre Teatro do Oprimido, que me inspirou a aplicar as metodologias e técnicas que pertencem a esse tipo de teatro. Ainda falo um pouco sobre o Teatro do Oprimido, transcrevo uma breve biografia

do teatrólogo Augusto Boal, a importância do “Teatro Imagem” dentro da metodologia do Teatro do Oprimido, e também transcrevo cartas escritas pelos alunos falando de suas opressões, que correspondem a um outro exercício que tive o prazer de participar e acabei por propor a eles.

No Capítulo 3 inicio um trabalho relacionado ao “Teatro Fórum”, proponho exercícios que estão de acordo com esta técnica, cenas que devem ser transformadas pela participação da plateia. Inicio a proposta de uma apresentação final na qual deverá ter como base a técnica do Teatro Fórum. No final, a apresentação não saiu do jeito que eu planejava, mas conseguimos transmitir, nem que seja o mínimo para que haja uma compreensão sobre o Teatro do Oprimido e suas possibilidades.

CAPÍTULO 1 – INÍCIO DAS AULAS – ENFRENTANDO AS DIFICULDADES

Nós queremos que o estudante aprenda, transforme-se e busque desenvolver-se; nós ensinamos, agimos, encenamos, criamos performances cotidianamente e interferimos mediando ações dentro das escolas, em contextos formais ou informais; usamos métodos de ensino, formas artísticas e valores culturais de nossa trabalho; trabalhamos como artistas, professores e medidores – nós desejamos que o estudante ou pessoa continue a aprender e a desenvolver-se através da vida sem a nossa intervenção. (COMBS, apud, TELLES, FLORENTINO, 2009, p.31).

Desde do início do ano de 2019, venho tentando trabalhar algo produtivo com essas três turmas do segundo ano do ensino médio. Escolhi essas turmas, por achar que elas são mais maduras e também, por conhecer bem os alunos, já que leciono teatro para eles desde o 7º ano do ensino fundamental.

Sempre tento ministrar aulas que sejam interessantes, e que deem prazer aos alunos de frequentar a escola. Percebo que os estudantes, principalmente da turma da manhã, já chegam ao colégio, repletos de desânimo; a maioria chega atrasado. A falta de organização atrapalha muito todo trabalho elaborado durante o ano letivo, os alunos se acostumam a não ter limites e regras, e com isso, se cria um certo desleixo que atinge inclusive o corpo docente. Muitas vezes me deparo com profissionais sem a devida vontade para realizar seus trabalhos, além de estarem dessa forma, também, desanimando os seus colegas, que por sua vez, entram na mesma sintonia e acabam numa depressão quase coletiva. Digo isso, porque, eu mesmo já senti essa energia negativa, quando estava no recinto destinado ao descanso, preparação de aulas e discussões acerca dos discentes. Às vezes não aguento permanecer na sala dos professores por conta disso, prefiro ir ao pátio e conversar com os alunos. Entendo que tanto a desmotivação do alunado, somada ao desestímulo dos profissionais de educação, acarretam um desastroso resultado de desenvolvimento acadêmico e pessoal por parte de cada estudante que ali está, dependendo de um educador que deveria estar perpetrando suas lições com paixão e entusiasmo.

Também podemos entender esta situação a partir da precarização do ensino público na cidade e também no país que já dura muitos anos. Não por falta de dinheiro, mas de interesse político.

Quando chego na sala de aula e olho para o semblante dos educandos, percebo um total desânimo. Isso me atinge profundamente a alma e tenho que lutar contra essa energia. Sei também que se consigo ultrapassar essa barreira, acabo contagiando-os com o ânimo necessário para um curso bem sucedido, por isso tento ao máximo não deixar meu desânimo transparecer, procurando transformá-lo em energia e entusiasmo.

Meu primeiro dia de aula com as turmas 2001, 2002 e 2003 no Colégio Estadual Bairro Jardim América, foi no dia 04 de fevereiro de 2019. A primeira turma foi a 2003, e como sempre, os alunos nunca chegam na hora, eles vão entrando aos poucos e a aula começa por volta das 7:30 horas.

A turma 2003 é dividida por alunos interessados, mas tem também um “grupinho” que não se interessa por nada, a ainda um ou outro que nem sequer fala. A esses alunos que não se interessam, que vivem no celular ou conversando, sempre pergunto, o que eles veem fazer na escola, questiono por qual motivo, eles acordam cedo para chegar lá e ficarem de conversa, escutando música, conectados em redes sociais, passeando pelo pátio. Eles sempre me respondem que estão ali obrigados, que seus pais os condenam a estarem ali todos os dias. Eu pergunto: – Para quê? Por que vocês não aproveitam que acordaram cedo, que estão aqui, para fazerem a diferença? Tento ao máximo, mostrar a eles que é extremamente importante a gente estudar, se esforçar, revelo que se a gente quer ser bem sucedido, não só financeiramente, mas principalmente intelectual e profissionalmente, precisamos estar bem formados e informados. Na minha opinião, se o indivíduo é evoluído, digo no sentido de ser bem informado, com algum estudo, conseqüentemente, ele terá mais oportunidades de fazer escolhas acertadas que certamente o beneficiarão em sua vida.

Neste primeiro dia, resolvi que iria fazer uma aula de apresentação dos alunos que eu não conheço, e daqueles que já conhecia, pedindo para falarem um pouco de si. Primeiramente me apresento, digo meu nome e sempre digo que sou professor de artes, mas enfatizo que não sou de Artes Plásticas, e sim de Artes Cênicas. Aí pergunto: “– Vocês sabem o que é Artes Cênicas?” Apenas os alunos que já me conhecem sabem o que é. Quando percebi que ninguém iria falar nada, pedi para um aluno muito interessado que já conheço respondesse, o Aluno 1¹.

Este aluno que gosto muito, está sempre disponível a realizar tudo o que eu proponho. Acho que é relevante dizer que é um menino de pele preta e homossexual. Ele faz parte de um grupo de pessoas que não tem tanta oportunidade e que sofre preconceitos, na maioria das vezes ou sempre, sofre violências graves. Percebo que quando o aluno em questão abre a boca para falar algo, alguns alunos do “fundão” da sala, debocham dele, por ele ter um jeito de falar mais afeminado. Quando isso acontece, não só nesta turma, mas em todas as turmas que leciono, sempre tento, de maneira bem sutil, não dar uma lição de moral, mas tento orientar e dizer que esse tipo de comportamento não será tolerado nas minhas aulas.

¹ Para proteger a identidade dos alunos, irei numerá-los, sem no entanto, revelar seus nomes.

Depois que me apresento e explico o que é Artes Cênicas e Teatro, peço para os alunos, um a um, se apresentarem. Neste processo, aproveito e observo o comportamento de cada um deles. Preciso perceber qual é o perfil da turma, para da melhor maneira possível executar o meu trabalho. Neste processo de apresentação, consigo verificar as características individuais, como: interesse, timidez, desinibição, simpatia, tristeza, alegria, dicção, gagueira, etc. Este diagnóstico é importante para que eu pense de que forma vou reger o meu trabalho com essa turma.

Em seguida, a segunda atividade que acho bem interessante e importante, é verificar se o estudante tem ou não coragem de se mostrar na frente de outros colegas, e para isso peço que eles apenas se posicionem na frente da sala, no local onde o professor fica, por apenas dois segundos, sem precisar falar nada, apenas se posicionem da forma que acharem confortável, pode ser de frente, de lado, agachado, fazendo alguma pose, fazendo alguma fotografia de uma cena que veio à cabeça. A única coisa que peço, é que eles não fiquem de costas e nem falem, por apenas dois segundos. Este exercício, aprendi em uma oficina que fiz com uma companhia de teatro que se chama “Grupo Milongas”, e achei superinteressante, pois pode ser usado como introdução ao universo teatral e quebra esse gelo que existe no que se refere a se apresentar perante outras pessoas.

Alguns alunos conseguiram executar a tarefa com facilidade, como o Aluno 1, que já mencionei antes. Outros tiveram uma certa dificuldade em ir até a frente, alguns nem foram. Eu costumo não tratar como algo obrigatório, digo que não obrigo ninguém a fazer nada, acho que tudo na vida tem que ser de boa vontade, tem que ser divertido e prazeroso. Entendo completamente quando um aluno não quer fazer o proposto pelo fato de ser tímido. Eu mesmo quando mais novo era inibido, e sou até hoje, lógico que em menor grau. O que não entendo, é o fato do aluno que não está interessado em nenhuma aula, seja ela de teatro, matemática, português, etc. Existem alunos que ficam perambulando pelo pátio e quando estão em sala, não fazem nada, ficam no celular, com o fone no ouvido. O pior é quando chega no final do ano, no conselho de classe, a direção pede a você que dê uma chance para este estudante, que o ano todo não quis nada e não se esforçou minimamente para conseguir a média, que é baixíssima, para passar de série. O professor percebe que todo o trabalho que ele preparou e pensou durante o ano foi desvalorizado pelo próprio sistema de avaliação da escola.

Como eu disse anteriormente, a 2003, é uma turma que mostra bastante interesse no trabalho. Depois dessa turma, dou aula para a 2001, onde alguns dos alunos que passaram de série automaticamente, porque assim é o sistema de avaliação.

Na 2001 as coisas são mais difíceis: há alguns alunos que eu conheço de outros anos, que ficam andando pela sala, raros são os que se interessam. É algo surreal, o professor não consegue sequer falar, fico roco às vezes, confesso que quando sei que vou começar a dar aula para essa turma, me sinto mais desanimado do que o normal. Iniciei a mesma tarefa que executei com a 2003, falei de mim, meu nome, perguntei o que é Artes Cênicas, ninguém soube me responder, alguns alunos fazem graça, debocham, curiosamente são os mesmos que ficam choramingando no final do ano implorando para que eu os ajude. Mas ajudo de muitas formas durante o ano todo, proponho diversos tipos de trabalhos e atividades valendo ponto?

Acho que é um sistema falido, que nós professores, profissionais da educação, Governo, Estado, temos que rever e tentar reconfigurar, para que isso melhore. Mas como fazer isso? Essa é uma pergunta muito difícil. Porque implica numa revisão estrutural. Percebo que os meus colegas de profissão tentam de várias formas transformar e construir uma educação de qualidade, mas parece que estamos dando socos em pontas de faca, a gente corre, corre e não sai do lugar. Tem-se a impressão de que para o Governo é mais interessante que a educação em geral seja defasada e que os cidadãos sejam completamente ignorantes, com isso é muito mais fácil comandar, adestrar um povo que aceita qualquer coisa. Canso de dizer aos meus alunos que, a maior manifestação contra o sistema, é justamente, estudar, ler, se informar, pois o conhecimento, ninguém consegue nos tirar, e com isso a gente consegue construir uma sociedade mais questionadora e conhecedora dos seus direitos, não deixando ninguém dizer o que temos que fazer com as nossas escolhas, cada um é dono e responsável pela sua própria vida e autor da sua própria história e no final, cada um só poderá contar consigo mesmo. Prefiro acreditar que consegui atingir a todos que escutaram, e que aquela ideia foi plantada lá dentro, no fundo do coração, e que a qualquer momento, essa semente brotará e se transformará em uma árvore enorme, e que essa árvore, possa dar excelentes frutos, e que esses frutos, possam alimentar cada vez mais seres humanos, para transformar tudo isso num mundo cada vez mais digno de ser vivido, pois só assim conseguiremos viver melhor, com mais qualidade.

Paulo Freire escreve:

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da Educação. (FREIRE, 2010, p.96).

Para a turma 2001, tentei explicar o que é a minha disciplina: disse a eles que as Artes Cênicas é um conjunto de artes que podem ser encenadas, pois a palavra “Cênicas”, vem de “Cena”, então disse a eles que o Teatro é uma dessas artes, mas também disse que no teatro, podemos utilizar todas as artes que estão incluídas nesta categoria, portanto, podemos usar a música, dança, circo, pintura, escultura, cinema, disse a eles que no teatro tudo é possível, trata-se de uma arte muito abrangente, capaz de receber muitas linguagens diferentes.

Na turma 2001, solicitei o mesmo exercício que propus na turma anterior, cada um iria a parte da frente da sala, local designado para ser o espaço cênico, se posiciona como quiser, como em uma cena, fica uns dois segundos e volta ao seu lugar. Nesta turma, cursam alguns educandos que são extremamente agitados e barulhentos, destaco um aluno que chamarei de Aluno 2. Mencionei este estudante, pelo fato dele ser considerado o terror dos professores da unidade escolar, pois seu nome é falado muito na sala dos professores. Ele é um dos alunos mais bagunceiros do colégio todo, é o tipo de pessoa que deve ter algum tipo de distúrbio, pois fica passeando pelo pátio do colégio, quando está em sala, é muito difícil ele se manter sentado em seu lugar, fala o tempo todo em volume elevado, parece apresentar um certo grau de hiperatividade, todavia é um aluno que gosta de participar das aulas práticas, mas do jeito dele, com a agitação dele. Quando solicitei que os alunos fossem à parte frontal da sala para fazerem a encenação de dois segundos, o Aluno 2, foi o primeiro a se levantar e executar o exercício, de uma forma completamente desinibida.

No geral esta ação, de ir até o espaço cênico e se colocar em cena por um certo período de tempo e voltar ao seu lugar, é bem satisfatório por ser uma tarefa relativamente simples, pois a pessoa não precisa fazer nada além de ir à frente, congelar por dois ou três segundos; por isso, o julgo bem interessante para principiar as aulas, para conhecer um pouco melhor os alunos.

Na turma 2001 a participação da tarefa de ir a frente e voltar, foi menor do que a 2003, nesta turma existem muitos alunos bons também, porém muito tímidos, mas acredito que essa questão seja um processo longo e lento, ninguém da noite para o dia vai deixar de ser inibido, é preciso todo um processo de construção.

Em seguida, me direcionei ao próximo grupo, a turma 2002, esta classe tem características bem peculiares, pois percebi que todos os alunos são bem tímidos e a maioria tem a autoestima baixa, na minha opinião esses dois contextos têm relação direta, e isso ocorre por alguma situação de opressão sofrida na infância, seja ela grave ou leve.

Então prossegui com a mesma sequência de tarefas, que propus nas turmas anteriores. Constatei que nesta turma frequentam pouquíssimos alunos que conheço, a maioria deles são calouros no colégio, portanto o processo deles em relação a uma turma que já vinha tendo aulas

de teatro, será mais lento, também pela situação de serem tímidos. Pedi para que cada um dissesse seu nome, idade e se já fez ou gostaria de fazer teatro.

Devido à localização do colégio, não é uma população que costuma ir ao teatro, museu, vão pouquíssimo ao cinema, então provavelmente uma das minhas maiores missões, é levar fazê-los compreender que a sua cultura está ao alcance de todos. Mesmo que não haja dispositivos oficiais. Achei interessante que alguns alunos disseram que gostariam de fazer teatro, isso me motiva bastante, me deixa um pouco mais animado para cumprir o meu ofício.

Quando solicitei que eles cumprissem o exercício de ir a frente, ficar por um tempo e voltar ao lugar, fiquei satisfeito, pois a maioria dos estudantes desta classe se arriscou a concluir este jogo.

Expliquei a eles, que na vida a gente tem que se arriscar mesmo, por que ninguém vai fazer por nós o que só a gente pode fazer, que além desse exercício ser muito interessante e útil para se inserir no teatro, ele também é uma forma de encorajar as pessoas a se aventurarem, dar a cara a tapa; parece ser uma coisa pequena, mas na verdade não é. Sempre dou o exemplo da entrevista de emprego, digo que em certo momento de nossas vidas, precisaremos arrumar um trabalho para nos sustentarmos, e para conseguir este emprego, temos a necessidade e oportunidade de nos colocarmos em evidência, falar em público, participar de dinâmicas de grupo, quanto mais desenvolto e comunicativo nós formos, mais chance teremos de conseguir a vaga desejada. Digo a eles que o teatro não é só uma arte de entretenimento, ele serve como ferramenta para diversos tipos de ensinamentos, como uma melhor comunicação com o outro, a afirmação de sua autoestima, a vivência das emoções e das experiências, o pensamento crítico sobre as ações, o desenvolvimento da capacidade de liderança e de viver e trabalhar coletivamente.

O sinal tocou e percebi que alguns alunos gostaram de estar em cena, outros se despediram com um sorriso, o que me deixou satisfeito. Se eu conseguir influenciar pelo menos um aluno e alcançar o grande objetivo de transformar a sua vida, já estarei satisfeito, pois acho que o professor tem muito poder em suas mãos em relação a isso.

Sempre depois que os alunos vão embora, me reúno com o restante dos professores no refeitório para almoçarmos antes de ir para a casa. Durante o almoço, nós sempre conversamos sobre as aulas e conseqüentemente, sobre os alunos. Neste primeiro dia, fiquei ansioso para desenvolver meu trabalho e disse o quanto estava animado para colocar em prática. Os primeiros dias de aula são sempre mais animadores, os alunos ainda estão tímidos, não se conhecem bem, principalmente os novos, penso que se todos os professores tivessem uma sintonia e trabalhassem da mesma maneira, em relação a acolher os educandos, acho que o

resultado final seria satisfatório, mas não sei o que acontece no meio do percurso, que algumas turmas, começam bem o ano e já no final, estão desinteressadas, como já aconteceu nos anos anteriores. Acredito que este resultado deva ser dividido entre docentes e discentes. E tento sempre descobrir o que posso fazer para reverter esta situação.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2010, p.23).

1.1. Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada

Para a aula seguinte, planejei uma aula teórica, e resolvi utilizar um caderno de atividades que fica disponível no site da SEEDUC, chamado “Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada”. Essa ferramenta, é algo que uso muito, pois ela se adequa ao currículo mínimo proposto pela Secretaria de Educação. Ela vem toda organizada por matéria, série e bimestre a ser aplicado, então de acordo com a série e período letivo, o tema a ser trabalhado no segundo ano do ensino médio, no primeiro bimestre, é justamente sobre Bertolt Brecht. Aplico este tipo de atividade para eu ter diversas opções de avaliação e conteúdos no qual eu possa me embasar, e também para cumprir o currículo mínimo.

Art. 2º - A Avaliação da Aprendizagem na Educação Básica é um procedimento de responsabilidade da escola e visa a obter um diagnóstico do processo de ensino-aprendizagem dos discentes em relação ao currículo previsto e desenvolvido em cada etapa do ensino. (Portaria SEEDUC/SUGEN Nº 419/2013, p.40)

Ainda sobre a avaliação:

A avaliação, como prática escolar, não pode ser uma atividade neutra ou meramente técnica, isto é, não pode se dar num vazio conceitual, mas por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação traduzido em prática pedagógica. Assim, a avaliação da aprendizagem possibilita ao professor conscientizar-se sobre o curso dos processos, dos objetivos, dos critérios utilizados e, sobretudo, da adequação dos instrumentos de avaliação. (Portaria SEEDUC/SUGEN Nº 419/2013, p.12)

Como afirma Caldeira:

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (CALDEIRA, 2000, p. 122).

Além disso sei que nem todos os alunos vão querer participar de aulas e avaliações práticas, então para que eu tenha variações e alternativas para propor trabalhos de pesquisa, a Secretaria de Educação exige que nós professores apliquemos no mínimo três instrumentos de avaliação, dentre eles: provas, testes, trabalhos de pesquisa, ponto por participação, auto avaliação, trabalhos práticos, etc.

§ 4º - Nas avaliações bimestrais deverão ser utilizados, no mínimo, 03 (três) instrumentos avaliativos diversificados com valores definidos pelo Professor para composição da nota bimestral do discente. (Portaria SEEDUC/SUGEN Nº 419/2013, p.41)

Também temos a chamada “Recuperação Paralela”, que é um tipo de avaliação que serve para recuperar a pontuação que o discente não conseguiu atingir durante cada instrumento avaliativo. Neste caso, ele é considerado um aluno de baixo rendimento.

Parágrafo Único - Considera-se baixo rendimento, para fins de atendimento ao estabelecido no caput deste artigo, quando o aproveitamento do discente, em cada instrumento de avaliação aplicado, for inferior a 50% (cinquenta por cento) da nota estabelecida.

Art. 12 - A recuperação de estudos deve ocorrer de forma paralela, oferecida obrigatoriamente ao longo de todo o período letivo, constituindo processo pedagógico específico, de natureza contínua, ocorrendo dentro do próprio

bimestre e agregando, sempre que se fizer necessário, novos instrumentos de avaliação com vistas a que se alcancem os objetivos propostos. (Portaria SEEDUC/SUGEN N° 419/2013, p.43)

Sempre escrevo os textos do caderno de atividades, no quadro. Como há uma dificuldade para imprimir no colégio, então eu baixo o arquivo no celular e copio, tanto o texto, como os questionários e peço para os alunos se reportarem ao caderno. Costumo dar pelo menos meio ponto para quem copiar, e esta ação, já pode contar como instrumento avaliativo.

Depois que os alunos acabam de copiar, peço que me mostrem o caderno para que eu dê um visto. Este ato ajuda muito, uma vez que, só pelo motivo de valer alguma pontuação, os alunos são motivados a copiar. Sempre escrevo apenas a metade do texto em uma aula e continuo a outra parte na aula seguinte, porque os alunos não são rápidos copiando. Vários demoram, conversando e mexendo no celular. Aliás, esta questão do celular, é muito complicada, eles sabem que é proibido o uso de qualquer aparelho eletrônico na sala de aula, sem a autorização do docente. No início do ano, nós professores sempre expomos esta informação, mas no dia seguinte eles já estão com os olhos colados na tela do *smartphone*, é como um vício, e como a direção não toma uma atitude mais firme fica difícil o controle desta situação.

Normalmente divido o texto da matéria em três aulas: na primeira aula copio a metade do texto, quando eles acabam e eu dou o visto no caderno, leio e esclareço o conteúdo; na segunda aula, faço a mesma coisa, escrevo a outra metade do texto, assino as anotações e falo mais um pouco, lógico que isso tudo com um pouco de dificuldade, visto que existem pessoas na sala que são lentas, e na hora da explicação, sempre tem um ou outro que não consegue ficar em silêncio, impedindo a dinâmica da aula.

Na turma 2003, os alunos copiam tranquilamente o que eu coloco no quadro, já na turma 2001, alguns copiam, mas a maioria não o faz e ficam sem a pontuação. Também tem aqueles alunos que demoram muito para copiar, terminam quando a aula está acabando. Às vezes é complicado, porque nem consigo explicar o conteúdo no mesmo dia, devido a estes atrasados.

Na 2001 há um problema que me atrapalha bastante: eu dou dois tempos em cada turma, mas na classe 2001, os tempos são divididos pelo intervalo, essa questão me dificulta muito, já que eles querem sair mais cedo para o recreio, e quando acaba, eles nunca voltam no horário. Já conversei sobre isso com a direção, propondo que esses dois tempos fossem ininterruptos, e o intervalo só acontecesse depois do quarto tempo, assim como acontece em outras escolas que já trabalhei, mas infelizmente não fui atendido.

Já na turma 2002, os educandos são mais rápidos e sempre copiam as tarefas em um tempo bastante razoável. O grande problema da turma 2002 é que é uma turma com menos alunos, onde muitos são faltosos. Isto prejudica até se por ventura eu vier a montar algum tipo de espetáculo teatral com eles, uma vez que se eu escolher alguém para fazer a peça, corro o risco desse aluno faltar em momentos importantes e até mesmo na apresentação, como já aconteceu anteriormente, em outros trabalhos, com outras turmas; não posso contar totalmente com certas pessoas, isto é complicado.

A matéria teórica que aplico nas minhas turmas, serve para compor as provas escritas, como eu tenho que sobrepor três tipos de instrumentos avaliativos, a prova objetiva é uma boa opção, os outros dois, podem ser: trabalho de pesquisa e trabalho prático.

O trabalho de pesquisa é sempre sobre algum assunto que se ajuste ao currículo mínimo. A Secretaria de Educação propõe uma série de assuntos que tem que ser trabalhado para cada turma em um bimestre específico, este documento tem sua última atualização em 2013.

A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro elaborou o Currículo Mínimo da nossa rede de ensino. Este documento serve como referência a todas as nossas escolas, apresentando as competências e habilidades que devem estar nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Com isso, pode-se garantir uma essência básica comum a todos e que esteja alinhada com as atuais necessidades de ensino, identificadas não apenas nas legislações vigentes, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, mas também nas matrizes de referência dos principais exames nacionais e estaduais. Consideram-se também as compreensões e tendências atuais das teorias científicas de cada área de conhecimento e da Educação e, principalmente, as condições e necessidades reais encontradas pelos professores no exercício diário de suas funções. (Currículo Mínimo, 2013, p.2).

Eu, como sou professor de Artes, tenho a matéria subdividida em quatro linguagens artísticas: dança, música, artes plásticas e teatro. Não tenho a obrigação de seguir à risca o livro de currículo mínimo, já que ele foi elaborado para a harmonia da disciplina em todas as unidades escolares. Na verdade o currículo, serve como ponto de partida para o desenvolvimento de algum trabalho, confesso que na maioria das vezes, eu não sigo esta cartilha.

O Currículo Mínimo visa estabelecer harmonia em uma rede de ensino múltipla e diversa, uma vez que propõe um ponto de partida mínimo - que precisa ainda ser elaborado e preenchido em cada escola, por cada professor, com aquilo que lhe é específico, peculiar ou lhe for apropriado. O trabalho fundamentou-se na compreensão de que a Educação Básica pública tem algumas finalidades distintas que devem ser atendidas pelas escolas da rede estadual, muitas vezes através da elaboração do currículo. Isto é, o Currículo Mínimo apresentado busca fornecer ao educando os meios para a progressão no trabalho, bem como em estudos posteriores e, fundamentalmente, visa

assegurar-lhe a formação comum indispensável ao exercício da cidadania. (Currículo mínimo, 2013, p.2).

Além disso, o currículo mínimo da disciplina Artes, também é dividido pelas quatro linguagens, mas o professor desta matéria, só trabalhará com o tópico referente à sua formação.

Por fim, ressaltamos que, embora esta proposta apresente as quatro linguagens artísticas acima descritas, a sua obrigatoriedade se vincula apenas àquela na qual o professor de Arte possui formação específica, ainda que atividades das outras linguagens sejam utilizadas como estratégia de enriquecimento do seu trabalho em sala de aula. (Currículo mínimo, 2013, p.5).

Eu acabo trabalhando com uma base do currículo, já que utilizo o caderno de atividades pedagógicas autorreguladas. Essas duas ferramentas dialogam de forma satisfatória, cabendo também ao professor incrementar ainda mais as suas atividades, para que não sejam consideradas empobrecidas.

O fato de o professor de artes ser formado em uma linguagem específica, não o impede de trabalhar com as outras formas de artes.

Nesse sentido procurou-se, neste documento, fugir à superespecialização que a formação específica do docente licenciado poderia acarretar, propondo competências e habilidades que permitam o exercício da interdisciplinaridade e a polifonia entre aquelas distintas linguagens e outras disciplinas da matriz curricular. (Currículo mínimo, 2013, p.3)

O teatro em si, é uma disciplina que consegue se adaptar com qualquer um dos outros conteúdos existentes, seja ela do ensino básico ou não, como disse anteriormente, no teatro tudo pode, e é isso que torna essa arte tão abrangente e apaixonante.

1.2. Virando o Jogo – Viola Spolin, Bertolt Brecht e Augusto Boal

Nas primeiras aulas, pretendia seguir o currículo mínimo, mas percebo que as aulas de teatro são mais prazerosas quando colocamos os alunos em protagonismo, e não só quando seguimos o roteiro acadêmico e teorizamos o que tem que ser praticado com ações, principalmente dramáticas. Percebo que tenho mais prazer, quando implanto exercícios práticos, jogos teatrais e encenações. Gosto muito de utilizar músicas em minhas atividades, acho que a musicalidade é algo que auxilia muito no desenvolvimento, tanto dos jogos, quanto das cenas.

Jogos Teatrais é uma expressão utilizada para designar qualquer estrutura de jogo que possa ser utilizada no teatro, seja dramático (a partir de textos de teatro), cenas, esboços ou

improvisações, ou também na forma de jogos lúdicos ou brincadeiras. Em uma forma mais específica, Jogos Teatrais são a designação dos jogos improvisacionais desenvolvidos para fins de preparação de atores profissionais ou na utilização do teatro para iniciantes ou mesmo nas atividades escolares.

Os Jogos Teatrais são bastante importantes para a preparação, não só de atores, como também para o desenvolvimento de aprendizagem e também treinamento de ações não cotidianas. Segundo Viola Spolin:

Os jogos tornarão os alunos mais conhecedores de si mesmos. Jogando, os alunos não irão adquirir apenas habilidades de performance, mas aprenderão também as regras básicas para contar histórias, apreciação da literatura e construção de personagens. (...) Os alunos aprenderão mais por experiência do que por preleções e fórmulas feitas. A oficina orientada por meio de jogo teatral tornou-se a base para uma nova abordagem do teatro, florescendo em centenas de grupos de teatro improvisacional em todo país. (SPOLIN, 2012, p.27; p.30).

Os jogos ajudam muito no conhecimento do próprio corpo, os limites que cada um tem, ajuda na improvisação caso o aluno/ator precise salvar seu parceiro de cena. São muito úteis para o crescimento dos alunos que vivenciam as atividades teatrais, tanto em grupo, como individuais. Entendo que o ser humano já tem a “semente” teatral dentro de si, e precisa reativar essas emoções que já estão intrinsicamente em seu interior. Os jogos são uma forma de treinamento para adquirir ideias para a encenação e enriquecer um leque de memórias, que possam ser acessadas quando for necessário, como se cada um tivesse um arquivo/acervo dentro de si, que na ocasião propícia, poderá ser aproveitado.

Viola Spolin

O coração da improvisação é a transformação.
(SPOLIN, 2012, p.32).

Gosto muito de empregar jogos da autora e diretora de teatro norte-americana, Viola Spolin (1906-1994) que nasceu em Chicago, em 7 de novembro de 1906, numa família de imigrantes judeus russos. O contato com o trabalho de Neva Boyd² exerceu uma influência decisiva para a concepção do sistema de Jogos Teatrais. Neva Boyd trabalhou com o

² Importante educadora e trabalhadora social norte-americana, fundou a Escola de Recreação e Treinamento (Recreational Training School) na Hull House de Chicago. A escola tinha um programa de trabalho de grupo com imigrantes, que se desenvolvia com ginástica, dança, jogos, arte dramática, teoria do jogo. Boyd foi professora de sociologia e serviço social da Northwestern University de 1927 a 1941.

treinamento de educadores e assistentes sociais com o objetivo de integrar socialmente os imigrantes que chegavam às grandes cidades americanas. Em 1938, Viola Spolin assume a supervisão de teatro em Chicago do *Works Progress Administration's recreational Project WPA*³ e, integrado a política do *New Deal*⁴, do presidente Roosevelt (1933-1937) buscava combater a recessão econômica e seus efeitos por meio de aulas de arte e artesanato para trabalhadores. Foi neste trabalho que Spolin percebeu a necessidade de um sistema de treinamento teatral que fosse de fácil entendimento e que pudesse as barreiras culturais e étnicas existentes entre os atendidos pelo projeto. Baseando-se no treinamento com Neva Boyd, ela desenvolveu novos jogos. Uma vez que trabalhava com imigrantes que tinham pouco domínio sobre a língua inglesa, sua abordagem tem uma característica não-verbal. Foi então que iniciou-se o desenvolvimento do método que viria a ser chamado de *Theater Games*.

Em seu segundo casamento, uniu-se Edward Spolin, cenógrafo do WPA. Em 1939, no WPA, Viola Spolin utilizou pela primeira vez as sugestões da plateia. Na *Chicago Hull House*, crianças de menos de quatorze anos improvisavam a partir de circunstâncias dramáticas sugeridas pela plateia, inaugurando um procedimento que se tornaria a marca do teatro improvisacional norte-americano. Ali, ela começou a desenvolver Jogos Teatrais para solucionar problemas que apareciam no teatro realizado pelas crianças.

Em 1946, Spolin mudou-se para a Califórnia, onde fundou a *Young Actors Company*⁵ em Hollywood que dirigiu até 1955. Nesta Companhia, ela utilizou os Jogos Teatrais para produzir peças com crianças atuando. Também neste período, Spolin desenvolveu o sistema de Jogos Teatrais que resultaria na publicação de *Improvisação para o Teatro*. Este livro publicado em 1963, é uma espécie de bíblia dos educadores em jogos dramáticos e na arte do teatro. Manual útil para atores profissionais e amadores, professores e crianças. Para a escola e os centros comunitários oferece um detalhado programa de oficinas de trabalho. Aos diretores de teatro propicia uma compreensão dos problemas enfrentados pelos atores e das técnicas para

³ Era uma agência americana do New Deal, empregando milhões de candidatos a emprego (principalmente homens não qualificados) para realizar projetos de obras públicas, incluindo a construção de edifícios públicos e estradas. Foi criada em 6 de maio de 1935, pela Ordem Executiva 7034. Acima de tudo, a WPA contratou trabalhadores e artesãos que trabalhavam principalmente na construção de ruas. Assim, sob a liderança do WPA, foram construídos mais de 1 milhão de km de ruas e mais de 10.000 pontes, além de muitos aeroportos e muita habitação.

⁴ O New Deal foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1937, sob o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana, além de auxiliar os prejudicados pela Grande Depressão

⁵ É uma instituição que ensina teatro para jovens, localizada em Hollywood, Los Angeles, EUA.

solucioná-los. Promove, ainda, uma discussão dessa atividade na educação, na dança, na psiquiatria, na convivência social e na criatividade artística.

O sistema de Jogos Teatrais é estendido a um número cada vez maior de áreas de conhecimento e ação social. Os Jogos Teatrais, agora chamados simplesmente de *Spolin Games*, constituem-se como uma abordagem alternativa que vem trazendo contribuições para a educação formal e informal. Além de sua aplicação com os estudantes e profissionais de teatro, ensino fundamental e médio, os Jogos Teatrais são utilizados em programas para superdotados, trabalhos em religião, saúde mental e centros de reabilitação de crianças e jovens delinquentes.

Spolin destaca três pontos essenciais do todo jogo teatral: foco, instrução e avaliação.

O foco é um problema essencial para o jogo que pode ser solucionado pelos participantes. Nas oficinas, professor apresentará o foco como parte do jogo, mantendo-se atento a ele para dar as instruções quando necessário. O foco coloca o jogo em movimento. Todos se tornam parceiros ao convergir para o mesmo problema a partir de diferentes pontos de vista. (...) O *foco* não é o objetivo do jogo. O esforço em permanecer com o foco e a incerteza sobre o resultado diminui preconceitos, cria apoio mútuo e gera envolvimento orgânico no jogo. (...) Acredito no foco e observe a superação da rotina. Permita que todos joguem e descubra a criatividade oculta naqueles alunos cujo desempenho escolar é normalmente insatisfatório. Seja paciente. Logo descobrirá que mesmo a criança menos responsável ficará orgulhosa daquilo que está fazendo (SPOLIN, (2012, 32-33).

A presença do foco, que é conhecida por todo grupo, mantém a atenção, permite que os mais tímidos não se sintam tão perdidos, porque sabem o que têm de fazer e também canaliza a energia daqueles alunos mais desinteressados ou dispersos. É bastante eficaz em turmas em que alguns alunos não se interessam por fazer nada.

A instrução é o enunciado daquela palavra que mantém o jogador com o foco. As instruções são dadas no momento em que os jogadores estão em movimento. A instrução deve guiar o jogador em direção ao foco e faz com que cada jogador retorne ao foco que dele se distancia. Por exemplo: “– Não conte o que vai fazer. Faça!”, – “Permaneça com o olho na bola”. (...) Além disso, dá ao professor-diretor o seu lugar dentro do jogo como parceiro. (SPOLIN, 2012, 33).

A instrução torna o professor um parceiro de jogo. Altera a relação tradicional entre o professor e o aluno, criando uma relação em movimento. A instrução é geral, não é para um jogador apenas, é para o grupo todo manter-se no foco.

A avaliação não é julgamento. Não é crítica. A avaliação deve nascer do foco, da mesma forma como a instrução. Avalia-se se o foco e a instrução foram concretizadas. E todos podem participar desta avaliação. Professor e alunos. Não há certo ou errado. O que há é uma avaliação

se o foco foi atingido. Acredito que esta seja a melhor forma de avaliação. Pois dá ao aluno uma responsabilidade na realização e nos comentários do jogo e não incentiva o “gostei” ou “não gostei”, porque os critérios e objetivos estão evidentes para todos.

Acredito também que apresenta uma nova forma de avaliação, diferente do Caderno de Atividades, e que incentiva o amadurecimento dos alunos, desenvolvendo sua capacidade de refletir sobre a prática.

Durante as oficinas de jogos teatrais, procure tornar-se consciente dos efeitos da aprovação/desaprovação sobre você mesmo e seus alunos. Quando as perguntas de avaliação são baseadas no problema (foco), nenhum jogador é ridicularizado, menosprezado, manipulado e a confiança nos parceiros de jogo cresce. A parceria é formada e todos são libertos para assumir responsabilidade pela sua parte ao praticar o jogo. (SPOLIN, 2012, p.37).

Augusto Boal

Na aula seguinte, decidi aplicar algo prático aos meus alunos. Então no dia anterior, separei a minha caixa de som, um pen-drive com algumas músicas que baixei para dar esse tipo de aula. São elas, músicas instrumentais de diversos ritmos, algumas são trilhas sonoras de filmes, então tenho músicas tristes, alegres, de terror, mais agitadas. Considero a música como uma grande aliada na execução de aulas práticas de respiração, aquecimento corporal, jogos teatrais, enfim, tudo que se refere às práticas teatrais.

O CEBJA tem um auditório recém construído, que é excepcional para as artes cênicas, é um lugar amplo e espaçoso que nos permite fazer vários tipos de exercícios teatrais, e além disso as cadeiras são móveis, o que nos facilita ainda mais, uma vez que temos a possibilidade de empilhá-las no canto da sala e ganhar mais espaço.

Na segunda feira de manhã, que é o dia em que ministro as aulas para essas turmas, somente eu utilizo o auditório, os outros professores deste dia, preferem dar suas aulas nas salas convencionais, portanto, isso para mim é perfeito, já que tenho a pretensão de utilizá-lo bastante.

No primeiro dia de aula prática, iniciei meu trabalho, como sempre com a turma 2003. Os alunos foram chegando e se dirigiram a sala tradicional que eles frequentam, e quando eu acabei de arrumar as cadeiras do auditório, fui até onde eles estavam e os chamei para irem ao auditório. Os alunos foram entrando e se sentando nas cadeiras, eu me posicionei em pé ao centro do círculo, quando os estudantes se distribuíram por completo, e comecei com um “Bom dia”.

Na abertura desta aula disse aos alunos que tenho a intenção de montar uma peça teatral no final do ano. Alguns ficaram preocupados, outros adoraram a ideia. Disse aos estudantes que para a aula deste dia iria propor alguns exercícios e aquecimentos, pedi para que eles ficassem de pé e em círculo, liguei a minha caixinha de som e coloquei a música num volume razoável. Comecei os comandos de alongamento, pedi para que ficassem em posição neutra, com os pés paralelos aos ombros, em seguida que se espreguiçassem para soltar as tensões do corpo, depois um alongamento, enrolado e desenrolando a coluna; o próximo exercício foi efetuar o giro de pescoço, bem lento para um lado, depois de um tempo, para o outro lado, a seguir, rotação de ombro para frente, depois para trás, alongamento de parte anterior da coxa, puxando o pé para trás; cada alongamento desse deve durar em média uns quinze segundos. Os alunos começam a perguntar se isso é aula de educação física, digo a eles que o ator precisa se aquecer, pois o corpo é seu instrumento de trabalho, então ele precisa estar preparado para o que está por vir.

Depois desta preparação, digo para eles saltitarem por um tempo, alguns alunos já começam a se sentar, o que me deixa desapontado, então digo a eles que quem participar da aula, do início até o final, vai ser contemplado com um ponto. Infelizmente preciso utilizar deste recurso para conseguir com que eles se sintam motivados a entrarem na brincadeira.

Após os exercícios de preparação, peço para que eles caminhem pelo espaço normalmente, como se estivessem andando pelas ruas, em seguida, peço que escutem a música e dependendo do ritmo, digo para que a utilizem: – “Caminhem como se a trilha sonora fosse a de um filme no qual vocês estão fazendo parte!”. Tenho certeza que essa prática auxilia muito na criação de uma história, estimula a imaginação.

Com isso eu vou alterando o tipo de canção, do ritmo mais lento, para um mais acelerado, nesse momento peço para que tomem cuidado e não esbarrem nos colegas, falo que é proibido encostar em alguém, e começo a aplicar um jogo teatral bastante conhecido que faz parte dos exercícios do Teatro do Oprimido, chamado: “Ao contrário de Jackson”.

Os jogadores caminham pelo espaço, até que o coordenador dá alguns comandos, então eu digo: – “Caminhando!”, eles continuavam a caminhar. Até que eu mudo o comando: – “Parem!”, todos param. Aí é que vem a parte legal do jogo, quando eu digo: – “Pare!”, todos devem caminhar, quando eu digo: – “Caminhando!”, todos devem parar. Neste momento, eu faço várias inversões, e percebo que nesta fase do jogo, os alunos começam a se divertir, eles começam a ficar eufóricos e não param de falar, em certos momentos precisei usar o microfone, que por sorte também levei para a aula. O grau de dificuldade começa a aumentar, quando eu começo a adicionar mais comandos à brincadeira, então eu digo: – “Pulem!”, e eles pulam, mas continuando a inversão dos comandos anteriores. Em seguida eu digo: – “Nome!”, cada um tem

que dizer o seu primeiro nome, até que eu também inverteo esses comandos. Então se eu disser: – “Pulem”, eles têm que falar seu próprio nome, se eu disser: – “Nome!”, eles terão que pular.

Neste jogo eu posso adicionar quantos comandos eu quiser, e quanto maior a quantidade, maior a dificuldade e a diversão. Gosto muito de aplicar este jogo de aquecimento, pois ele ajuda a acionar a concentração, integra os educandos a partir de algo divertido, quebra o gelo, e “acorda” os alunos que estudam na parte da manhã, que chegam com sono.

Segundo Boal:

(...) utilizo a palavra “exercício” para designar todo movimento físico, muscular, respiratório, motor, vocal que ajude aquele que o faz melhor conhecer e reconhecer se corpo, seus músculos, seus nervos, suas estruturas musculares, suas relações com outros corpos, a gravidade, objetivos, espaços, dimensões, volumes, distâncias, pesos, velocidade e as relações entre essas diferentes forças. Os exercícios visam a um melhor conhecimento do seu corpo, seus mecanismos, suas atrofias, suas hipertrofias, sua capacidade de recuperação, reestruturação, re-harmonização. O exercício é uma *reflexão física* sobre si mesmo. Um monólogo, uma introversão. Os jogos em contra partida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens, Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são *extroversão*. (BOAL, 2012, p.109)

Segundo Spolin:

O jogo instiga e faz emergir uma energia do coletivo quase esquecida, pouco utilizada e compreendida, muitas vezes depreciada.

Teóricos enfatizam a importância do jogo no processo de aprendizagem na infância, desde Rousseau⁶ e Dewey⁷ a Piaget⁸ e Vygotsky⁹. Mais do que mera atividade lúdica, o jogo constitui-se como cerne da manifestação da inteligência no ser humano. A escola, até hoje, nega o jogo como poderoso instrumento de ensino/aprendizagem. (SPOLIN, 2012, p.21).

⁶ Jean-Jacques Rousseau, (Genebra, 28 de junho de 1712 — Ermenonville, 2 de julho de 1778), foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

⁷ John Dewey (Burlington, Vermont, 20 de outubro de 1859 — 1 de junho de 1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano. Dewey foi um dos principais representantes da corrente pragmatista inicialmente desenvolvida por Charles Sanders Peirce, Josiah Royce e William James. Ele também escreveu extensivamente sobre pedagogia, onde é uma referência no campo da educação moderna. Dewey tinha fortes compromissos políticos e sociais.

⁸ Jean William Fritz Piaget (Neuchâtel, 9 de agosto de 1896 - Genebra, 16 de setembro de 1980) foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

⁹ Lev Semyonovich Vygotsky foi um pensador importante em sua área e época, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Veio a ser descoberto pelos meios acadêmicos ocidentais muitos anos após a sua morte, que ocorreu em 1934.

Segundo Peter Slade:

O jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. Isto é um processo de “nutrição” e não é o mesmo que interferência. É preciso construir a confiança por meio da amizade e criar a atmosfera propícia por meio de consideração e empatia. (SLADE, 1958; p.17).

Fiquei bastante satisfeito com o resultado, esse tipo de acontecimento é algo que ajuda muito a me animar com relação à função de ministrar aulas práticas de teatro, mesmo que alguns alunos não queiram participar até o final, mas pelo menos ficam assistindo de fora.

O próximo jogo que utilizei com os meus alunos, foi um jogo que se chama: “Hipnotismo Colombiano”, ele tem este nome pelo motivo de ter sido criado na Colômbia pelo teatrólogo Augusto Boal.

Um ator põe a mão a poucos centímetros do rosto de outro; este, como hipnotizado, deve manter o rosto sempre à mesma distância da mão do hipnotizador, os dedos e os cabelos, o queixo e o pulso. O líder inicia uma série de movimentos com as mãos, retos e circulares, para cima e para baixo, para os lados, fazendo com que o companheiro execute com o corpo todas as estruturas musculares possíveis, a fim de se equilibrar e manter a mesma distância entre o rosto e a mão. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador. As mãos do hipnotizador não devem jamais fazer movimentos muito rápidos, que não possam ser seguidos. O hipnotizador deve ajudar seu parceiro a assumir todas as posições ridículas, grotescas, não usuais: são precisamente estas que ajudam o ator a ativar estruturas musculares pouco usadas e a melhor sentir as mais usuais. O ator vai utilizar certos músculos esquecidos do seu corpo. Depois de uns minutos, trocam-se o hipnotizador e o hipnotizado. Alguns minutos mais, os dois atores se hipnotizam um ao outro: ambos estendem sua mão direita, e ambos obedecem à mão um do outro. (BOAL, 2012b, p.113).

Então iniciei a explicação do exercício à turma 2003, pedi para formarem duplas e uma pessoa da dupla seria o hipnotizador, a outra seria o hipnotizado. Sempre que aplico esse jogo em específico, os alunos nunca o fazem da forma correta, falam muito durante o exercício, fazem movimentos muito bruscos, e tenho que sempre estar interrompendo o processo para tentar colocar o grupo em ordem, então prefiro colocar uma música para auxiliar na execução da atividade. Aos poucos os educandos vão pegando o jeito, eles começam a se divertir, e isso é muito bom. Quando não consigo fazer com que eles entendam, rapidamente peço para que

algum deles seja o meu hipnotizador, então demonstro como se movimentar, sugiro que é preciso estar com a ponta do nariz mais próxima à palma da mão do hipnotizador e os movimentos são bem suaves, de acordo com o ritmo da música. Para este exercício, prefiro usar músicas bem lentas, para que eles não se machuquem e possam fazer uma grande variedade de movimentos e utilizar todos os espaços. Depois de um certo tempo, peço para que os jogadores troquem de função dentro da dupla, quem era hipnotizador, passa a ser o hipnotizado e vice-versa. Existem muitas variedades deste exercício, por exemplo, um hipnotizador com dois hipnotizados; também apliquei esta variante às turmas.

Para finalizar, gosto de propor uma variação deste jogo bem interessante: peço que apenas uma pessoa vá até o centro do círculo e comece a se movimentar de acordo com o ritmo da música que está tocando, os outros participantes que estão em volta, vão se hipnotizando por alguma parte do corpo da pessoa que está ao centro, cada um no seu tempo: um se atrai pelo joelho, outro pelo pé, o próximo pela mão, também têm aqueles que se atraem pela parte do corpo de alguém que está hipnotizado, até que todos do grupo estejam se movimentando de acordo com as partes hipnotizantes; eles se transformam num verdadeiro bloco em movimento, como em uma grande dança, é bonito de se ver.

Este jogo é bem conveniente para a exploração de movimentos que não estamos acostumados a fazer cotidianamente e a acessar uma musculatura que não exercitamos normalmente no dia a dia, também é legal para aflorar a imaginação e a criatividade quanto à criação de histórias para encenações.

Consegui neste dia aplicar com êxito esses dois jogos de Boal para as três turmas que estou trabalhando, lógico que na medida do possível, nunca as aulas são totalmente tranquilas, sempre tem um ou outro obstáculo que dificulta o trabalho, mas que nós professores sempre precisamos resolver, mas não foi nada tão grave que tenha me impedido de realizar a aula, no geral foi bom, tendo em vista que é um grupo não muito disponível a participar deste tipo de aprendizado.

Bertolt Brecht e o Teatro Épico

Hoje tive a ideia de apresentar algo referente ao autor e teatrólogo Bertolt Brecht, precursor do “Teatro Épico”. Pensei em propor um trabalho em grupo, onde cada um iria criar e montar cenas curtas com algum tema específico, mas que na encenação deveria constar elementos épicos, como: narrador, quebra da quarta parede, placas informativas, etc. Então cheguei ao colégio e peguei logo a chave do auditório, aguardei na sala dos professores até os

alunos entrarem e logo me direcionei a sala da turma 2003, solicitei para os alunos se dirigirem ao local destinado a aula, arrumei as cadeiras em círculo como na aula anterior, fiz a chamada, quando terminei, preferi primeiramente fazer um aquecimento, pois se eu começar logo com o trabalho sem fazer uma preparação antes, seria mais difícil pelo fato de os alunos ainda estarem sonolentos. Os exercícios de respiração e aquecimentos corporais servem para acordar o corpo, isso é inteiramente necessário nesta ocasião.

Comecei a aula com uma roda, solicitei aos educandos que se espreguiçassem. Acho o ato de se espreguiçar um bom exercício de alongamento, principalmente pelo período da manhã. Em seguida comecei com alongamentos de coxa, depois rotação de tornozelo, rotação de pescoço, de um lado e de outro, diversos alongamentos de braço, rotação de ombro, para frente e para trás, saltos por um tempo. Depois exercícios de respiração, inspirar o ar e soltar ao som de “S” o máximo de tempo que conseguir até esvaziar completamente o pulmão, repeti este exercício umas três vezes. Após, inspirar e soltar o ar ao som de “X”, também como o exercício anterior, é importante que o ar seja solto até não sobrar nada no pulmão, este também foi repetido três vezes; depois o mesmo processo, mas desta vez o som a ser utilizado é o da letra “Z”. Em seguida propus um bombeamento de ar, respiração utilizando o diafragma, quando se inspira, a barriga se enche de ar, quando solta, a barriga esvazia fazendo um movimento de encolhimento. Esses exercícios de respiração, são bem adequados às pessoas que precisam declamar textos longos. Depois sugeri uma espécie de “trava língua”, com as vogais: “Fla”, “Fle”, “Fli”, “Flo”, “Flu”, Depois: “Pracratrá”, “Precretré”, “Pricritrí”, “Procrotro”, “Prucrutrú”, em seguida uma tremida de língua: “TRU”, bem alongada até o momento em que ar se esgote. Estes exercícios de “trava língua”, são excelentes para a articulação e melhoram a dicção do indivíduo ao falar, também contei com exercícios de articulação de mandíbula, o chamado: “Mastigação selvagem”, onde a pessoa faz movimentos bem exagerados de uma suposta mastigação; esta atividade também é muito boa para ajudar na articulação da fala.

Escolhi trabalhar sobre Bertolt Brecht e o teatro épico, para propor alguma encenação que dialogue com algum tema que eles sugiram, ou também posso encomendar alguma cena ou esquete que utilize os elementos do teatro épico, elementos esses que são usados pelo autor para criar o “efeito de distanciamento”.

De acordo com Brecht, o teatro épico é um drama narrativo que nos oferece uma análise crítica da sociedade, procurando mostrar a realidade para levar o espectador a pensar, reagir criticamente e a tomar posição.

O “efeito de distanciamento” ou “efeito de estranhamento”, às vezes traduzido como: “efeito de desilusão”, foi prática comum no teatro do início do século XX na Rússia e na

Alemanha, principalmente entre os encenadores Erwin Piscator e Meierhold, assim como nas representações do agit-prop soviético. Este conceito se torna conhecido mundialmente a partir dos trabalhos teóricos de Bertolt Brecht, seu objetivo é tornar claro ao espectador que ele está frente a uma obra de arte, de que a representação teatral é uma ilusão. É uma proposta que tenta se contrapor ao teatro naturalista / realista / ilusionista. E na segunda metade do século XX se tornou também inspiradora do chamado “teatro pós-dramático”.

No drama aristotélico não há ninguém que possa narrar a ação: o autor está ausente, os atores se transformam totalmente nas personagens que vivem, agora, o seu destino.

O termo “teatro épico” vem sendo usado desde a década de 1920, depois de ter sido introduzido pelo diretor teatral Erwin Piscator (1893-1966) e por Bertolt Brecht (1898-1956). A palavra “épico” é usada na sua acepção técnica, significando “narrativo”, que não deve ser confundida com a acepção popular, mais ou menos sinônima de “epopeia”, poema heroico extenso, por exemplo a *Iliada* ou *Os lusíadas*. O termo “épico” refere-se a um gênero literário que abrange todas as espécies narrativas, ao lado da epopeia, do romance, da novela, do conto etc. Assim o teatro épico se contrapõe ao teatro dramático, ao teatro tradicional ou aristotélico. (ROSENFELD, 2012, p.27).

O teatro burguês europeu, aristotélico é tradicionalmente marcado pelos diálogos e a representação e conflito entre as personagens. Não há nenhum tipo de narração ou interferência de algo fora da cena, é um teatro extremamente rigoroso, onde a ação é sua única vertente.

Segundo a concepção tradicional, o drama é ação que se desenrola agora, em plena atualidade: as personagens vivem o seu destino *agora*, pela primeira vez (e numa representação em série, toda noite é a primeira vez). Ou seja, os atores não reproduzem, narram ou relatam o destino de César, de Maria Stuart ou de Macbeth, mas vivem o drama deles, cada noite de novo, na atualidade da representação. Eles se transformam de tal modo nos heróis que desaparecem por completo, restando no palco apenas as personagens. (...)

No drama aristotélico não há ninguém que possa narrar a ação: o autor está ausente, os atores se transformaram totalmente nas personagens que vivem, agora, o seu destino. Por isso mesmo, a ação forçosamente deve ter um discurso contínuo, sem saltos temporais (nem espaciais), visto não haver um narrador que possa selecionar as cenas a serem apresentadas ou manipular a deslocação espacial. A ação deve mover-se sozinha, sem a interferência exterior de um narrador, daí a necessidade do rigoroso encadeamento causal do drama aristotélico: cada cena deve motivar a próxima, o organismo dramático deve ter um motor imanente que garanta o desenvolvimento autônomo da fábula por força própria, isto é, pela motivação e determinação inexoráveis dos eventos, sem que nenhum narrador exterior dê corda ou se manifeste pela sua intervenção no discurso dos acontecimentos. (ROSENFELD, 2012, p.28).

Os elementos épicos são procedimentos e técnicas que são utilizados para mostrar ao espectador que o que ele está assistindo não é real, e sim uma representação. Não há a tentativa de convencer o espectador de que é “um pedaço da vida real” o que ele assiste no palco. É

importante deixar evidente que é tudo teatro, uma representação, e que o destino daqueles personagens pode ser transformado.

O teatro épico distingue-se pela sua estrutura mais aberta, repleta de episódios que não se integram na linha de uma ação una, contínua, de tempo reduzido e lugar fixo (ou seja, o teatro épico rompe as chamadas unidades de ação, tempo e lugar). Abre-se a um mundo maior pela própria variedade de tempos, lugares e episódios que apresenta e, dessa forma, ultrapassa o diálogo interindividual pela riqueza cênica, pela multiplicidade de elementos visuais e imaginários que tendem quase a se sobrepor à exposição puramente verbal, declamada. (ROSENFELD, 2012, p.29).

Um dos elementos mais utilizados no teatro épico, é a narração, onde um ou mais atores narram acontecimentos passados, ou adiantam acontecimentos futuros. A narração auxilia no entendimento da história que está sendo contada através da encenação, serve também na ampliação espacial, temporal e dramática, onde a história transborda e ultrapassa os limites impostos pela dramatização tradicional.

Pela atitude narrativa, portanto, o teatro épico obtém dois resultados fundamentais:

1- Amplia o seu mundo para além do mero diálogo interindividual (mediante a narração, explícita ou não explícita, por exemplo, projeção de filmes, música, coro, canções, pantomima, cartazes, comentários de vários tipos etc.).
2- Suspende ou interrompe a ilusão intensa e, com isso, a identificação do público com as personagens e situações cênicas, para fins didáticos. A narração implica, pela sua própria natureza, certa objetividade serena e distanciada em face do mundo narrado. O narrador não costuma estar envolvido na ação das personagens; a ação já aconteceu e a narração apresenta-se, em geral, no pretérito. (ROSENFELD, 2012, p.32).

O efeito de distanciamento/estranhamento o qual Brecht propõe, serve para que o espectador não se hipnotize pela fábula que está sendo encenada ali naquele momento, com isso, o espectador adquire uma capacidade de reflexão maior sobre o tema abordado.

A atitude distanciada do teatro narrativo é reforçada por efeitos de distanciamento especiais que interrompem a ação dramática intensa, objetivam e criticam os eventos e o comportamento das personagens e revelam a historicidade e o condicionamento social das situações. (ROSENFELD, 2012, p.33).

Para que esse efeito de distanciamento/estranhamento ocorra, Brecht escolheu a utilização de elementos, denominados “elementos épicos”, que são utilizados nos espetáculos teatrais para distanciar o espectador da história contada, evitando assim que ele se sinta identificado com a história contada e que tenha maior capacidade de refletir sobre ela.

Nesse sentido, são recursos importantes no afastamento a ironia, a paródia, o estilo caricato e grotesco, a elocução paradoxal e, principalmente, o desempenho específico que transforma o ator em “narrador” da personagem. Isto implica que o ator não se identifique inteiramente com o papel ou que, ao menos, saiba desidentificar-se em certos momentos, principalmente pela direção ao público, direção que, evidentemente, não é a da personagem fictícia

(César não pode se dirigir ao público paulistano), mas sim a do ator como porta-voz do autor. Afastando-se criticamente da personagem, o ator se aproxima do público, entrando com ele num contato novo que, por sua vez, suscita na plateia um movimento de afastamento crítico, desidentificador com relação à personagem enquanto trava relações novas com o ator, mas próximas dele, num tempo que já não é aquele do tempo fictício do enredo e sim o tempo empírico do momento histórico. (ROSENFELD, 2012, p.34).

Exemplos de procedimentos épicos para a construção do espetáculo:

- 1) Relação direta e livre com a plateia – não há 4ª parede. O ator fala direto com o público.
- 2) Transposição para e 3ª pessoa: Ele / Ela – a voz do narrador. Pode ser um narrador emocionado/comprometido, ou um narrador neutro, branco.
- 3) Transposição para o passado. Parte da história, não é representada, mas é contada como já tivesse acontecido.
- 4) Verbalização das rubricas e dos comentários. As rubricas e os comentários já falados e não realizados como ação. Exemplo: o personagem diz: “E então ele chorou”. E nenhum ator precisa chorar, mas a informação narrada destaca a ação.
- 5) Canções. Que devem ser críticas, não descritivas.
- 6) Jogo de troca de papéis entre os atores. Ninguém é dono do papel. Ele pode ser interpretado por vários atores diferentes.
- 7) Jogo de multiplicação de papéis. Vários atores fazendo juntos ou em momentos diferentes o mesmo personagem.
- 8) Imagens, cartazes, fotos, filmes etc. Material imagético.
- 9) Repetição da mesma cena já apresentada. A repetição pode ser apresentada em outro ritmo (mais lenta, mais acelerada), de forma resumida (tirando-se o texto e mostrando apenas a marcação corporal).
- 10) Exagero como procedimento de estranhamento e comicidade. A atuação/teatralidade expandida.
- 11) Contrastes como procedimento de estranhamento e comicidade.
- 12) Citações – de diferentes textos / citar outros personagens ou situações conhecidas. Citar acontecimentos do cotidiano, da região onde o aluno mora, da cidade etc. com o intuito de criar uma cumplicidade e uma aproximação.

Depois dos alongamentos e aquecimentos pedi à turma para que se organizasse em grupos de sete pessoas, cada grupo iria criar uma história sobre os temas: racismo, homofobia, *bullying*, violência contra a mulher, machismo e feminicídio. A partir destas histórias, eles

teriam que montar uma encenação utilizando os “elementos épicos” de Bertolt Brecht, ou seja, a cena teria que ter algum elemento, como: narrador, quebra da quarta parede, elementos invisíveis, ressignificação de objetos, etc. O narrador, é algo que pode ser trabalhado de diversas formas, por exemplo: Narrador personagem, é aquele que além de narrador, ele também faz parte da história, ou seja ele pode a qualquer momento sair da cena e começar a narrar, ou sair da narração e voltar à situação de cena. Existe o narrador comprometido/emocionado, que é aquele que conta a história e sente tudo o que está acontecendo/narrando. Temos também o narrador não comprometido, que é aquele que somente narra, não deixando transparecer seus sentimentos e não se comprometendo com a cena.

Dei um tempo para eles criarem e montarem suas cenas, mas não deu tempo de apresentarem as cenas no mesmo dia. Então preferi deixar que eles apresentassem na aula seguinte, assim, eles teriam mais tempo de criar, montar e de repente até usar algum elemento de figurino, utilizar trilha sonora e outras coisas que tornam a cena mais rica. Aos alunos mais tímidos, sugeri que ocupassem alguma função no grupo que não necessariamente seria a de atuar, então eles podiam cumprir com os ofícios de: Dramaturgo, diretor, cenógrafo e figurinista.

Repeti todas essas atividades com as turmas 2001 e 2002. Com a turma 2001, foi bem difícil, pois nela, frequentam alunos bem agitados e indisciplinados, nesta turma é sempre mais difícil aplicar qualquer tipo de atividade, não consegui executar os exercícios com a mesma qualidade que apliquei com a turma 2003. A maioria dos aquecimentos, fiz com tempo menor, e até pulei alguns, pois o tempo todo eu tive de chamar a atenção dos alunos, que não conseguiam se concentrar no que eu estava propondo, e não paravam de falar. São com turmas assim, que eu não tenho nenhum estímulo a fazer trabalhos práticos, pois se torna um sacrifício muito grande em relação ao que se planeja.

Já com a turma 2002, consegui reestabelecer uma sequência satisfatória de exercícios, mas com poucos alunos, visto que nesta classe, a maioria dos educandos são extremamente tímidos, alunos estes, que permaneceram sentados o tempo todo, apenas observando, o que não é de todo mal, pois acredito que olhando, eles são capazes de absorver alguma coisa e futuramente, quem sabe, tomem coragem e venham participar da brincadeira.

Quanto às cenas, propus a mesma sequência de temas e elementos épicos às três turmas, nenhum grupo conseguiu acabar suas montagens, portanto deixei as apresentações para as aulas seguintes.

Como as aulas duram cerca de 100 minutos por dia, eu não me incomodo e nem hesito em dividir uma aula em dois ou três dias, porque acho importante, que as atividades sejam

processadas com um mínimo de qualidade, então, para isso, não precisamos ter pressa. Precisamos respeitar o tempo de cada indivíduo para que todos alcancem o mesmo objetivo, que é o de conseguir fazer alguma coisa com um mínimo de qualidade e compreensão.

Na aula seguinte, tive problema com alguns grupos que iriam se apresentar, pois eles simplesmente, não prepararam nada para mim. Fico extremamente triste e desmotivado quando acontece algo desse tipo. Felizmente, alguns grupos conseguiram terminar de montar as cenas. Os primeiros a se apresentar, foram os da turma 2003. Lembrando que as aulas ainda estão sendo realizadas no auditório do colégio.

O primeiro grupo a se apresentar, foi o grupo do Aluno 1, falando sobre homofobia. Nem todos os alunos do grupo participaram como atores, alguns ficaram encarregados por outras funções relacionadas à montagem da cena, portanto, no grupo tivemos duas meninas que se responsabilizaram pela dramaturgia, outros dois alunos ficaram com o figurino, teve também o diretor, que também atuou como ator, enfim, esse esquema de criação coletiva é muito interessante, porque, nem todos os alunos gostam de atuar, e têm outras habilidades, e é muito importante incluir a todos no desenvolvimento do trabalho.

A cena representada, tinha um “narrador não comprometido”, que é o que somente narra a história, estando de fora dela, ele não tem nenhum tipo de vínculo ou comprometimento com o fato narrado. O Aluno 1 narra a história de uma jovem que se descobre homossexual e sofre com essa situação, por não aceitar este fato. A jovem começa a sentir atrações por pessoas do mesmo sexo, em especial, sua melhor amiga. Durante a trama, ela tem que lidar com suas angústias, tenta tomar coragem para expor sua sexualidade e se divide entre declarar para sua amada o que sente e contar aos seus pais, que diga-se de passagem são completamente homofóbicos, e ainda conta com uma série de agressões promovidas pelos seus colegas de classe.

Achei a cena surpreendente, com uma história muito bem construída, não existiu nenhum elemento além da narração, os alunos desenvolveram muito bem seus papéis enquanto alunos/atores, alguns ficaram tímidos, o que é aceitável, já que não têm o costume de encenar, mas no geral foi gratificante.

O segundo grupo, montou uma cena que fala sobre racismo. Como no grupo anterior, também tiveram outras funções que não fosse a do ator, uma aluna foi a responsável pelo texto, e um aluno ficou como diretor. A cena conta a história de um homem que sofre discriminações raciais em seu emprego. Trata-se de um garçom, cuja a pele é de cor preta, que depara com situações das mais diversas, uma delas é a de um cliente que se recusa a ser servido por ele, simplesmente pelo fato de ser preto, então o cliente chama o gerente e o obriga a disponibilizar

algum garçom branco, o que seria praticamente impossível, já que no restaurante, só existiam funcionários negros. A encenação conta com alguns elementos épicos, como: “A quebra da quarta parede” e “narrador”. Faltou à cena um pouco de organização e atuação, o que atrapalhou um pouco o entendimento do enredo. Mas no geral, fiquei satisfeito pelo fato deles terem se esforçado para a execução do trabalho.

O terceiro grupo montou um esquete que falava sobre depressão, uma menina que sofria com a violência de seu pai que era alcoólatra, ela também não tinha uma boa relação com os amigos da escola. A cena começa com a menina lanchando sozinha no refeitório da escola, com os outros colegas sempre falando mal dela, cochichando, ela sempre se sentindo mal por esse fato. A parte dois da cena, conta com um episódio de violência física de seu pai chegando em casa completamente bêbado e sem motivo nenhum começa a ofender verbalmente sua mãe que está na cozinha lavando louça, então quando a mãe responde com um tom um pouco mais alto, o pai lhe dá um tapa no rosto. Outra cena acontece simultaneamente da menina no quarto, tampando os ouvidos e chorando, a menina então começa a tomar medicamentos de forma exagerada até ser levada ao desmaio, a mãe entra no quarto e se depara com a filha desacordada e tenta chamar socorro, o pai ainda completamente bêbado, se dá conta do que proporcionou à sua família, e em prantos começa a pedir perdão a sua esposa. Eles conseguem chamar uma ambulância para levar a filha ao hospital, já no hospital o pai já mais sóbrio se ajoelha e pede perdão a Deus e começa a fazer uma oração. No final da cena o médico chega e diz que a filha do casal se recuperou e deve ficar sob observação no hospital, os pais resolvem dormir na sala de espera, no dia seguinte a filha vai até eles e os acorda, eles ficam felizes, o pai jura que nunca mais vai beber. O aluno que faz o médico, também narra a história. Este grupo utilizou algumas placas informativas que mostravam as passagens de tempo.

Achei esta cena muito forte e muito bem elaborada pelos alunos, me surpreendi bastante com o desenrolar das etapas da encenação. Acredito que esse tipo de cena deva atingir a mais de uma pessoa dentro do grupo discente, pois o alcoolismo é algo que está muito presente em nossas vidas, e essa cena do pai chegar bêbado e ofender a todos que estão em casa, já foi vista em diversos filmes e histórias famosas. Desta forma, acredito que seria bastante interessante que esta cena fosse mostrada aos pais dos alunos.

Estes foram os três grupos que se apresentaram da turma 2003, fiquei bastante satisfeito e acredito que essa experiência foi muito enriquecedora no intuito de exercitarem-se quanto alunos/atores, serviu como um belo treino de interpretação teatral.

Com a turma 2002, foram só duas cenas, a turma se dividiu, uma metade fez uma cena bem legal, utilizando dois narradores, um em cada ponta do palco.

A cena fala sobre *bullying*, começa com um menino sentado em uma mesa lanchando, este menino tem uma certa obesidade, em seguida, chegam três colegas e começam a xingá-lo de gordo e derrubam sua comida, o menino que sofre o *bullying*, nada faz, continua sentado. Neste momento entra o primeiro narrador e narra o fato escolhido, em seguida entra o segundo narrador e continua a narração.

Um outro menino senta na mesma mesa que o garoto que sofre *bullying* está sentado, o cumprimenta e pergunta seu nome, os dois então começam a conversar, neste momento, entram os agressores e retomam aos insultos, mas desta vez, começam a falar que os dois são namorados, o novo amigo então se levanta e tira satisfação com os que praticam o *bullying*, e eles começam a agredi-lo com palavras, ele não se abala e começa a dar uma lição de moral nos agressores, eles então começam a parar e pedem desculpas, no final todos ficam amigos. Achei que a cena foi bem curta e com poucos recursos teatrais, mas no geral, achei legal, porque pelo menos estão tentando. Para mim, o mais importante é que eles tentem fazer, mesmo que não fique tão bom. Considerarei também que a cena já aponta para uma das técnicas que vamos trabalhar mais adiante que é o Teatro-Fórum de Boal.

A outra cena se passa num restaurante, um casal está almoçando e acabam de fazer seus pedidos, o homem recebe uma mensagem de voz em seu celular, aparece uma narradora e fala como se fosse o áudio na mensagem, a pessoa que está mandando a mensagem é uma suposta amante do homem, só que ele escuta a mensagem em volume alto para que sua namorada também possa escutar. Nisso, começa uma discussão sobre a situação, até que a namorada, dá um tapa no rosto do namorado, que por sua vez, começa a agredi-la verbalmente e depois fisicamente, aí entra o garçom e tenta separar, nisso o homem vai embora fugindo. Uma segunda cena acontece, a mulher está numa delegacia e é atendida por uma policial, a agredida registra um boletim de ocorrência, nisso um outro narrador, narra a passagem de tempo: “Uma semana depois...”. A última cena foi a própria mulher com seu novo companheiro, rindo e se divertindo e simultaneamente o ex-namorado em sua cela chorando. Sobre esta cena, também gostei muito, acho que muitas meninas se identificaram com ela, serviu como uma cena informativa e estimuladora para que as devidas medidas sejam tomadas a respeito do assunto, e assim, mulheres que, por conseguinte vierem a sofrer este tipo de agressão, possam tomar coragem e denunciar tal prática.

Na turma 2001, o trabalho proposto só foi concluído por um grupo, pois é normal que os integrantes de um determinado grupo, discordem, e isso faz com que na maioria das vezes, desistam e não queiram mais fazer o trabalho. Esta questão é muito comum entre pessoas que pensam diferentes, mas é preciso que eles tenham mais maturidade para lidar com esse tipo de

situação, e como eles são adolescentes em desenvolvimento, isso será um processo que aos poucos servirá como aprendizado.

No grupo que conseguiu terminar de montar a cena, algumas funções foram delegadas entre eles, a Aluna 3, se propôs em escrever a dramaturgia. Antes que ela concluísse o texto, organizou uma reunião com os demais para discutirem sobre o enredo do esquete, foi uma bela decisão para evitar conflitos futuros, achei legal, porque foi uma atitude que partiu deles, não foi nada imposto por mim.

As alunas 4 e 5 ficaram responsáveis pelo figurino, que por sua vez, não foi um figurino muito elaborado, tiveram apenas alguns elementos de figurino, como: bonés, tocas, camisas sociais, óculos escuros, etc.

A cena se passa numa boate, eles utilizam um celular para tocar uma música, que serviu como trilha sonora. O narrador, que também é o “DJ” (*disc-jockey*) da discoteca, se divide nessas duas funções, trata-se de um “Narrador Personagem”¹⁰. No início da cena, entra o narrador e diz: “*Numa cidade muito longe, muito longe daqui; que tem problemas que parecem os problemas daqui*”, fazendo uma alusão à música “Polícia e Ladrão” do cantor Marcelo D2. O tempo todo o narrador declamava partes desta música, o que me deixou bastante deslumbrado, pois isso é um excelente recurso para compor uma dramaturgia, ao mesmo tempo, eles criaram uma paródia em cima desta música, modificando levemente algumas palavras da letra original, então ao invés dele falar: “*Que tem favelas que parecem as favelas daqui...*”, ele fala: “*Que tem discriminações, que parecem as discriminações daqui*”, uma sacada de muito bom gosto e grande criatividade. Durante o esquete todo, o narrador mencionava uma parte da música, adaptada.

A cena conta a história de duas jovens homossexuais que sofrem discriminação especificamente dentro de uma boate. Um grupo de homens heterossexuais se aproximam delas e começam a comentar. No início, elas estão apenas conversando, o que dá a entender, que são somente amigas, então um dos meninos, se aproxima mais e tenta conversar com uma das meninas, na intenção de convencê-la a ficar com ele, ela tenta se esquivar e diz que não, pois já está acompanhada. Neste momento, o garoto insiste e diz que não está vendo ninguém ao lado dela, além da amiga, então ela diz que é sua namorada, então, o homem heterossexual, não aceitando a situação, tenta agarrá-la a força; neste instante, a cena congela e o narrador que já está na cena como DJ, narra: “*Existem homens maus, sem alma e sem coração; existem homens*

¹⁰ O narrador personagem é um tipo de narrador que participa da história e por isso, recebe esse nome. Ele pode ser o personagem principal (narrador protagonista), ou mesmo um personagem secundário (narrador testemunha).

da lei, com determinação”. Entra em cena um outro menino que não estava no grupo, e tenta ajudar a moça a resolver o problema que está em questão; o grupo de homens heterossexuais, na verdade é um grupo de policiais, o homem que estava assediando a menina, puxa uma arma e aponta para a cabeça do rapaz que estava tentando ajudar, mais uma vez a cena se congela e o narrador diz: *“Mas o momento é de caos, porque a população; na brincadeira sinistra, de polícia e ladrão; não sabe ao certo quem é, quem é herói ou vilão”*. A cena continua, todos gritam num tom bem alto, como num coro: *“Não!”*, o policial puxa o gatilho e o herói cai no chão, então o narrador diz: *“Porque tem homem da lei, que vira homem mal; quando ele vem pra atirar, quando ele violenta e assedia; quando ele puxa sua arma e sai matando geral”*, o grupo dos “machões” saem correndo quando percebem que um deles matou o rapaz, a cena termina com as meninas tentando socorrer o menino ferido, quando percebem que ele faleceu, elas se abraçam e choram.

Na minha opinião, a cena foi muito boa e com grande criatividade, fiquei interessado em produzi-la para apresentar no final do ano. Os alunos que assistiram, gostaram muito da montagem, senti que eles se identificaram bastante, alguns não se concentraram e por muitos momentos atrapalharam a apresentação, são aqueles alunos que não conseguem se interessar e ainda atrapalham os colegas fazendo piadas e rindo em momentos inoportunos, mas no geral, achei muito legal e espero que eles continuem assim para podermos ter uma evolução e darmos continuidade para alcançar o nosso objetivo que é simplesmente fazer teatro, com histórias significativos da vida de todos, e aprendermos que podemos fazer diferente, e nos transformamos e se divertir.

As cenas todas, sem exceção foram muito fortes, mas é evidente que os alunos estão falando de suas próprias realidades de violência, exclusão e preconceitos. Mas, fiquei satisfeito, porque conseguimos transformar toda essa realidade cruel em teatro, e isso pode ser o início de uma maior consciência de como pode ser o enfrentamento de tantas dificuldades que parecem nunca conseguirão ser resolvidas.

CAPÍTULO 2 – TEATRO DO OPRIMIDO: IMAGENS, TEXTOS E SONS DA OPRESSÃO

Quando frequentei a oficina de “Teatro do Oprimido”, na “Escola Sesc de Ensino Médio”, ministrada pela “Curinga”¹¹ Helen Sarapecck e pelo “Curinga” Cachalote Matos, que durou cerca de cinco sábados, de 9 horas da manhã, até às 17 horas da tarde. Nós, os alunos, vivenciamos diversas variações de jogos e técnicas referentes ao “Teatro do Oprimido”, que por sua vez, enriqueceu muito o nosso cardápio enquanto professores, para a aplicabilidade da metodologia em questão. Nestes encontros presenciei um exercício muito interessante, chamado “Imagem em três tempos”, que são os três tempos da dramaturgia do “Fórum” (preparação, crise e desenlace). É um exercício no qual os participantes reproduzem elementos que representam uma história de opressão, como: Imagem, Som e Texto. Resolvi aplicar este exercício aos meus alunos, pois achei muito adequado depois de estudarmos os procedimentos do teatro épico de Bertolt Brecht.

Cheguei e logo fui propondo a atividade aos educandos da turma 2003. Solicitei que eles trouxessem na próxima aula, o material necessário para a realização do mesmo: cartolina, tinta, garrafas de plástico, enfim, material básico para aula de arte. Solicitei o mesmo às três turmas (2001, 2002 e 2003).

Na aula seguinte, fui logo me direcionando ao pátio, pedi para uma aluna chamar seus colegas de classe para darmos início ao trabalho, comecei a arrumar o espaço escolhido, colocando as cadeiras em pequenos círculos, que seriam os grupos, solicitei que formassem grupos de sete ou oito alunos, e que cada grupo se sentasse nos agrupamentos de cadeiras que montei.

Ao iniciar a explicação da atividade, notei que uma grande quantidade de alunos trouxe o material pedido, e isso já me deixou animado, então solicitei que cada pessoa do grupo, contasse somente para seu grupo, sua história de opressão. Deixei claro que nada era obrigatório, e só aqueles que se sentissem à vontade de expor o que sofreram ou sentiram, deveriam contar. Dentre as histórias contadas dentro do grupo, somente uma seria escolhida para ser exposta aos outros grupos, então, cada grupo irá contar apenas uma história.

¹¹ O especialista das técnicas de Teatro do Oprimido, o denominado curinga, desempenha um papel liminar lidando com assuntos político-culturais e estético-artísticos. Método teatral desenvolvido pelo teatrólogo, teórico e diretor teatral Augusto Boal, tem-se disseminado pelos cinco continentes. Em cada coletivo de TO, é o curinga quem faz a mediação adaptando o arsenal de técnicas do TO às suas necessidades específicas. Assim como, é função do curinga coordenar as oficinas e as apresentações de teatro-fórum.

Dentro de cada grupo pedi que eles se subdividissem em três subgrupos, cada subgrupo ficaria responsável por um dos elementos que compusesse a história toda, deste modo, o primeiro subgrupo se responsabilizaria pela imagem, ou seja, eles teriam que montar uma imagem, seja ela, uma pintura, ou escultura, que representasse a história a ser contada. O segundo subgrupo, se colocaria a disposição para criarem o som que simbolizasse a opressão a ser narrada, este som pode ser reproduzido de forma natural, com a própria voz, ou também pode ser soado a partir de objetos diversos, e até por instrumentos musicais (eu levei alguns instrumentos de percussão como: tamborim, chocalho, triângulo e pandeiro). O terceiro subgrupo, seria um grupo menor, composto de no máximo três integrantes e seria o grupo disposto a redigir um texto, seja ele, uma poesia, narração, ou uma redação mesmo, neste texto teria que constar todos os sentimentos vividos pelo oprimido.

Após estas instruções, dei um tempo para que os grupos produzissem seus trabalhos, desde a votação de qual história contar, até o acabamento de todos os elementos de composição da dramaturgia.



Alunos da turma 2001 discutindo sobre o trabalho.

Então depois que todos os grupos estivessem prontos, nós começaríamos as nossas apresentações para a turma toda, como numa exposição itinerante, todos caminhariam pelos espaços para observarem os trabalhos um a um.



Alunas da turma 2003 criando seus elementos para a apresentação do trabalho

O primeiro grupo da turma 2003 ao se apresentar, contou a história da Aluna 6. Tudo indica que a aluna já sofreu algum abuso por parte do padrasto, então pedi para que todos os alunos da turma se dirigissem às imagens feitas pelo grupo. O grupo apresentou três cartazes, o primeiro, me parece que simboliza uma paisagem de utopia desejado por eles, com uma imagem de flores, pássaros e o sol brilhando. O segundo cartaz pintado por eles, mostra a imagem de várias mãos como se estivesse manchando alguma superfície branca de sangue e traz uma mensagem muito forte, com a frase: “Estupro não é culpa da vítima”. Isso me fez pensar, que esses alunos que estão ali, não têm nem 17 anos e já sofrem esse tipo de coisa. Fico refletindo em quantas pessoas são vítimas de violência deste tipo, quantas meninas devem sofrer a vida toda por conta de pessoas doentes como estas, que praticam pedofilia ou outro tipo de violência, e que isso é realmente muito repugnante.

Um terceiro cartaz produzido pelo grupo, continha riscos verticais e horizontais da cor preta, que se cruzam, simbolizando grades de uma cadeia, com quatro mãos também pretas. Parece-me que esse cartaz, retrata algo referente à escravidão e discriminação racial, talvez pelo fato da aluna, vítima e autora da história contada, ser negra. Esta questão também está relacionada à “Hipersexualização da Mulher Negra”¹², já que se trata de uma situação de abuso

¹² A hipersexualização se configura em um fenômeno que atinge às mulheres, principalmente as mulheres negras, que desde o período colonial enfrentam estigmas ainda não superados historicamente. Tal fenômeno acarreta a visão preconceituosa acerca desse público, de forma que, nos dias atuais, ainda se faz presente o estereótipo da mulher negra como “superdotada de sexo” (Bueno, 2016).

sexual, uma vez que tal conceito também é um dos fatores em maior destaque no que diz respeito ao preconceito racial.



Cartazes confeccionados pelo grupo da Aluna 6

A segunda etapa da apresentação, seria a mostra dos sons referentes à história a ser relatada. As meninas responsáveis por criar a sonoplastia, fizeram sons de gritos e choros, algumas falavam “Não”, como se estivessem sendo abusadas, foram sons muitos fortes, alguns alunos que estavam assistindo começaram a se emocionar, nesse sentido, acredito que este exercício venha a tocar a todos que se identificam com esse tipo de violência.

Quando o som de algum fato verídico vem a ser reproduzido, se o ouvinte estiver de olhos fechados, terá a impressão de estar vivendo esta situação, é como se estivesse inteiramente presente no ato. Ao meu ver, este exercício, traz à tona toda memória do indivíduo violentado e de todos que se identificam com tal violência. Não sei até que ponto, este evento poderia ser perigoso, uma vez que, se a pessoa se recorda de alguma violência que venha a ter sofrido e não

a superou. Fiquei um pouco receoso, mas depois refleti que se a Aluna 6 resolveu contar esta história é porque ela já consegue falar sobre isso, ou até precise falar.



Aluna 6 à esquerda se preparando para criar o trabalho com o restante do grupo.

A terceira etapa da apresentação do trabalho é a leitura do texto redigido pelo grupo, que narra o acontecimento. Neste grupo, o texto foi escrito pela própria Aluna 6 (vítima da violência reproduzida pelo grupo) e também foi declamado por ela. Quando isso aconteceu, todos ficaram em total silêncio. O texto muito bem escrito, nos transportou para um profundo sofrimento, um texto escrito por uma pessoa completamente ingênua, pois ao ser abusada pelo agressor, nem sequer se deu conta do ocorrido, achou que estivesse sendo vítima de uma brincadeira, mas quando a narrativa está chegando no meio, ela percebe que algo não está normal, que tem alguma coisa de errado nesta suposta brincadeira, então ela percebe que está sendo violentada. Olho em volta e percebo que os alunos estão profundamente emocionados, alguns, chorando muito. Tive a percepção de que posso ajudar esses alunos utilizando estas ferramentas do Teatro do Oprimido para tentar fazer com que eles consigam tomar consciência das violências que sofrem e também de procurar encontrar uma forma de denúncia, com alguém que de fato possa ajudá-los.



Alunos observando os cartazes do grupo da Aluna 6.

No grupo seguinte, a história contada, fala sobre a violência urbana que acontece todos os dias nas ruas próximas ao colégio, me parece que não é algo pessoal e sim uma junção de situações que já aconteceram com as pessoas que vivem nesta região.

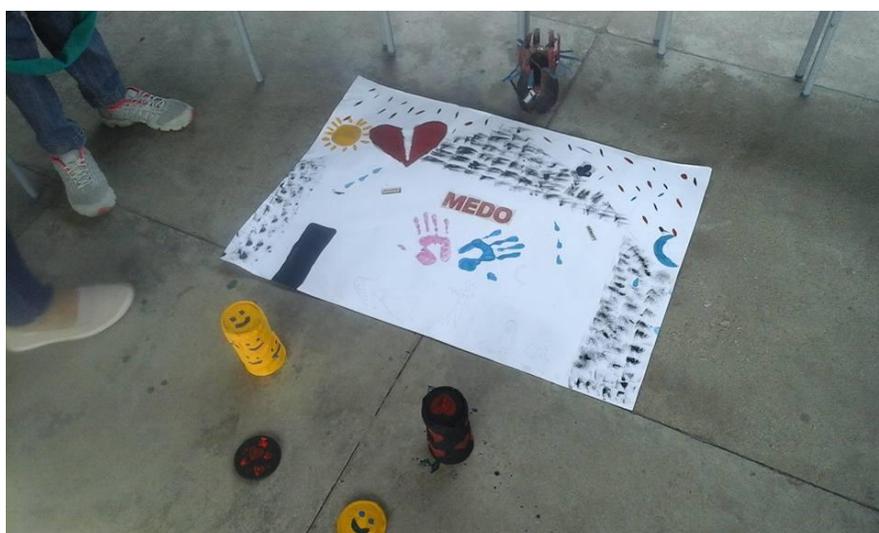
Na primeira etapa da apresentação, que é a parte onde a história é representada por imagens, observei que no cartaz pintado pelo grupo, tinham um sol e uma lua na parte superior, como um símbolo de dias e noites, um coração partido ao lado do sol, outra coisa que simboliza desamor, ou tristeza. No meio da imagem, as meninas do grupo colaram um recorte com a palavra “medo”, mais um indício de violência, significando que as pessoas estão saindo com medo até à luz do dia; abaixo da palavra “medo”, duas mãos, como se estivessem pedindo para parar, como num símbolo de “basta”.

Dois potes, um pintado de amarelo com desenho de carinhas sorrindo, e um pintado de preto com corações vermelhos, esses dois símbolos, me parecem que representam um desejo de felicidade, como as pessoas queriam viver, andar pelas ruas com tranquilidade.

Gostei bastante do cartaz, acho que ele retrata bem o que o grupo quis mostrar, as meninas responsáveis por fazê-lo, tiveram muito capricho e cuidado.



As meninas do grupo confeccionando as esculturas de pote e o cartaz com a palavra “MEDO”



Cartaz com a palavra “MEDO” e as esculturas prontas.

A segunda etapa da apresentação, é a fase da audição dos sons produzidos pelos membros do grupo, essa sonoplastia tem o objetivo de propagar e dar a impressão de que o som da violência relatada, seja captado pelo público que está assistindo e o faça ter a sensação de que ele está vivenciando este fato no presente.

O subgrupo responsável pelos sons desta opressão, é formado por sete meninos, que optaram por reproduzi-lo utilizando suas vozes e alguns instrumentos, como: pandeiro e caxixí¹³. No som utilizando a voz, os meninos disseram algumas palavras, como em uma

¹³ O caxixí é um instrumento idiofone do tipo chocalho, de origem africana. É um pequeno cesto de palha trançado, em forma de campânula, pode ter vários tamanhos e ser simples, duplo ou triplo; a abertura é fechada por uma rodela de cabaça. Tem uma alça no vértice. Possui pedaços de acrílico,

encenação, tipo: “Perdeu!”, “Encosta!”, “Passa o celular!”. Alguns gritos também foram feitos, como numa cena de assalto e violência. A utilização dos instrumentos, imitaram tiros e som de caos.

Achei bastante criativo, pois quando fechei os meus olhos e me propus a ouvir a sonoplastia desta opressão, me senti bastante intimidado e perturbado, apesar de nunca ter tido a experiência de ser assaltado ou ter sofrido algum tipo de violência na rua. Esses sons me deixaram bastante agitado, como as pessoas devem se sentir, quando passam por tal opressão. Acredito que os indivíduos que já tiveram esse tipo de experiência, e escutam esses sons, imediatamente acessam suas memórias, é como se estivesse acontecendo a agressão ali naquele momento.



Subgrupo responsável por criar e reproduzir os sons de violências urbanas

A parte final da apresentação deste segundo grupo, é o momento em que seria declamado o texto, no qual é representado as opressões de forma oral. Este texto pode ser formulado de várias formas, como descrição, carta, letra de música, poesia, o aluno pode se expressar livremente em forma de palavras.

O texto escrito por dois integrantes do grupo, acabou sendo redigido em forma de “Rap”, uma letra que demonstra bem o tipo de violência vivenciado pelos habitantes das cidades localizadas na baixada fluminense, e o total descaso das autoridades locais.

Os alunos observaram a apresentação de todas as etapas deste trabalho de forma bem atenta e permaneceram em silêncio durante a declamação do texto, ao final eles bateram palmas

arroz, conchas ou sementes de Tinquim secas no interior para fazê-lo soar. É usado como instrumento componente das rodas de capoeira, complementar ao berimbau.

e assobiaram, como num gesto positivo de que admiraram e gostaram do que estava sendo demonstrado, com toda certeza, eles se identificaram bastante com a cena.

O terceiro grupo a se apresentar da turma 2003, falou sobre violência doméstica, a imagem que eles montaram, retrata as agressões, tanto psicológicas, como físicas que uma menina sofre pelos seus familiares. No cartaz produzido pelo grupo, podemos observar um rosto triste e chorando ao centro com duas mãos pintadas com tinta vermelha e nas extremidades, dois rostos felizes como se estivessem sorrindo; na minha percepção, parecem pessoas debochando.

Esta foi a história que o grupo elegeu para narrar e expor aos colegas da turma. Como este trabalho é muito visual, não solicitei que a Aluna 7 me contasse a história e sim a mostrasse com os elementos propostos pela atividade (imagem, som e texto).

Esta é mais uma das muitas histórias tristes contadas pelos meus alunos. Percebo que sou repetitivo, mas não consigo me calar a respeito destas situações, converso muito com alguns alunos que estão precisando desabafar a respeito dos seus problemas, pois é algo que temos o dever de fazer, não só como professores, mas também como seres humanos.



Cartaz produzido pelo terceiro grupo, demonstrando alguns símbolos de violência.

Duas esculturas também foram construídas pelo grupo para enriquecer ainda mais a imagem da história contada. Eles fizeram dois bonecos de garrafas de plástico, o primeiro, eles pintaram todo de preto, colocaram dois olhos vermelhos, com uma lágrima também vermelha, tal escultura me remete a um ser humano intensamente triste, chorando com lágrimas de sangue, o que sugere que a pessoas estão num estado muito grande de tristeza. Coincidência ou não o

boneco produzido, tem a cor preta em sua totalidade, combinando com a cor da pele da aluna protagonista da história narrada.



Escultura feita com garrafa “pet”, simbolizando a tristeza.

A segunda escultura de garrafa “pet” a ser produzida, tem uma cara não tão triste, quanto a anterior, mas ainda assim, consta uma lágrima, que continua simbolizando o choro, talvez seja um choro de felicidade, de repente esta escultura esteja retratando um sonho ou desejo a ser almejado. A cor laranja, me remete a algo mais alegre, por isso, acredito que este boneco, esteja representando algo positivo.



Boneco produzido pelo grupo da Aluna 7

A etapa dos “sons da opressão”, foram reproduzidos com alguns instrumentos, como: chocalho e triângulo, também foram utilizados os sons das próprias vozes e palmas dos integrantes do subgrupo. A sonoplastia contava com algumas palavras de conotação violenta, como se uma pessoa estivesse pedindo para que isso parasse, palavras como: “não”, “para” e “socorro” foram utilizadas, gritos também. Palmas representavam a agressão física em si. O triângulo me deu a sensação de angústia, como se fosse um sino a soar devagar e a cada momento ia aumentando a velocidade das badaladas, enfatizando a sensação de agitação. O chocalho também foi usado para compor esses efeitos sonoros.



Alunos criando os elementos que compõe o trabalho: imagem em 3 tempos.

A terceira etapa a ser apresentada, contava com a leitura de um texto produzido por um integrante do grupo, o Aluno 8. Ele escreveu uma poesia, utilizando fragmentos da história da Aluna 7 e de poemas já existentes, pesquisados por ele mesmo na internet. O texto foi muito bem feito e foi construído de acordo com o enredo instaurado pela história que o grupo se propôs a narrar.

Esse tipo de exercício, é muito importante não só para sensibilizar os indivíduos, como também para estimular e aumentar o poder de criação, fazendo com que o educando seja capaz de criar inúmeras possibilidades, exercitando seu cérebro e facilitando o desenvolvimento, não só na criação artística, como também em outras áreas.

Esses foram os três grupos da turma 2003 que apresentaram seus trabalhos, no geral, gostei muito, tenho a certeza que surtiu efeito e alcançou o objetivo que eu esperava, encerrei a aula, discursando sobre o quão é importante que eles olhem e enxerguem seus próximos, e como é gratificante, quando o trabalho proposto é realizado sem aquela obrigação de fazer e se preocupar se vai ficar bom ou ruim. Sempre digo a eles, que o mais importante é fazer, sem dar

importância ao resultado final. Percebo também que quando o trabalho traz para a cena trechos da vida dos alunos, a maioria se interessa, e passa a querer participar de alguma forma.

Após a turma 2003, a próxima a mostrar o resultado do trabalho, foi a turma 2001, nesta classe, somente dois grupos realizaram o proposto, aliás, um grupo e um aluno, que resolveu fazer um trabalho solo.

O primeiro grupo elegeu a história da Aluna 9. Neste enredo, foi representada a narrativa que contava a história de uma menina que sofria *bullying*, por ser considerada fora dos padrões de beleza corporal, ou seja, uma menina que era constantemente chamada de gorda.

A imagem deste grupo conta com dois cartazes com pinturas em cartolinas brancas e uma escultura de dois bonecos de garrafa de plástico, um menino de porte magro xingando uma menina acima do peso corporal “padrão”. No primeiro cartaz, podemos perceber uma pintura um tanto quanto caótica, com cores escuras e fortes. Na minha concepção, ela me remete ao caos na sua mais simples representação, como um conflito interno que o indivíduo deva estar vivenciando, simboliza um certo sofrimento instaurado em seu interior, que não consegue apaziguar ou que não sabe como lidar com ele.

Já a segunda imagem, me remete mais à uma paz, alegria e felicidade, pois nela consta diversos elementos de alegria, como: arco-íris, coração, flores coloridas, mãos de cores leves, carinhas sorrindo, etc. Parece, como nos trabalhos anteriores, que esta segunda imagem, simboliza a utopia, a esperança de dias melhores. Todos nós, seres humanos temos este desejo de que dias melhores estão por vir, sempre à procura da felicidade e bem-estar, nestes trabalhos não é diferente, os alunos retratam sempre este desejo que vai contra o sofrimento sentido.



Pintura produzida pelo grupo da Aluna 9, simbolizando o caos e o sofrimento.



Alunos produzindo os cartazes, da história da Aluna 9.



Cartaz produzido pelo grupo da Aluna 9, simbolizando a utopia.

Uma imagem que me chamou bastante a atenção, foi a escultura produzida apresentando dois bonecos, um com um rosto de ódio e um balãozinho de diálogo, lançando palavras de insulto a um outro boneco que retrata uma menina gorda, que por sua vez está com um rosto triste e chorando.

O Aluno 10 é responsável por esta última escultura. Ele conseguiu retratar bem, o *bullying* que a Aluna 9 sofreu por muito tempo, cometido pelos seus colegas de turma. O *bullying* é uma questão muito complicada que temos que conviver dentro do ambiente escolar, pois são insultos muitas vezes ignorados e tratados como apenas uma simples “zoação”, mas que atingem profundamente a quem recebe esse tipo de violência, levando o indivíduo à

depressão, fragilizando assim sua autoestima. É preciso que haja uma observação e um monitoramento minucioso por parte dos pais e professores, para que seja evitada uma tragédia.

Especialistas, como a professora de psicologia Ciomara Schneider, psicanalista de crianças e adolescentes, defendem que pais e escola devem estar atentos ao comportamento dos jovens e manter sempre abertos os canais de comunicação com eles. Para ela, o diálogo continua a ser a melhor arma contra esse tipo de violência, que pode causar efeitos devastadores em crianças e adolescentes. (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>)

Ainda segundo Ciomara Schneider: “*Os casos de bullying começam muito mais silenciosos e, por isso, são mais graves. Quem sofre a agressão não conta nem na escola nem na família, mas começa a mudar o comportamento*”, explica. De acordo com ela, queda no rendimento escolar, faltas na escola e mudanças no comportamento são os sinais mais frequentes apresentados por quem sofre esse tipo de violência. Por isso, família e escola devem estar sempre atentos para os sinais que são apresentados pelos jovens. (Ciomara Schneider, <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>)



Escultura produzida pelo aluno 10.

Na segunda etapa, os alunos criaram e reproduziram estes, com suas próprias vozes, distribuindo insultos e xingamentos como: “Gorda!”, “Hipopótamo!”, “Vai emagrecer!”, palavras de baixo calão que têm relação com a obesidade. Neste momento da apresentação, percebo que todos que estão escutando, ficam impressionados e sentidos.

Na terceira fase, dois alunos escreveram um texto narrando o dia a dia de uma pessoa que sofre agressões e escutam piadas simplesmente por estar acima do peso. No texto eles

conseguem expor todos os sentimentos que esta pessoa experimenta ao ser insultada, desde tristeza, raiva, até a depressão e vontade de morrer.

O grupo seguinte, na verdade não é um grupo, e sim um trabalho solo, onde simplesmente, o Aluno 11, resolveu se expressar através de uma única imagem pintada numa folha de cartolina. Sei que este trabalho é composto por três etapas: imagem, som e texto, mas o que aconteceu foi que o aluno em questão, não quis fazer o trabalho com ninguém e enquanto eu estava observando o andamento do trabalho dos outros grupos, me deparei com ele pintando uma tela sozinho. Neste momento, não pude ignorar esta ação, então fui olhar o trabalho dele e percebi que sua obra era uma imagem bem complexa, onde continha diversas cores de tons fortes e acinzentados, ele simplesmente sentou em um “meio fio” do pátio e deixou que seus sentimentos transbordassem para a tela.

O Aluno 11 é um menino, que pude perceber desde início, que tem algum tipo de problema emocional, pois tem um certo jeito agressivo, sempre está respondendo com rispidez a tudo que lhe é perguntado, já repetiu de ano algumas vezes. Já tinha 18 anos e estava no segundo ano do ensino médio. É um menino que tem um estilo meio gótico e roqueiro, pinta as unhas de preto, usa *piercing*, pulseiras de couro, cabelo com cortes exóticos, não se dá bem com seus colegas de turma e está sempre discutindo com os outros de forma grosseira.

Quando eu o questionei sobre seu trabalho, ele me relatou que não se dá bem com a mãe e nem com seu padrasto, me disse que eles também não fazem muita questão de conversar com ele, que só vive trancado em seu quarto, e que não pode fazer nada do que gosta que seus familiares logo o reprimem, como por exemplo, escutar música em volume alto. O Aluno 11 disse que não sabe direito o que representa sua pintura, mas que ela foi sendo criada naturalmente, que foi surgindo sem que ele se desse conta, perguntei a ele se ele queria contar sua história para os outros grupos, ele negou, disse que eles apenas observassem e tirassem suas próprias conclusões.



Aluno 11, produzindo sua pintura.

Ao observar o trabalho do Aluno 11, constatei que aquilo que ele produziu, não é nada menos do que seus sentimentos, coisas que ele sente pelas pessoas a sua volta e principalmente por si mesmo. Acredito que se nós estivermos felizes conosco, conseqüentemente estaremos em harmonia com o restante do universo. Não pude deixar passar em branco a exposição do trabalho do Aluno 11, pois vi neste momento a oportunidade de ajudá-lo, uma vez que se os outros alunos vissem o que ele tem dentro dele, naturalmente, se sentiriam solidários e isso poderia melhorar o convívio diário entre eles.

Resolvi abrir uma exceção para o Aluno 11 e autorizei que seu trabalho fosse apresentado apenas com uma das etapas do processo, que foi somente a da imagem, pois senti que não podemos ser completamente rigorosos em relação a esse tipo de abordagem, já que o objetivo geral do exercício, é fazer com que todos entendam os problemas e opressões em que seus colegas estão interiorizando e se solidarizem para futuramente haver uma relação mais amigável entre eles, e por conseguinte, existir uma harmonia que faça com que o indivíduo consiga enfrentar e vencer seus traumas e medos.



Aluno 11 terminando seu trabalho.

Os colegas que foram até o trabalho do Aluno 11 para observar, comuniquei que o autor não me disse porque fez isso, só me disse que foi saindo naturalmente. Então eu dei minha explicação sobre o que eu acho que deva ser essa pintura, relatei que a maioria dos artistas se expressam através da arte, e em grande parte suas obras representam seus sentimentos, algo que está dentro dele e precisa sair para que se transforme, então talvez a pessoa que produziu este trabalho, esteja sofrendo com algum tipo de opressão, que pode ser qualquer coisa, então reproduzi o que o próprio Aluno 11 me relatou. Falei para eles tirarem suas próprias conclusões, tentei ser o mais claro possível para que eles entendessem a mensagem que ele queria transmitir.

No final da observação do trabalho do Aluno 11, todos entraram em um acordo e resolveram oferecer uma salva de palmas em homenagem a ele, alguns até foram falar com ele pessoalmente e lhe deram um abraço. Observando estes gestos, cheguei à conclusão que ao expor o trabalho do Aluno 11, consegui fazer com que seus sentimentos chegassem ao conhecimento de seus colegas, fazendo com que eles o entendam, e espontaneamente melhorem o tratamento não só com ele, mas com as outras pessoas com quais se relacionam.

A próxima turma a se apresentar, foi a turma 2002, no entanto, apenas um grupo trouxe o material e se propôs a fazer o trabalho. Como esta turma é pequena, então só foi possível fazer desta forma, já que nem todos os alunos são disponíveis a cumprir as tarefas que eu proponho.

O grupo contou a história da Aluna 12. O caso dela narra o período em que ela era bem nova e seus pais se separaram, em seguida, a sua mãe arrumou um namorado, com quem ela não se dava muito bem, pois segundo ela, ele agredia sua mãe de vez em quando. Ela relatou que seu padrasto sempre chegava bêbado em casa e começava a falar besteiras e agredir

verbalmente quem estivesse presente, e quando a mãe dela intervia, ele a xingava e começava a agredi-la fisicamente.

Em seguida, quando a Aluno 12 tinha uns nove anos, o marido de sua prima, a molestou. Ela não tinha muita noção do que estava acontecendo e contou o caso para sua mãe e conseqüentemente ao seu padrasto, que por sua vez, tentou colocar uma câmera na casa da tal prima, para ver se conseguia pegar o molestatador em flagrante, mas não obteve êxito, já que o marido de sua prima conseguiu achar a câmera escondida e foi à delegacia para prestar queixa, aproveitando o fato, ainda acusou o padrasto de Milena, de abusar da enteada. Neste momento, a menina passou por exames de corpo de delito para averiguação dos fatos, no exame nada constou. A Aluna 12 diz que realmente nunca acontecera tal fato entre ela e o padrasto.

O pai biológico da Aluna 12 ao ficar sabendo desta acusação do padrasto, ficou enfurecido e foi até sua casa portando uma arma com o intuito de intimidar o suposto agressor. Nesta situação, o pai da Aluna 12 foi levado à delegacia, onde conseqüentemente foi preso.

Quando a aluna completou 15 anos, recebeu a notícia que seu pai teria falecido na cadeia, pois estava com câncer. A aluna relata que não aguenta mais tantas brigas que ocorrem dentro de sua casa, que esta situação é algo que lhe assombra até os dias de hoje.



Podemos observar a Aluna 12 discutindo como sua história será contada por seu grupo.

A imagem do trabalho deste grupo, conta com três telas de pintura, o que me parece que elas representam três etapas da história a ser contada. O primeiro quadro da imagem, representa algo alegre e feliz, pois contém um sol no canto superior, uma mão carimbada, que pode ser

uma menção ao pezinho de um bebê, mãe e filha de mãos dadas, como num símbolo de harmonia entre elas e um coração, que é uma figura que representa bem o amor.

No segundo quadro, completamente o oposto do primeiro, podemos observar que há muitos elementos de sofrimento, como por exemplo, uma casa pegando fogo, um coração partido, também existe a presença do padrasto batendo na Aluna 12, tentando ser impedido pela sua mãe. Nitidamente podemos observar que nesta imagem, o fator que impera é o da tristeza e infelicidade.

No terceiro quadro, temos uma imagem, onde me parece que a Aluna 12 está consolando sua mãe, pelo fato de seu padrasto estar indo embora, deve ser algo que a aluna almeja, na concepção dela, a sua felicidade só será possível com a partida do seu padrasto que só causa dor à família.



Aluna 12 produzindo a imagem que retrata a sua história.

A segunda parte do trabalho é a reprodução dos sons referentes à história da Aluna 12. Os alunos do subgrupo responsável por isso, utilizaram alguns instrumentos de percussão para representarem o momento em que a mãe da aluna sofria agressões físicas, também foram usados gritos de dor e súplicas. Como em todos os outros grupos, gostei muito do resultado desta parte, pois percebo que seu efeito atinge profundamente aos que assistem.



Imagem em três partes construída pelo grupo da Aluna 12, da turma 2002.

A terceira etapa como já sabemos é a parte onde um ou dois integrantes do grupo redigem um texto, que pode ser uma poesia, uma narrativa ou até mesmo apenas uma carta, que conta a história ao qual o grupo escolheu.

O texto foi lido justamente pela dona da história, ao final da leitura, todos os alunos que estavam observando a apresentação, bateram palmas. Coloco aqui, na íntegra, a carta da aluna 12:

Carta escrita pela aluna 12 da turma 2002.

Desde de mais nova eu venho sofrendo por conta da minha família. Meu pai separou da minha mãe quando eu era bem novinha, logo em seguida ela arrumou o meu padrasto. Nunca nos demos, por ele ser uma pessoa ruim, ninguém nunca gostou muito dele por ele bater na minha mãe, logo em seguida, quando eu devia ter uns 9, 10 anos, o marido da minha prima tentou passar a mão em mim. Não demorou muito, meu padrasto botou uma câmera na casa dessa minha prima, e esse marido achou a câmera, foi na delegacia e falou que meu padrasto abusava de mim, talvez fosse pra ferrar ele, não sei, mas nada aconteceu. Aí eu tive que passar por várias coisas, inclusive “corpo de delito”, fui para a delegacia, ficaram me interrogando para no final, todos saberem que nada tinha acontecido.

Isso me deixou muito mal, até hoje deixa, meu pai nunca foi muito presente, mas quando soube, chegou na minha casa, armado dizendo que iria matar meu padrasto, minha mãe não deixou acontecer. Quando eu tinha 14 anos, minha mãe quis fazer minha festa de 15 anos, estava quase tudo certo, quando eu fiz 15 anos num sábado, num domingo tive a notícia que meu pai tinha morrido dentro do presídio, estava com câncer. Tentei resumir. Sofro até hoje dentro de casa, por não aguentar tanta briga. Cancelei minha festa de 15 anos com tudo pago.

Estas atividades que realizei nas turmas 2001, 2002 e 2003, me deram uma ideia em relação à montagem de fim de ano, sentei com os alunos e conversei a respeito disso. Disse a eles que tenho o desejo de realizar um trabalho no final do ano, ligado às técnicas do Teatro do Oprimido. E propus um processo de construção de pequenas cenas, com base nos exercícios e as técnicas criadas por Augusto Boal.

2.1. Jogos e Técnicas para a Transformação

O Teatro do Oprimido é formado por diversos jogos e técnicas criados pelo diretor teatral Augusto Boal, que auxiliam a transformação do ser humano oprimido para que consiga viver sua vida, sem que esta opressão venha a interferir na sua evolução e no seu desenvolvimento acadêmico, amoroso, interpessoal, etc.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (FREIRE, 1987, p.20).

Quando eu propus o trabalho, nem todos os alunos aceitaram, alguns não sabem nem porque estão na escola, mas acho que os alunos que gostaram da ideia podem contagiar os que não estão interessados.

Tenho a pretensão de montar uma peça teatral ao final deste trabalho, não sei se dará certo, mas acredito que o processo é mais importante do que o resultado final, portanto se eu não conseguir com que eles apresentem um trabalho de conclusão, não terá problema.

Espero que esse trabalho sirva de grande experiência e que realmente ajude a todos os envolvidos vislumbrar algumas conquistas e aprendizagens, tanto eu, os outros professores, e os próprios alunos.

Uma Breve Biografia de Augusto Boal

Augusto Boal foi um teatrólogo, dramaturgo e acima de tudo educador brasileiro que fundou o Teatro do Oprimido. Nascido no subúrbio da Penha do Rio de Janeiro em 16 de março de 1931, filho de padeiro e de uma dona de casa, Boal desde pequeno dirigia peças teatrais com

seus irmãos. Quando completou 18 anos, foi estudar Engenharia Química na UFRJ, e simultaneamente, escrevia peças teatrais. Em 1950 foi cursar uma pós-graduação em Engenharia Química, na Columbia University, em Nova York, neste mesmo período, estudou dramaturgia na *School of Dramatics Arts*¹⁴, também na Columbia e assistia a montagens do *Actors Studios*¹⁵.

De volta ao Brasil em 1956, aos 25 anos, é contratado para integrar o Teatro de Arena de São Paulo, dividindo as tarefas de direção com José Renato, mentor artístico da companhia. Passa a exercer natural ascendência sobre os colegas, em função de sua vasta formação intelectual, responsabilizando-se junto com José Renato pelo direcionamento do grupo.

Para prosseguir na investigação de um teatro voltado para a realidade do Brasil, Boal sugere a criação de um Seminário de Dramaturgia que se tornará o celeiro de vários novos dramaturgos. As produções, fruto desses encontros, vão compor o repertório da fase nacionalista do grupo nos anos seguintes.

Com a instauração do golpe militar em 1964, Boal começa a ser perseguido por causa das suas peças teatrais. Em 1971, Boal é preso e torturado. Na sequência, decide deixar o país, com destino à Argentina, terra de sua esposa, a psicanalista Cecília Boal. Em 1973, vai para o Peru, onde aplica suas técnicas num programa de alfabetização integral e começa a realizar a tcc que mais tarde se chamará de Teatro Fórum.

Nasce o Teatro do Oprimido, onde Augusto Boal desenvolve técnicas que auxiliam na restauração de pessoas oprimidas por diversos motivos, opressões políticas e pessoais. Após realizar diversos trabalhos pela América do Sul, em 1977, muda-se para Portugal, e finalmente em 1978 estabelece-se em Paris, criando um centro de teatro do oprimido, e lá desenvolve um trabalho mais interiorizado, com a ajuda de sua esposa Cecília, que resultou no livro “O Arco-íris do desejo”¹⁶ – Método Boal de Teatro e Terapia.

¹⁴ Localizada em Los Angeles, uma cidade sinônimo de inovação e excelência artística, a Escola de Artes Dramáticas da USC, líder do ranking, é líder em educação artística dramática.

¹⁵ O Actors Studio é uma associação de atores profissionais, diretores de teatro e roteiristas situado em Manhattan, na cidade de Nova Iorque. Fundado em 1947 por Elia Kazan, Cheryl Crawford e Robert Lewis. O Studio é conhecido por seu trabalho de ensino e refinamento da arte de representação, conseguido através de uma técnica conhecida como "o método", desenvolvida nos anos 30 pelos artistas ligados ao Group Theater, baseado em leituras particulares das proposições do Konstantin Stanislavski.

¹⁶ “Arco-íris do desejo” ou “O tira da cabeça”, é um conjunto de jogos e técnicas no qual a opressão não está no governo, nem nas forças militares, nem na polícia. Está dentro do indivíduo e seus traumas interiorizados. São as opressões que já estão impregnadas no sujeito, onde não é preciso que exista um opressor presente fisicamente, são os medos alojados na cabeça da pessoa.

Em 1981, promove o I Festival Internacional de Teatro do Oprimido. Somente em 1984, com a anistia, retorna ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, mas viajando para todo o mundo, onde aplica cursos e desenvolve atividades ligadas ao oprimido. Realiza encenações internacionais, ao longo e depois do exílio, em Nova York, Lisboa, Paris, Nuremberg, Wuppertal e Hong Kong.

Entre outros significativos títulos e prêmios angariados por Boal no exterior, destacam-se o *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres*, outorgado pelo Ministério da Cultura e da Comunicação da França, em 1981, a Medalha Pablo Picasso, atribuída pela Unesco em 1994. Em 2008 foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em virtude de seu trabalho com o Teatro do Oprimido. Em 2009, é nomeado embaixador mundial do teatro pela Unesco.

Augusto Boal faleceu no dia 02 de maio de 2009, no Rio de Janeiro, de leucemia, aos 78 anos.

2.2. Teatro-Imagem

Para Augusto Boal (2012a, p.18) no livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” a palavra é algo muito importante para a comunicação, no entanto ela elimina os outros sentidos, fazendo com que esses fiquem em segundo plano: “A palavra é a maior invenção do ser humano, porém traz consigo a obliteração dos sentidos, a atrofia de outras formas de percepção”.

Resolvi iniciar com meus alunos, metodologias de processo de montagem a partir de técnicas e jogos do teatro do oprimido. Comecei aplicando a técnica do “Teatro Imagem”, pois acredito que o conceito visual tem maior facilidade sensorial.

Arte é busca de verdades através de nossos aparelhos sensoriais. No *Teatro Imagem*, dispensamos o uso da palavra – a qual, no entanto, reverenciamos! – para que possamos desenvolver outras formas perceptivas. Usamos o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores, que nos obrigam a ampliar nossa visão *sináptica* – onde significantes e significados são indissociáveis, como o sorriso da alegria no rosto, ou as lágrimas da tristeza e do pranto -, e não apenas a linguagem simbólica das palavras dissociadas das realidades concretas e sensíveis, e que a elas apenas se referem pelo som e pelo traço. (BOAL, 2012a, p.18).

No *Teatro-Imagem* pede-se que um grupo de “estátuas” ocupem o espaço cênico, em seguida um outro grupo de “escultores”, que são denominados *espect-atores*¹⁷, esculpem uma

¹⁷ É o termo usado por Boal para caracterizar os espectadores que além de assistir, também tem a função de ator, podendo em dado momento interferir nas ações expostas nas técnicas do T.O.

imagem com os corpos dos atores, retratando uma opressão. Caso o público não concorde com a imagem, ele tem total liberdade de alterar algum detalhe que julgue necessário, ou até mesmo a imagem inteira. Isso acontece até que todos concordem e entrem num consenso. Esta imagem é denominada “Imagem Real”. Em seguida é montada a imagem denominada como “Ideal”, esta imagem tem que corresponder ao tipo de situação que é considerada ideal pelo grupo de espect-atores, como eles gostariam que fosse. Entre essas duas imagens, existe a Imagem de Transição, que é a intermediária, a que dá a impressão de passagem entre uma imagem e outra. Para finalizar este exercício, pede-se aos atores-estátuas que se movimentem da imagem real para a imagem ideal, como se fosse uma cena de transição natural.

Esta técnica, na verdade, era uma espécie de aquecimento para executar o “Teatro-fórum”. Os temas eram propostos pelo grupo, pois o teatro, tem que ser libertador, e nada melhor do que os próprios interessados proporem suas próprias ações.

O contato com o público, no caso do Teatro-Fórum, era estabelecido sempre seguindo a mesma sequência: exercícios, jogos, Teatro-Imagem e por fim, cenas do Teatro-Fórum. Os temas tratados eram sempre propostos pelo grupo ou pelos espect-atores. Jamais me permiti impor ou propor, alguma ação. Tratando-se de um teatro que se quer libertador, é indispensável permitir que os próprios interessados proponham seus temas. (BOAL, 2012b, p.25)

Antes de aplicar a técnica de Teatro-Imagem aos meus alunos do 2º ano, tive uma conversa com eles que durou os dois tempos de aula. Nesta conversa, falei sobre coisas que estão acontecendo conosco, desde nossa vida pessoal, suas histórias, até coisas que estão acontecendo em nosso país, refleti sobre qual era o meu papel como professor, como fazer algo que mude a minha vida e a deles, falei sobre minhas opressões, disse a eles que todos nós em algum momento sofremos com algum fato ocorrido em nossas vidas, que eles não estavam sozinhos.

2.2.1. Fotografias da Opressão

Após esta conversa, propus um exercício que Augusto Boal aplicou em uma de suas oficinas: ele pediu para que as pessoas trouxessem uma foto que retratasse a opressão que cada um sofrera naquele momento ou em algum momento de sua vida. Neste relato, duas fotos lhe chamaram a atenção, a primeira foi a de uma mãe que trouxe uma imagem do rosto de uma criança todo machucado; a mulher relatou que aquela foto se tratava de uma opressão que ela sofria todos os dias, pois era do rosto do seu filho, que toda noite era mordido por ratos, já que ela morava em um lugar insalubre, onde era obrigada a conviver com esses roedores. Outra

fotografia também lhe chamou atenção, que era a imagem de um prego preso na parede; quando Boal questionou a respeito, se surpreendeu com a história de um engraxate que trabalhava no centro da cidade, mas que morava em um lugar longe, onde era preciso pegar muitos transportes lotados, então, aquele prego era alugado de um dono de uma loja próxima, para que seu material de trabalho ficasse pendurado e guardado diariamente.

Os alunos ficaram bastante impressionados com estas histórias, pedi então que eles trouxessem uma fotografia que retratasse alguma opressão que eles tenham vivido ou vivem até hoje.

Iniciei a aula do dia 10 de junho de 2019 com a turma 2003, onde poucos alunos trouxeram o que eu havia proposto. O primeiro aluno a me mostrar a fotografia foi o Aluno 1, que me trouxe uma imagem tirada da internet, era um desenho de uma mão negra segurando um lápis de cor rosa, com os dizeres: “Lápis cor da pele”, o aluno relatou para toda a turma que aquela foto retrata o que ele sofre no seu dia-a-dia, o racismo, já que o aluno tem a pele de cor negra. Ele contou que sofre diariamente opressão em diversos lugares, na rua, nas lojas, conta que também sofre homofobia, pois é homossexual. Outra aluna, comenta junto com o Aluno 1 sobre esses temas, pois ela também é vítima de discriminação racial diariamente, e o assunto gera um debate entre os dois. Tenho certeza que foi bastante construtivo, já que o racismo é um assunto que está presente e violenta diariamente a população negra de todo o mundo.

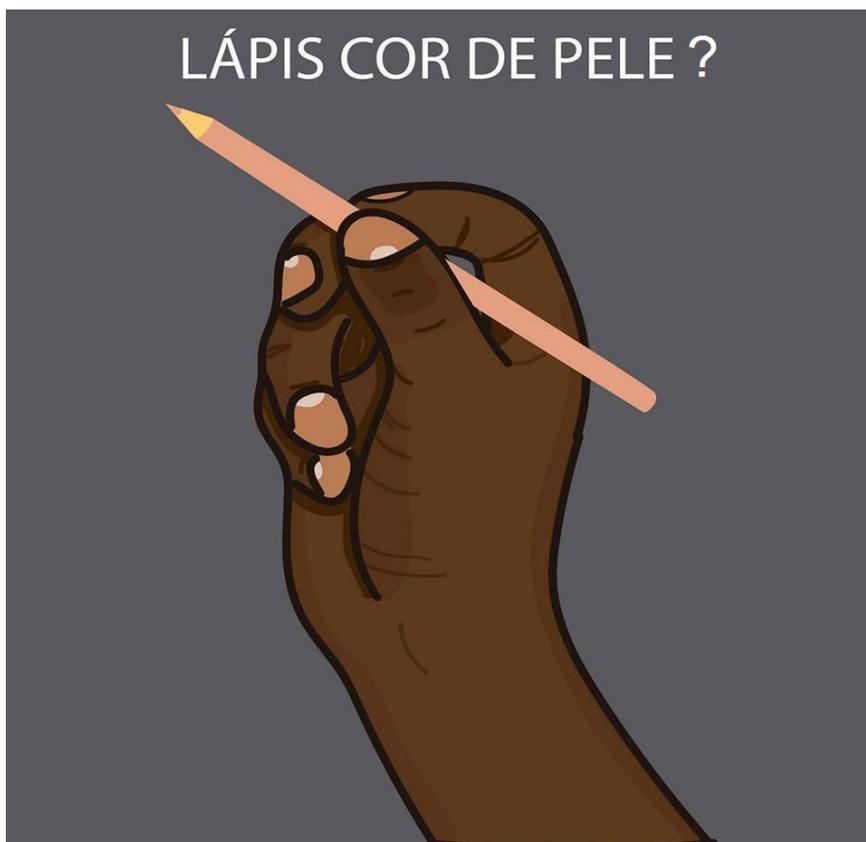


Imagem apresentada pelo Aluno 1 - turma 2003.

O segundo aluno a mostrar a sua imagem, foi o Aluno 13. Era uma foto que ele mesmo tinha tirado, de um cadeado aberto sobre um caderno, ele relata que está imagem simboliza a sua insegurança de ficar em público, ele conta que tem a autoestima muito baixa e sempre acha que as pessoas estão olhando para ele e falando dele. O estudante é um bom aluno, inteligente, atencioso e sempre participa das minhas propostas, mas é um aluno que falta muito, não sei o motivo. Percebe-se perfeitamente que o aluno tem uma certa timidez e que isso o atrapalha muito. Assim como ele, outros alunos também sofrem com a introspecção e acredito que estas atividades irão de alguma forma ajudá-los.



Foto do Aluno 13, turma 2003.

A aluna 14 traz uma imagem tirada da internet, de um homem chamando uma mulher de gostosa. Esta foto, segundo ela representa a sua opressão, que é o assédio sexual na rua.

Cada fotografia apresentada, gerou debates, acho muito interessante que isso aconteça, pois os alunos que se sentiram inseguros de trazer as imagens, pelo menos escutam os depoimentos dos que trouxeram, e assim também podem se identificar com os casos contados. Esse fato é algo muito importante para que eles tomem coragem e que em algum momento possam também contar as suas opressões e consigam se desprender deste sofrimento.

O assédio sexual atinge diversas mulheres, todos os dias, seja na rua, no local de trabalho, na escola, em todos os lugares frequentados por elas. É crime e deve ser denunciado.

Segundo o site www.jusbrasil.com.br:

O assédio sexual não é paquera nem elogio. É uma manifestação grosseira, independente da vontade da pessoa a quem é dirigida e que pode ser configurado como crime, dependendo do comportamento do assediador. Mas em locais públicos ou privados, as vítimas dessas situações podem e devem buscar ajuda de um policial ou segurança do local. Em situações mais complexas, como quando ocorre durante uma consulta, por exemplo, onde não há testemunhas, a vítima deve fazer a denúncia em uma delegacia e abrir um boletim de ocorrência para dar seguimento a essa denúncia. (<https://portal-justificando.jusbrasil.com.br/noticias/312041596/assedio-sexual-nao-e-cantada-e-tem-punicao>)

A próxima aluna a apresentar a sua aflição, foi a de número 15. Ela apresenta uma foto de uma balança, achei intrigante e quando a questionei, ela disse que representava a sua

autoestima baixa. A seu ver, a balança é um objeto que tem seus altos e baixos, o que para ela, configura as suas sensações, parece que ela tem a impressão que sua vida é uma balança, tem dias que ela está se sentindo bem e conversa normal com as pessoas, mas na maioria das vezes, ela está isolada e não fala com ninguém.

Alguns assuntos são bastante particulares e não geram muitos debates, os alunos escutam o que o colega tem a dizer, mas não estendem a conversa.

Somente esses quatro alunos trouxeram as fotos por mim propostas, os outros ficaram apenas escutando e debatendo, quando se identificavam.

Agora é a vez da turma 2001, de entregar as fotografias que simbolizem suas opressões, mas infelizmente, nenhum aluno trouxe. Fico um pouco frustrado com esse tipo de coisa, a turma 2001 é muito difícil de se trabalhar, os alunos dessa turma estão sempre dispersos e muito agitados. E apesar de ser um trabalho que trabalha com as histórias de cada um, o que sempre gera um empatia, essa turma não adere e não se propõe a fazer quase nada. Ainda preciso aprender como chegar até eles, com algo que os interesse.

A próxima turma a me entregar as fotografias que falem sobre suas opressões, é a 2002, essa turma, ao contrário da 2001, trouxe várias fotos.

A primeira foto a ser entregue, foi a foto da Aluna 16, que não me autorizou a expor a sua história para a turma. Sua imagem é a de um homem gritando com uma mulher, sendo que suas palavras são demonstradas simbolicamente por uma mão fechada, como num formato de soco, saindo de sua boca.



Foto da Aluna 16 - Homem agredindo verbalmente uma mulher

Segundo a Aluna 16, essa fotografia simboliza agressões verbais sofridas por ela e cometida por pessoas, inclusive seus pais: – *“Palavras de algumas pessoas incluindo meus pais, que eu carrego até hoje”*.

Sinto muita tristeza, quando me deparo com tal depoimento, penso se não posso mudar a vida desses jovens, imagino, como deve ser desesperador, quando se sofre esse tipo de violência e não se tem com quem contar. Conversei com a aluna e disse a ela que não está sozinha, que pode conversar comigo o quanto quiser, disse a ela que além de ser seu professor, também posso ser seu amigo, falei que existem pessoas que precisam ofender para se sentirem melhor com respeito às suas frustrações. Não sei se ajudei, penso que os nossos pais são pessoas que devem nos amar e apoiar. Como pode uma adolescente ser feliz e buscar realizar seus sonhos, se os próprios pais a colocam para baixo? Espero que ela consiga superar seus traumas e seguir em frente.

Bom, a próxima fotografia é do Aluno 17 da turma 2002. Ele preferiu me mandar por e-mail, pois segundo ele é mais fácil enviar esse tipo de coisa pela internet, ele declarou que é muito tímido e que tem a autoestima muito baixa, sua imagem retrata exatamente isso, um autorretrato no espelho. Ele disse que não é satisfeito com o que ele vê toda vez que se olha no espelho, se acha horrível, e isso reflete em seu convívio com as pessoas em seu cotidiano.



Fotografia do Aluno 17 da turma 2002

Eu como professor e principalmente como ser humano, tenho o dever de estimular o indivíduo e fazê-lo pensar a respeito de sua vida. Eu o questionei, perguntando: O que é ser bonito? Quem disse para ele que ele é feio? Quem impôs esse padrão de beleza? Disse a ele que a própria sociedade é cruel, é ela que escolhe o que é feio, o que é bonito, é ela quem escolhe o padrão de beleza, como se vestir, como devemos nos comportar, etc. Disse a ele para não se preocupar com isso, na verdade a aparência é o que menos importa. É claro que infelizmente, nós vivemos numa sociedade onde a aparência representa muito coisa, não posso ser hipócrita a esse nível e dizer que não, mas disse a ele que o mais importante que seu aspecto, são os seus valores, seu caráter, sua índole.

Espero ter atingido o seu coração e feito algum efeito em sua autoestima. Neste caso o opressor do Aluno 17 são seus próprios colegas, seus familiares, alguém que já lhe disse que é feio, ou até uma namorada que rompeu o relacionamento sem alguma justificativa, existem diversas possibilidades para o indivíduo se sentir assim, até os comerciais de TV têm o poder de mexer com a autoestima de alguém, enfim, esse é um processo que demora um pouco a sarar, às vezes nunca passa.

Eu recebi uma imagem por e-mail da Aluna 18 e junto com ela um texto que me partiu o coração, é muito difícil saber que existem pessoas que sofrem em silêncio, pessoas que você vê sorrindo junto aos colegas, mas que quando estão só, provavelmente refletem sobre sua vida e sofrem, ou quando estão em seu lar, são oprimidas pelos próprios familiares. A gravura que recebi, retrata uma menina sentada ao chão e a posição encolhida com uma bolha à sua volta, resolvi citar a contextualização da própria aluna a respeito da imagem.



Imagem enviada por e-mail pela aluna 18

Contexto escrito pela Aluna 18:

Essa imagem tem um grande peso para a minha pessoa, pois retrata mais ou menos uma opressão vivenciada dentro do meu lar com meu ex-padrasto.

No raciocínio/"cabeça" dele eu teria que viver desta forma, numa bolha. Sem amigos, sem sair, sem nada, somente ficar em casa fazendo minhas obrigações e ir à escola.

O próprio me comparava com a minha mãe, com a história de vida dela! Ele achava que eu iria engravidar aos 15 anos e ele que teria que sustentar a criança por estar morando no mesmo teto que ele. Jogava a obrigação de cuidar do filho dele, educar, ensinar os deveres de casa e só ficava na rua. ODIAVA minhas amizades, principalmente meninos pois logo pensava que eu estava namorando, "ficando" e iria aparecer grávida, tudo para ele era motivo de eu ter a possibilidade de estar grávida.

Houve um período que eu comecei a namorar com um menino de Campo Grande-RJ (meu ex) e ele odiava que eu namorasse pois como disse no texto anterior tudo era motivo de estar grávida, quando o menino chegava ele saía só voltava quando ele ia embora e voltava "tri bêbado", minha mãe me privava de sair com meu próprio namorado por conta dele ficar falando besteira na cabeça dela e ela sempre dizia que "queria evitar stress", e quando deixava sair mentia sobre o local que iria, eu não podia ter foto no meu aparelho celular e nem mensagem falando sobre o assunto. (...) Hoje em dia me sinto bem mulher, e provei a todos que o pensamento dele estava errado, estou tentando perdoar minha mãe aos poucos e tentar ter uma amizade de mãe e filha. Hoje eu não me sinto mais nessa bolha e entendo que tudo serve de ensinamento nesta vida.

A próxima aluna a me enviar uma imagem, foi a de número 19. Ela me enviou uma figura de uma criança no canto da sala e a sombra de uma mão em posição de agressão física, uma legítima cena de violência doméstica contra a criança. A aluna explica que sofre esse tipo de opressão, tanto física, como verbal por parte de sua mãe, que desconta suas frustrações e problemas do dia-a-dia sobre ela.

É muito duro saber que você está lidando com seres humanos que sofrem violência desse tipo diariamente e não poder fazer muita coisa a respeito, a gente tenta conversar, já houve casos em que nem o conselho tutelar conseguiu resolver ou foi negligente. Eu me sinto impotente por não conseguir ajudar completamente essas crianças. Aquilo que eu consigo fazer, sinto que não é o bastante.



Imagem enviada pela aluna 19

A aluna 19 não deixou que eu mostrasse sua imagem para os outros colegas, ela tem total vergonha de sua situação, ela não quis compartilhar sua opressão. Está aí uma questão, que eu não sei lidar: Como fazer com que eles falem de suas opressões? Como mostrar para eles que nós só conseguiremos nos libertar e superar esses traumas, se a gente se expor e transformar essa opressão, dizendo como a gente gostaria que fosse a nossa vida, como poderíamos transformá-la etc. Mas, também acho que são problemas muito graves, estruturais que não serão resolvidos numa aula de teatro. Apenas podemos apontar algumas saídas, e fortalecer o oprimido.

É o que acontece no teatro-fórum, uma primeira situação de opressão é exposta para que a plateia modifique e a transforme em uma situação de não-opressão. Esse poder de transformar a opressão, faz com que o oprimido encontre e visualize uma possível saída para resolver o seu problema e o indivíduo começa a se transformar interiormente.

Um outro aluno, o de número 20, me relatou que sua mãe morreu quando ele tinha 5 anos, a partir daí ele desenvolveu uma depressão aguda. Aos 12 anos, ele se fechou e muitas pessoas queridas o abandonaram. A imagem enviada por ele, foi uma fotografia de si mesmo.

Parece que o autorretrato tem algo relacionado com a depressão ou autoestima baixas, pois tanto o aluno 17, quanto o 20, me enviaram imagens deles mesmo, como um símbolo de suas opressões.

2.2.2 – Esculturas Vivas em 3 etapas: Imagem Real, Imagem de Transição e Imagem Ideal

O segundo passo com a turma 2003, foi a aplicação do “Teatro Imagem” no que se refere às construções de esculturas com os próprios corpos dos estudantes, divididos em três etapas: Imagem Real, Imagem de Transição e Imagem Ideal. Perguntei então, quem da turma gostaria de se prontificar a servir como estátuas; três alunos se disponibilizaram para tal função, foram eles: Alunos 1, 14 e 21. Em seguida perguntei qual seria o tema a ser tratado, então eles escolheram “Assédio sexual contra a mulher”.

A Aluna 22 como um espect-atriz, levanta-se e esculpe as estátuas, formando uma primeira imagem denominada “Imagem Real”, que eram duas meninas conversando em pé e um menino sentado atrás olhando fixamente para a região glútea de uma delas, a outra olhando para o rapaz.



Alunos da turma 2003 interpretando a imagem real de um assédio sexual contra a mulher

Uma outra Aluna, de número 23, se levantou e alterou a imagem colocando mais homens olhando para as duas meninas. A próxima a alterar a imagem, foi a Aluna 24, que

colocou um dos meninos apontando para as nádegas delas e os outros comentando, em uma imagem rotineira de assédio nas ruas.



Alunos da turma 2003 interpretando a imagem real de um assédio sexual contra a mulher com alteração do espect-ator

Depois outras imagens foram criadas, até que todos os espect-atores encontraram um consenso em relação a imagem real que retrata o assédio sexual contra a mulher. A imagem real escolhida, foi a de três homens assediando duas meninas, um segurando uma delas pelo braço, outro olhando para o rosto da outra e um terceiro como se estivesse passando a mão no bumbum dela.



Imagem real consensual de todos os alunos da turma 2003 (Assédio sexual)

Em seguida, pedi que eles agora construam a imagem ideal, que é àquela que eles entendem como uma transformação em relação ao tema escolhido. Então, a Aluna 22 construiu uma imagem de um homem beijando a mão de uma das mulheres, num gesto de cavalheirismo, ao lado um homem conversando com a outra olhando nos olhos. Todos concordaram com a imagem formada.



Imagem ideal (contrária ao assédio sexual) produzida pelos alunos da turma 2003

O próximo passo para a realização deste exercício, é a construção da chamada “Imagem de transição”.

A chamada *imagem de transição* tinha por objetivo ajudar os participantes a pensar com imagens, a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas seus próprios corpos (posições corporais, expressões fisionômicas, distâncias e proximidades etc.) e objetos. (BOAL, 2012, p.25).

A Aluna 22, como espect-atriz, se encarregou de montar a imagem de transição, ou seja, a cena que explicita de que forma a situação de assédio pode transpor da imagem real, que é a imagem que mostra a situação da forma como ela é, para a imagem ideal, que é a fotografia de como nós gostaríamos que fosse.

A imagem retrata uma tentativa de impedimento da situação em questão, percebe-se que um dos alunos tenta tirar satisfação e segura o braço de um dos rapazes que cometem o assédio, enquanto uma das meninas puxa o braço, impedindo que o outro assediador cometa o ato.



Imagem de transição demonstrada pelos alunos da turma 2003

Os próximos alunos a participar da aula sobre o teatro-imagem, foram alunos de duas turmas misturadas, a 2001 e a 2002. Isto aconteceu, porque precisei juntar as duas turmas por conta de uma reunião pedagógica que iria acontecer entre a direção e os professores.

O primeiro grupo desta junção a se apresentar, criou uma imagem real de um assédio no ônibus. As estátuas foram: Alunos 12, 18, e 20 da turma 2001, e os Alunos 2, 4, 5, 25 e 26 da 2001. Os espect-atores foram: Aluna 3 (2001), responsável pela imagem real e Aluna 12 (2002), responsável pela imagem ideal.

A Aluna 3 foi até as estátuas e montou a imagem que ela entende como a de um assédio dentro do ônibus, em seguida, perguntei se todos estão de acordo com a imagem proposta, ninguém se opôs, concordando com o que a colega havia montado.

Podemos observar que na imagem, há algumas situações de assédio acontecendo simultaneamente dentro do transporte público.



Alunos das turmas 2001 e 2002, simulando uma imagem real de assédio.

Um homem encostando-se em um outro rapaz, que por sua vez está apertando a mão de uma menina, um rapaz sentado abraçando uma menina, que me parece que não está gostando muito deste contato, pois é como se o rapaz a estivesse abraçando a força. Duas meninas em pé, apenas observando esta cena. O motorista, interpretado pela Aluna 25, apenas dirigindo, sem se dar conta do que está acontecendo.

Esta é uma imagem típica do que todos nós vivemos no nosso dia-a-dia, quando pegamos transportes públicos. Temos que conviver com transportes em situação precária, superlotados e com pessoas mal-educadas. Esta imagem foi bem elaborada pela Aluna 3, ela soube de forma eficaz retratar este tipo de situação.

Na imagem ideal, foi preciso fazer uma substituição de estátuas, pois a Aluna 12, se colocou à disposição para exercer os papéis de espect-atriz e estátua, e neste sentido ela foi a responsável por criar a imagem ideal. Podemos averiguar que na imagem definida como ideal, as pessoas estão mais afastadas, apesar de estarem em pé, e conversando num semblante alegre e descontraído, sem haver qualquer tipo de assédio. Este é desejo de todos nós, que queremos apenas obter o direito de ir e vir, sem que precisemos nos estressar com situações de violência como esta. Gostei bastante da forma com que a Aluna 12, construiu sua imagem ideal.

Este exercício, não precisa ser sofisticado, é uma construção de imagens simples que nos ajuda a entender o que nos incomoda e como gostaríamos que fosse.



Imagem ideal construída pela Aluna 12, em relação à situação de assédio no ônibus.

Depois destas duas imagens (real e ideal), o próximo passo para a realização deste exercício, é a construção da transição de uma imagem para a outra, ou seja, da imagem real para a imagem ideal, denominada “Imagem de Transição”, e para a criação desta etapa da atividade, nós contamos com a Aluna 27 da turma 2002. Houve uma certa mudança em relação às estátuas, pois os alunos da turma 2001 tiveram que sair para assistirem à outra aula, então nesta etapa, só ficaram alunos da turma 2002.



Imagem de transição construída pela Aluna 27.

Na imagem de transição criada, podemos observar que temos duas meninas sentadas vendo algo de muito interessante e assustador no celular, atrás, temos um rapaz tentando abraçar uma moça, que por sua vez, tenta impedi-lo de cometer tal ato, também podemos contar com

uma mulher, em pé e apontando o dedo, como se estivesse indicando a alguém, a situação de assédio.

Ao meu ver, o objetivo ficou um pouco confuso em relação às imagens anteriores, este fato se deu pela dispersão referente à liberação da outra turma. A gente tem que ter soluções rápidas para conseguir resolver este tipo de situação, pois os alunos são muito dispersos, e quando algo que não está previsto acontece, a aula vira bagunça.

O que eu entendi da imagem foi que, as duas meninas da frente estão vendo alguma notícia pela internet, ao mesmo tempo, um assédio está prestes a acontecer dentro deste mesmo ônibus, mas é impedido pela passageira que aponta para a situação. Não foi bem o que eu queria, mas de qualquer forma, serviu para que eles entendessem como funciona esta atividade, e de que forma esta situação pode ser interrompida.

2.3 – Cartas de Opressão

Certo dia, propus aos alunos que escrevessem uma carta para qualquer pessoa que eles tenham desejo de enviar; podia ser para o seu opressor, para si mesmo no presente ou no futuro, podia ser para o universo, enfim, para qualquer pessoa que eles queiram dizer algo. Eles podiam me enviar por e-mail, pelo Facebook, ou escrita em um pedaço de papel. Podiam assinar ou não, deixei eles bem à vontade quanto a isso. Esse foi um dos exercícios que aprendi na oficina de “Teatro do Oprimido” que cursei na Escola Sesc de Ensino médio, ministrada pelos “Curingas”: Helen Sarapeck e Cachalote Matos. Quando experimentei este exercício, percebi que ele tem o poder de nos libertar das nossas opressões, pois o indivíduo que escreve, coloca os seus sentimentos no pedaço de papel, indicando que escrever é mais fácil do que falar. A continuação desta atividade, é expor essas cartas em algum tipo de mural, aí cada participante lê todas elas e escolhe uma com a qual ele se identifique, e que não deve ser a carta que ele escreveu. Em seguida, essas cartas são lidas uma a uma por cada pessoa que a escolheu. O autor de cada carta pode ser revelado pelo próprio, ou se não quiser assumir a carta, não precisa, ninguém é obrigado a assinar estas cartas, eles podem se quiserem permanecerem no anonimato. Na maioria das vezes, as pessoas assumem a autoria dos escritos. Eu lembro que quando fiz a minha carta, escrevi sobre uma situação difícil que estava vivendo naquele momento. Lembro que quando a minha carta foi lida, eu imediatamente comecei a lacrimejar, e todos que estavam participando, logo perceberam que a carta era minha, em seguida houve um abraço coletivo. Esta experiência me marcou muito, foi como se eu tivesse tirado um peso enorme das minhas costas. Não sei bem explicar o sentido e nem o processo deste exercício, só

sei que me senti bem melhor quando o executei, com isso, acreditei que poderia funcionar com qualquer pessoa, inclusive com meus alunos.

Aceitei a entrega desta tarefa por praticamente todo o ano letivo, pois muitos alunos foram me enviando durante este processo, acredito que nem todos se sentiram à vontade para me enviar este tipo de coisa, pois não é fácil estar sofrendo com uma opressão, abuso ou algum sentimento do gênero, e expor isso para outras pessoas. A gente se pergunta o que essas pessoas vão pensar de você, mas quando se consegue escrever e expor este problema, o resultado é bastante gratificante.

Quando fui recebendo as cartas, alguns alunos disseram que não queriam que eu expusesse para ninguém e alguns disseram que não havia problema da carta ser lida. Eu disse a eles que não ia contar a ninguém sobre o conteúdo da carta, que eles podiam confiar em mim. Mas como fazê-los confiarem em mim a este respeito? Então eu perguntei quem não se importava da carta ser exposta. Alguns deixaram a carta ser lida, mas não queriam que dissesse quem escreveu, outros não quiseram sequer que eu a lesse em público, e eu respeitei completamente essas solicitações.

Então coleí as cartas autorizadas num mural do auditório, pedi para os alunos lerem todas elas. Fiz este exercício com as três turmas que resolvi aplicar essa atividade, em todas elas, deu muito certo. Depois que todos leram as cartas, cada um escolheu uma e descolou do mural, fizemos uma grande roda onde cada um leu a carta escolhida. Tirei a parte da carta dos alunos que não quiseram assumir a sua autoria, e os que deixaram que seus nomes fossem revelados, deixei no papel suas assinaturas; havia também, as cartas que não tinham nomes, mas na hora da leitura a pessoa se acusou e assumiu sua carta, alguns alunos se identificaram muito com os seus colegas, muitos alunos se emocionaram e até choraram, eu também me emocionei em vários momentos. Ao final da leitura de cada carta, eu propunha um abraço coletivo na pessoa responsável por ela. Foram diversos abraços e todos se sentiram muito acolhidos. Os alunos que não escreveram as cartas e estavam na leitura, não perderam a oportunidade de poder se identificar com aquelas cartas e também receberem abraços.

Esse foi um dos momentos mais emocionantes na minha trajetória como professor, percebi que ali estavam seres humanos que sofreram e sofrem com algo que acontece em seus cotidianos, seja este sofrimento qual for, são muitas coisas que acontecem em seus lares: é o padrasto que abusa da enteada, é o menino que passa fome, é o pai que não dá amor ao seu filho. Não há dinheiro que pague, poder ajudar a todas essas pessoas. Pode ser que esse trabalho mude a vida de muita gente, pode ser que não, mas o que importa é que estou tentando o possível

e dando o meu melhor. Tenho muito trabalho pela frente, sei que não conseguirei mudar o mundo, mas posso ajudar a mudar um pouco a vida de alguém.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 2000)

2.3.1. Cartas ao opressor - Transcrição das cartas do alunos

Carta para o Mundo

“Eu nasci há alguns anos atrás;

O mundo estava em mudanças;

As crianças estavam evoluindo, mais sábias que os velhos.

Assustador!

As cartas foram substituídas

Os pássaros cantam e os ignorantes não escutam.

Corra!

Como uma garota sentada no sofá, escrevendo o pouco de vida que a restava, tentando fugir da escuridão em que se perdeu.

Coisas que não fazem sentido.

Tente achar um refúgio, IMPOSSÍVEL.

Meninas sendo malvadas com meninas que não são suportáveis.

Não se torne o padrão do mundo.

Domine seus pensamentos ou eles vão te devorar.

Mesmo que devore, não desista, alguém precisa muito de você.

Volte há alguns anos atrás.” (Aluna 25, turma 2001)

“Essa carta é para mim mesma, gostaria de dizer pra mim mesma, não desistir, não agora depois de ter passado, escutado tantas coisas horríveis, queria dizer para seguir em frente como sempre segui. Superar e sempre buscar evoluir como pessoa e buscar sempre ver o melhor em tudo. Queria dizer que nada é pra sempre, nenhuma dor, angústia, crises. E também dizer que está tudo bem, não estar tudo bem!” (Aluna 5, turma 2001)

“Vou escrever uma carta pra mim, gostaria de começar me parabenizando por ter sido forte em tantos momentos e enfrentado coisas que hoje olho pra trás e agradeço, porque foi

através dessas coisas que me tornei uma pessoa melhor e mais madura. E gostaria de dizer pra eu continuar indo atrás dos meus sonhos e objetivos que uma hora, não há dúvida que as coisas vão acontecer, Deus tá cuidando de tudo. E continuar buscando ser a melhor versão de mim”. (Aluna 3 turma 2001)

“Olá coração, como anda se sentindo esses dias? Soube que andou sofrendo muito de novo, aqueles, mesmos problemas do passado que te atormenta.

Também soube que fez várias conquistas e que se alegrou por isso, confesso que fiquei preocupada com você tive medo que você não batesse mais, e eu não existisse mais, espero que você fique bem e jogue fora tudo aquilo que te faz mal, e seja muito feliz.” (Aluna 28, turma 2001)

Minha Lua

“Como está o céu nesta noite fria?

Consegue ver a lua?

O céu está estrelado, isso não é mentira

De novo estou no quintal, mas disso você já sabia

Com o celular na mão

Tentando fugir pra outro mundo

Um mundo tão perfeito

Onde eu sou minha única preocupação

Mais um dia, e eu estou aqui

Cansado, triste, só olhando os céus

Procurando onde eu me perdi.

Procurando onde deixei de ser eu.

A lua aparece sempre

Quando estou no desespero

Com a mente a mil e

De novo, chorando

Não consigo entender,

Como após tantos anos,

Ainda não consigo me ver no espelho,
Como não consigo ser meu amigo

No ápice na escuridão sim
Eu aprendi a me amar
Já que não havia mais
Com quem contar

Sai dia, entra dia
E eu ainda estou aqui
Cada dia algo novo pra somar
Somar com a vontade de querer ir

Tenho monstro na minha vida
E isso não tenho como negar
Porém meu maior pesadelo
Não consigo matar; Eu

Passo o dia amando
Passo o dia rejeitado
Passo o dia sendo bom
Passo o dia sendo odiado

Talvez a culpa fosse minha
Por ter mudado pro bem
Talvez fosse culpa minha
Ter decidido amar alguém

Entra dia, sai dia
Entra dor, e fica
Fico só com meu pesadelo
Mas ainda assim ela me salva, Água minha”.

(Aluno 26, turma 2001)

O que eu sinto?

“O que eu sinto? Sinto ódio, fúria, tristeza, vontade de vencer, ganhar algo. Mais infelizmente, não consigo, por que será? Porque tudo é tão difícil. Qual sentido disso tudo? Um dia iremos morrer e tudo será em vão. Então qual é a graça?” (Aluno 29, turma 2001)

“Querido eu, eu sei que diante de tudo você está tentando melhorar e evoluir, espero que você consiga novas experiências, conheça novas pessoas adquira mais maturidade e veja isso em cada atitude sua, espero também que você continue sendo essa pessoa de um coração enorme que te faz ser um pouco trouxa, mas no bom sentido às vezes seu orgulho atrapalha um pouco e você sabe disso mas você pode melhorar isso, espero que você não mude seu jeito porque foi com ele que você ganhou e perdeu pessoas e com todas elas você aprendeu algo mesmo que tenha sido por uma situação negativa. Querido eu, eu só tenho para te falar, tenho muito orgulho de quem você se tornou e está se tornando”. (Aluna 30, Turma: 2001)

“Querido eu, hoje estou escrevendo essa carta pensando como vou estar daqui há 15 anos, e tudo que eu mais quero é poder me encontrar na melhor fase da minha vida, espero ajudar o mundo, poder ajudar a todos, e só quero o melhor dessa vida, e toda dor que sinto hoje se torne felicidade, e as pessoas que já foram embora, voltem pra minha vida”. (Aluna 4, Turma 2001)

“Meu dia a dia é muito difícil só queria que melhorasse, porque eu sou muito maltratado pelos próprios parentes só queria que isso mudasse”. (Aluno2 , turma 2001)

“Vó como você conseguiu criar 3 mulheres na época onde mulher não valia nada, você teve que construir o mundo de traumas, abdicação, luto, pra falar que essa família não tem vagabunda, aprendi no seu colo, tenho respeito com os outros, é simples, não faz com ninguém aquilo que não gostaria que fizesse contigo”. (Aluno anônimo, turma 2001)

Tema: Futuro

“Espero já ter me formado na escola e no curso de enfermagem, como eu planejava. Ter feito minha casa e ajudar minha mãe nas condições que ela precisa. Ter me casado com certeza por que não quero viver sozinha, quero alguém para me acompanhar e me ajudar a caminhar. Ter vencido minha baixa autoestima, e ter o que quiser como todos duvidaram da minha capacidade”. (Aluna 31, turma 2003)

“Então, querido pai, se eu tenho que falar sobre opressão, eu não posso te deixar de fora, sei que você sempre fala que me ama e só quer o meu bem, porém o seu jeito me deixou muitas feridas ao longo da vida, e ao invés de ajudar, só atrapalhou, em vários momentos da minha vida, passei por depressão, uma timidez gigante, e precisei de você em vários momentos da minha vida e nunca tive, chegou a um ponto que o senhor não conhece o filho que tem, pois suas atitudes e jeitos, eu tenho que fingir ser outra pessoa para conseguir conviver em casa, você fez coisas horríveis que marcaram e machucam bastante, principalmente na infância, algumas coisas eu não preciso dizer aqui, porém é isso, espero que isso melhore, pois se continuar, não teremos um final tão bom”. (Aluno 32, turma 2003)

“Este mundo está com muita violência, todos os dias ocorrem mortes, muitas pessoas entram em depressões por conta da violência, porque têm medo de sair da sua casa e não voltar mais... já não aguentamos mais, muitas lágrimas escorrendo, queremos mais segurança para nossa população, não temos muito policiamento, a quantidade que tem, não dá pra atender a todos, pedimos todos, SOCORRO!” (Aluno anônimo, turma 2003)

“Ele não consegue me ver bem, sempre tenta me oprimir, quando estou perto dele me sinto desconfortável, sempre acha um jeito de criticar o que eu faço, isso me deixa furioso”. (Aluno 33, turma 2002)

“E aí, como está? Já consegue fazer o solo de “*Something*” dos Beatles? Espero que sim, mas se não, tá tudo bem, eu espero coisas mais importantes de você.

Eu atualmente me encontro em uma leve crise existencial, não tenho visto muito sentido em fazer nada, mas sei que isso vai passar e, espero que com o tempo, isso não volte a acontecer. Sinto um profundo desânimo dentro de mim, sinto que nada que eu faço está dando resultado, mas isso só você pode me dizer, não é? Então me diga, já superou aquela maldita insegurança? Já superou aquele amor não correspondido? Já melhorou suas relações familiares? Conseguiu o emprego dos sonhos? Já se provou pra si mesmo? Está satisfeito com a sua vida? Por último, devo perguntar, já tornou uma pessoa melhor?

Acho que são apenas dramas adolescentes, nem sei se importam de verdade, mas eu realmente espero que tenha conseguido tudo que almejo materialmente falando, mas acho primordial que tenha melhorado por dentro e, principalmente, espero que esteja feliz. Nunca pare de correr atrás de seus sonhos, um grande abraço”. (Aluno 13, turma 2003)

“O que me oprime é o feminicídio. Mulher não nasceu para ser violentada, independente da forma que ela se veste, ou algo do tipo, diga não ao feminicídio”. (Aluna 24, turma 2003)

“Bom, na verdade nada me oprime, mas teve uma situação tão chata, mas tão chata, que depois desse acontecido, eu fiquei muito pensativa e magoada com essa situação.

O que resultou a isso, foi o fato de eu ser gordinha, com esse fato as pessoas de alguma forma acabavam me zoando, falando palavras absurdas como: “Ô sua gorda, vai emagrecer, sua feia, ninguém vai te querer com esse corpo, você nunca vai pegar alguém porque você é gorda! E com isso, hoje eu entendo que eu posso ser magra ou gorda, isso não vai mudar em nada, pois você sendo ou não, as pessoas vão falar. Hoje em dia, isso não mexe mais comigo, pois aprendi a me importar comigo, e não com as pessoas”. (Aluna 22, turma 2003)

“Oi, e aí? Tudo bem por aí? Bom espero que esteja sim, espero que você tenha realizado todos os seus sonhos, espero que você calou a boca de todo mundo que desacreditou de você, de todos que te oprimiram, de todo mundo que te magoou, espero que você ainda esteja sendo um cara incrível, que mesmo as pessoas te magoando, você tá lá sempre perdoando e ajudando naquilo que é possível, nunca se esqueça que você é um milagre, cara, nunca se esqueça de tudo que o seu Deus te livrou, nunca abandone esse Deus, eu te peço, porque se você abandonar a minha vida vai ter sido levada, você já sofreu tanto por somente não ter se viciado em droga nenhuma né? Por ser o único jovem da família que serve a Deus né? Quantos julgamentos você já ouviu cara? Cara, você é muito forte, quantas vezes você já ouviu diversas ofensas do seu pai, somente por ele estar drogado. Eu queria sinceramente saber como ele está aí no futuro, se ele foi curado, se ele voltou com a minha mãe “obrigado”. Nunca esqueça de sempre pedir obrigado a Deus por tudo que ele fez e ainda faz por você”. (Aluna 1, turma 2003)

Opressão

“Por muito tempo da minha vida eu vivi com depressão, sem vontade de ir na rua, sem vontade de pentear o cabelo, nada estava bom, só queria ficar dentro de casa, só pensava em coisas ruins, nada me agradava. Hoje eu estou bem melhor, superei algumas coisas”. (Aluna 27, turma 2002)

“Em um dia normal como todos os outros, estava eu andando pela rua, indo comprar pão, até que veio um carro preto, com dois homens me assaltar, me colocaram dentro do carro e apontaram a arma para mim e mandaram eu entregar o celular. Eu com muito medo, assustada com a situação, entreguei e deixaram eu sair do carro”. (Aluna 6, turma 2002)

“Um das opressões que passei e ainda passo, é sobre minha mãe mentir diariamente sobre meu pai e fazer eu acreditar que ele não queria fazer parte da minha vida durante toda infância. Eu o via, porém achava que era só por obrigação que eu estava ali e me sentia mal, e apenas quando fiz 13 anos, meu pai conversou comigo e me contou toda verdade sobre o que tinha acontecido, de lá para cá minha relação com ele melhorou, porém com a minha mãe só piorou, primeiro porque ela não pensava que seria possível eu ter uma boa relação com ele e segundo, porque acho que ela se sentiu abandonada por ele quando terminaram, principalmente por estar grávida de mim, e ela desconta todos os problemas sobre mim, e já até me bateu por isso e isso sempre me oprimiu, e quando qualquer pessoa mente para mim, me faz muito mal, por ser ruim e por todas as lembranças, mas sigo acreditando que tudo vai amenizar, porque passar 100% é difícil”. (Aluna 19, turma 2002)

“Passei por uma opressão com meu tio parte de pai, ele tentou abusar de mim quando eu era pequena, não consegui contar para ninguém, há pouco tempo o meu namorado conseguiu tirar isso de mim e eu contei a minha mãe e meu pai, mas mesmo assim, não consegui falar sobre isso abertamente e doeu muito ainda”. (Aluno anônimo, turma 2002)

“Uma das opressões por qual passei, foi quando um conhecido que me viu praticamente crescer, começou a me mandar um monte de mensagens um pouco estranhas. Eu quase nunca respondia ele, por não ter muito contato e por achar aquela situação muito desconfortável. Um dia resolvi responder para ver no que ia dar e logo em seguida, ele começou a me chamar de “meu amor”, “Minha gata”, “me chama no WhatsApp, meu amor”, “vamos se encontrar”. Foi uma situação muito desagradável! Homem casado, de família e com segundas intenções. Eu pedi ajuda e ele parou, mas antes, inventou várias coisas sobre mim, disse que era louca por inventar aquilo tudo. Ele parou, mas tenho certeza que não fui a última!” (Aluna 23, turma 2002)

“Quando eu era mais nova, fui motivo de chacota em uma escola, dois anos seguidos por gostar de um menino, sofri bullying, racismo, zoavam meu cabelo crespo, meu nariz, que é

considerado “nariz de batata”, e agora depois de muito estudo, eu fui entender que eram traços de negro, entre outras coisas. As zoações eram tão pesadas que acabaram sendo do próprio menino, aquela época mexeu tanto com meu psicológico, que me afeta em relacionamentos, sem contar que eu descobri na mesma época que meu pai tinha outra mulher e uma filha com mais ou menos 8 ou 9 anos. Isso tudo mexeu muito comigo e eu não sabia até entrar no meu primeiro relacionamento, ele era um menino tranquilo, nunca tinha namorado e eu também não, a gente se gostava, mas ele ferrava a autoestima, que eu já não tinha, nunca me elogiava, e quando me elogiava, eram elogios do tipo: “gostosa”, como se eu fosse só corpo, sabe? Mulheres negras já foram sexualizadas a vida toda, eu só queria me sentir mais que aquilo, sem falar das vezes que eu tinha que ouvir ele me comparando com outras garotas, com comentários do tipo: “Você poderia se assim, né?”. Aquilo acabava comigo e daí daquela insegurança de não ser bonita o bastante, ele juntou com a traição do meu pai, que é o exemplo de relacionamento que eu tinha em casa, eu virei uma menina muito ciumenta e acabei criando uma coisa na cabeça de “Se tem ciúmes, tem amor”, e como eu era a única ciumenta da relação, aquilo acabou comigo, gerando o fim da relação.

Me senti a menina mais feia e insuficiente desse mundo, ainda machucada, depois de um tempo, comecei a desabafar a falta que a ex-relação fazia, com um amigo, e como já era de se esperar, comecei a criar sentimentos por esse menino, e foi a pior coisa que eu fiz, entrei em um relacionamento abusivo, tanto da minha parte, como da dele, não saía direito com minhas amigas, parei de usar as roupas que eu gostava, eu praticamente vivia para ele, sem falar que ele não me assumia, sei lá, acho que me achava feia, queria entrar mais em detalhes, só que já está enorme, enfim, desde então, minha autoestima nunca mais existiu, tenho dificuldade para entrar em relacionamentos e tenho recaídas na depressão e crises de ansiedade”. (Aluna 34, turma 2002)

“A minha opressão foi quando fui humilhada pelos meus amigos, só porque eu falava errado e aquilo me fazia muito mal, e às vezes eu paro pra pensar: “Por que fizeram isso comigo? Poderia ser com outra pessoa, tinha que ser eu”, mas hoje em dia, vejo que aquilo foi só uma fase ruim, que passou pela minha vida, e que aprendi que deveria ter procurado novas amizades, que me ajudassem a ficar feliz, não triste”. (Aluna 35, turma 2002)

“*Anything* Apenas *Anything* e o que seria exatamente *Anything*? Seria apenas nada? Seria um Lápis branco no estojo de várias outras cores? O que seria *Anything*? Seria apenas a mesma coisa sempre? Sem sentido e sem significado, O que é *Anything* para você? Apenas

nada? Por que nunca mudamos e sempre continua sendo nada? O ser humano não tem chance de evoluir apenas pensando em desistir, vejo jovens e adultos cometendo suicídio, não vejo sorte e nem livramento, os suicidas não querem se matar e sim matar a sua dor, entendo, mas para quê? O que seria matar a sua dor? Sente-se cansado? Sente-se magoado? Sente-se triste ou estressado com algo? Acho uma coisa recíproca, uma coisa sem noção e sem direção. A morte é boa? A Vida é boa! Basta saber viver, sentir a vibe, saber ajudar aos outros, ser ajudado e sentir-se melhor, uma pessoa melhor! Até agora não falei de NADA e o que seria esse nada para você? Apenas um texto? Um texto para os suicidas? Não! Esse texto não deve ter nexos. Ele deve sentir as palavras e serem expressadas em forma de um texto escrito por alguém, mas por que alguém leria isso? Mas a forma é ninguém ler! A nossa mente automaticamente quer mostrar nossas conquistas e méritos, mas hoje... Acho desnecessário isso. Por que isso? Irá mudar algo? O algo amanhã seria o que? Apenas nada novamente? Ou o Ser Humano irá dar um novo conceito para o nada? Sinto-me preso a palavras e às responsabilidades! O assunto é não ser igual a alguém e sim formar um novo caráter totalmente de todos e que você se sinta único e agradável! Mas por que iria fazer isso? Para se sentir Vivo! Para criar uma Personalidade e ser quem você realmente quer ser, tanto por sexualidade, gênero musical, estilo e etc. Tudo um dia irá chegar até o nada novamente sem o conceito! O mundo não irá acabar, mas você irá acabar! Um dia, não apresse isso! Todos nós temos nosso tempo, o que tiver que ser, será! Seja calmo e paciente, sinta a vibe e siga a batida do seu coração, sinta-se vivo! Seja quem você realmente é! E aprecie as pessoas que fazem isso, elas sim são verdadeiras! Elas são pessoas a se valorizar e se sentir orgulho de chamar de amiga (o), seja melhor que aquele que te crítica, mas não tenha ego maior! Seja o mesmo, só maior e com mais caráter, seja uma pessoa do bem, faça o bem ao próximo! Não se ligue em Religião! Religião acaba com os conceitos de um ser humano! Seja você mesmo e tenha fé em um só Deus! Não acredite em palavras ou doutrinas! Seja você mesmo e siga seu coração, respeite a todos mesmo que sejam de alguma religião, todo respeito dado ele é recebido em dobro, uma pessoa educada, trabalhadora e Respeitosa, Sempre tem o mundo em seus pensamentos! O Mundo é feito de egoístas, mas não seja um deles! Seja maior! Saiba respeitar! O Silêncio vale mais que mil palavras, então desde que a pessoa seja teimosa ou desrespeitosa simplesmente não ligue! O Silêncio já irá responder por ti! Mas até agora não entendemos o conceito do Nada! O Nada é simplesmente nada! Cada um tem o seu nada, basta você continuar no mesmo lugar e fazendo nada ou ser alguém na vida, ser uma pessoa de se olhar e ver uma pessoa bonita interiormente, você pode ser lindo! Mas não tem a mesma beleza na mente! Nem sempre os mais bonitos são os melhores! Você por ser bonito ou feio, não distingui sua beleza interior que é aquela que

vale por muitas outras belezas! O Amor! Não sei explicar! Mas realmente, Avance e Saia do nada! Seja melhor! Mostre e conquiste! Você irá conseguir! Tenho fé em ti e em mais ninguém!” (Aluno 36, turma 2002)

A maioria das histórias trazidas nas cartas dos alunos, são tristes, cruéis, pesadas. Não há nada fácil de escrever nem de ler. Para o professor que convive diariamente com estes jovens fica muitas vezes um sentimento de impotência diante de tantas dificuldades e infelicidades. Mas, é preciso não desanimar. Talvez, a Educação e seus professores sejam os únicos refúgios seguros para esta juventude. É isso que me faz enfrentar meus medos, e minhas incapacidades e ter o maior prazer de estar com eles nas aulas. Tenho a sensação e a esperança de que posso ajudar, nesta transformação.

Diante de uma realidade tão marcante e intensa, é de grande relevância levantar a pergunta: como se pode abrir o diálogo entre os que se propõem a ser agentes culturais e esses jovens, a fim de que se possa desenvolver ações realmente significativas? A periferia das grandes cidades são os lugares onde se explicitam os conflitos, as formas de dominação. No entanto, o lugar onde se evidenciam os mais diversos graus de opressão da nossa sociedade, é, ao mesmo tempo, onde se encontram potencialidades pulsantes, fortes possibilidades de criação, de expressão artística, de transformação. É essencial que a ação sociocultural não abafe, mas ressalte este potencial, para que não se anulem as esperanças de desenvolvimento de novos modos de vida, de novos discursos sobre o mundo e de novos ideais a serem construídos. Sendo assim, é preciso lembrar que, para o agente cultural a ação é política e não meramente instrumental. Cabe ao agente cultural estar aberto para troca de experiências, para o diálogo, para o conhecimento do outro, para a derrubada de barreiras entre realidades diferentes. (...) Só assim ele será capaz de conduzir uma empreitada que possibilite ao grupo o exercício da criatividade em prol de suas necessidades, adquirindo condições para se tornarem, aos poucos, os dirigentes dos seus próprios processos. (VIGANÓ, 2006, p.63-64).

CAPÍTULO 3 – TEATRO FÓRUM COMO METODOLOGIA PARA A MONTAGEM DE UM ESPETÁCULO

Em 12 de agosto de 2019, cheguei ao colégio com a ideia de propor aos meus alunos a prática de uma técnica do “Teatro do Oprimido” denominada “Teatro Fórum”.

O teatro fórum é bem parecido com o teatro imagem, pois também há uma interrupção do espectador para a transformação da cena, do real para o ideal. A encenação é construída pelos atores baseada em alguma situação de opressão, em seguida ela é ensaiada por diversas vezes, e quando esta cena é apresentada ao público, nela sempre terá um momento crítico, onde acontece a opressão propriamente dita. Neste momento, a peça é paralisada e alguém da plateia intervêm para transformar a situação demonstrada. Boal conta em seu filme-documentário¹⁸, que a princípio, no teatro fórum o público apenas dizia o que iria ser feito, ou seja, a peça acontecia até o momento ápice, no qual ocorria a opressão, neste momento, a cena era paralisada e alguém da plateia, levantava a mão e apenas narrava o que os atores deveriam fazer para que aquela situação fosse demonstrada da forma que ele, o espectador, achasse que fosse o ideal.

Eis por que é essencial ir mais além e fazer a plateia participar de uma ação dramática com pleno conhecimento de causa. Para encorajá-la a participar, é preciso, primeiro, que o tema proposto seja do seu interesse; depois, é necessário *aquecê-la* com exercícios e jogos. O Teatro Imagem é uma ferramenta essencial para envolver o espectador, estimulando a sua criatividade. (BOAL, 2012, p.49).

Quando apresentei os alunos ao Teatro Fórum, contei a mesma história que Boal narrou no filme: “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido” (2010), quando ele diz que no início, no Peru o teatro fórum era feito com discussões acerca da peça apresentada, e era chamado de “dramaturgia simultânea”. As soluções eram dadas pelos espectadores, e os atores improvisavam de acordo com o que era proposto, portanto, tinha uma divisão, onde a plateia era a plateia e apenas participava dando as ideias. Até que em uma das apresentações, aconteceu uma cena mostrando a história de um casal, onde o marido não trabalhava e só vinha em casa para pedir dinheiro à mulher, dizendo que estava construindo uma casa para eles. Ele sumia por algumas semanas e quando voltava, mostrava para ela uns papéis dizendo que eram recibos do material que ele estava comprando, mas como a mulher não sabia ler, acreditava no marido, até que um dia, ela pediu para a vizinha ler aqueles “recibos”, e foi aí que ela descobriu que não eram recibos e sim, cartas de amor da amante do marido. Então a cena parava exatamente

¹⁸ Augusto Boal e o Teatro do Oprimido – dirigido por Zelito Vianna, em 2010.

quando o marido voltava para casa depois desta descoberta. Este era o momento em que a plateia tinha que opinar. Algumas pessoas deram opiniões não muito satisfatórias, até que uma mulher se levantou e disse que a esposa tinha que ter uma conversa muito clara com seu marido e depois ela o perdoaria. Boal aceitou a proposta e os atores foram para a cena, a esposa teve uma conversa com o marido e no final os dois fizeram as pazes. O próprio Boal comenta:

Fiquei decepcionado. Com tanta respiração ofegante, com tantos bufos e olhares mortíferos, pensei que ela teria propostas mais violentas. Mas não disse nada e propus aos atores que improvisassem também essa solução. Improvisaram sem muito empenho. O marido fez protestos de amor e, já de pazes feitas, pediu que ela fosse à cozinha buscar a sua sopa. Ela foi e acabou a cena. Olhei para a senhora gorda. Estava bufando mais do que nunca e seus olhares fulminantes eram mais letais e furibundos. (BOAL, 1996, p.21).

A mulher em questão ficou muito furiosa com o resultado e não aceitou aquele desfecho, então Boal disse que não entendeu o que ela queria, houve uma pequena discussão, até que Boal fica impaciente e manda a própria mulher subir no palco e mostrar o que ela queria que tivesse acontecido. Neste momento para a surpresa de todos, a mulher subiu no palco, entrou no lugar da atriz que estava interpretando a esposa e começou a xingar o marido, em seguida, pegou uma vassoura e veio a dar vassouradas no ator que interpretava o marido, que saiu correndo e a cena acabou.

Subiu no palco, agarrou o pobre ator-marido indefeso, que era apenas um verdadeiro ator e não um verdadeiro marido e, além disso, magro e fraco, agarrou um cabo de vassoura e começou a bater-lhe com toda força enquanto lhe dizia tudo o que pensava das relações entre marido e mulher. Tentamos socorrer o companheiro em perigo, mas a senhora gorda era mais forte do que nós. Finalmente, deu-se por satisfeita, colocou sua vítima sentada à mesa e disse: –"Agora que nós tivemos esta conversa muito clara, muito sincera, agora VOCÊ vai lá na cozinha e pega a MINHA sopa!!!" (BOAL, 1996, p.22).

Foi neste momento que Boal percebeu que que o público podia ser ao mesmo tempo, personagem e pessoa, pois aquela mulher do público continuava sendo uma pessoa, mas uma pessoa que interpretava aquela personagem, ou seja, o espectador não aguentava o que estava acontecendo na cena e acabava por intervir para mudá-la, originando-se o “espect-ator”.

Mais claro ainda ficou para mim uma verdade: quando é o próprio espectador que entra em cena e realiza a ação que imagina, ele o fará de uma maneira pessoal, única e intransferível, como só ele poderá fazê-lo e nenhum artista em seu lugar. Em cena, o ator é um intérprete que, traduzindo, trai. Impossível não fazê-lo. Foi assim que nasceu o teatro-foro. (BOAL, 1996, p.22).

O Teatro-Fórum é um tipo de luta ou jogo, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer. Devemos evitar o *fórum selvagem*, em que cada um faz o que quer e substitui quem bem entende. As regras do Teatro-Fórum foram *descobertas* e não *inventadas* – são necessárias para que se produza o efeito desejado: o aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz, a descoberta de táticas e estratégias para evitá-la e o ensaio dessas práticas. (BOAL, 2012, p.50).

Antes de começar a aplicar esta técnica, iniciei alguns exercícios, aquecimentos corporais e jogos do arsenal do teatro do oprimido, pois julgo necessário para a desmecanização dos alunos-atores.

O ator, como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso é necessário começar pela sua *desmecanização*, pelo seu amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar. As mecanizações da personagem são diferentes das mecanizações do ator. É necessário que o ator volte a sentir certas emoções e sensações das quais já se desabituou, que amplifique a sua capacidade de sentir e se expressar. (BOAL, 2012, p.84).

Iniciei com a turma 2003 pedindo para eles formarem um círculo, em seguida propus que eles me imitassem nos movimentos, fiz uns alongamentos de pescoço, muito importante para aliviar as tensões e relaxamento dos músculos, então girei a cabeça algumas vezes, bem lentamente, para o lado direito, sempre dizendo que o movimento precisa ser lento e preciso, depois para o lado esquerdo, bem devagar. Após este exercício de relaxamento, segurei a cabeça, puxando com a mão direita em direção ao ombro direito, alongando a musculatura do pescoço por alguns segundos, em seguida fiz a mesma coisa para o lado esquerdo. O exercício seguinte, foi o de “enrolar a coluna”, este é um tipo de alongamento direcionado para a coluna vertebral, onde os participantes de tal exercício, vão se curvando, começando pela cabeça, depois coluna cervical, em seguida a torácica, depois lombar. Gosto também de fazer este exercício, terminando em um agachamento, ficando em posição de cócoras, mas com eles, eu fui até a lombar mesmo, quando os alunos chegaram lá embaixo, eu propus que eles ficassem um tempo naquela posição, uns cinco segundos, em seguida o movimento é o inverso, subindo bem lentamente, vertebra por vertebra, repeti este mesmo movimento umas três ou quatro vezes.

Depois, ainda em círculo, pedi para eles se virarem de lado, ficando em fila, um atrás de outro, então o aluno de trás faz massagem nos ombros do aluno da frente, o aluno da frente massageia o seguinte à sua frente, e assim sucessivamente, com todos recebendo e dando massagem ao mesmo tempo. Após alguns segundos, propus os eles que se virassem a 180 graus,

e desta vez o que estava recebendo massagem do colega de trás, agora ia aplicar a massagem no que estava na sua frente. Após isso, pedi para que todos eles procurassem um espaço na sala, onde se sentissem confortáveis e deitassem no chão com as costas para baixo, encostadas no chão, pedi para que tentassem encostar todas as partes de suas costas sobre o chão, como faz um gato, que de tão relaxado, consegue encostar todas as partes de seu corpo sobre a superfície na qual se deita.

Os lugares observados devem ser logo postos em relaxamento e outros devem ser procurados. Tentei executar este simples exercício diante de Rakhmanov, só que, em vez de me deitar no chão, permaneci deitado no meu leito macio. Depois de ter relaxado os músculos tensos, deixando apenas os que me pareciam necessários para sustentar o peso do corpo, citei os seguintes pontos: ambas as omoplatas e a base da coluna vertebral. Mas Rakhmanov fez objeção. — Você deve fazer como as criancinhas e os animais — disse com firmeza. Ao que parece, quando deitamos um nenezinho ou um gato sobre um pouco de areia para descansar ou dormir, e depois o erguemos cuidadosamente, achamos a impressão de seu corpo todo na superfície macia. Mas se fizermos a mesmíssima experiência com uma pessoa da nossa enervada geração, apenas veremos sobre a areia as marcas das suas omoplatas e ancas, enquanto que todo o resto do corpo, graças à tensão muscular crônica, jamais terá tocado na areia. Para deixar uma impressão escultural em alguma superfície macia, temos, ao nos deitar, de libertar nosso corpo de toda e qualquer contração muscular. Isto dará ao corpo uma oportunidade melhor de descansar. Deitando-nos assim, podemos, em meia hora ou uma, restaurar-nos melhor do que se passássemos uma noite inteira deitados numa posição contraída. (STANISLAVSKI, 2012, p.136-137).

Coloquei músicas relaxantes na minha caixa de som e pedi que além de fazer o que eu estava propondo, também fechassem os olhos e respirassem bem profundamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca, sempre se concentrando na respiração e em todas as partes de seus corpos, sempre percebendo onde estão tocando, onde toca a mão, entendendo em que posição está seu pé, o que encosta no chão e o que não encosta, etc.

Quando precisamos interpretar um personagem, temos que ter uma nova forma de andar, falar, se movimentar, afinal é uma outra persona, e não nós mesmos.

O diretor diz: "O ator, como a criancinha, tem de aprender tudo desde o começo, a olhar, a andar, a falar etc. Nós todos sabemos fazer essas coisas na vida cotidiana. Mas, infelizmente, em nossa grande maioria, fazemo-las mal. Um motivo é que qualquer defeito surge muito mais perceptível sob a plena luz da ribalta, e outro é que o palco exerce uma influência má no estado geral do ator". (STANISLAVSKI, 2012, p.137)

Depois que fiz estes exercícios de relaxamento, propus um exercício que julgo bastante interessante, que é o que Boal propôs em seu livro: "Jogos para atores e não atores" (2012b),

onde ele pede para os atores fazerem uma ação simples com objetos, como pegar um livro no chão, se vestir, andar de bicicleta, etc.

O ator, depois de relaxar todos os músculos do corpo e tomar consciência de cada um deles, concentrando-se nele mentalmente, andava uns passos, curvava-se, apanhava no chão um objeto qualquer – um livro, por exemplo – e, movendo-se muito lentamente, tentava memorizar todas as estruturas musculares que intervinham na realização desses movimentos. (BOAL, 2012b, p.84).

Estes movimentos precisam ser bem lentos, para que a pessoa que está fazendo, memorize minuciosamente cada músculo e articulação que ali está utilizado para realizá-los, pois, a proposta a seguir seria fazer o mesmo movimento, só que agora sem objeto, como se ele fosse invisível; este exercício pode ser feito de diversas formas, com diversos objetos.

Faziam-se muitos exercícios deste gênero, variando o objeto (uma chave, uma cadeira, um sapato, um balde d'água) ou tornando as ações mais complexas: vestir-se ou despir-se, primeiro com roupa e depois sem ela. Ou andar de bicicleta, com e depois sem bicicleta, deitando de costas sobre o solo para libertar os braços e as pernas.

Em todos os exercícios, o importante era que o ator tomasse consciência dos seus músculos, da enorme variedade de movimentos que poderia realizar. (BOAL, 2012b, p.84).

Com esse tipo de exercício, tanto os atores, quanto os alunos, conseguem ter uma maior consciência e percepção de como as partes do seu corpo estão se movimentando, e isso é algo muito útil para quem se propõe estar em cena. Fiz esses mesmos treinamentos com as três turmas e os repeti durante todas as aulas seguintes.

Após essa série de exercícios, para iniciar com o teatro fórum, propus aos meus alunos que se dividissem em grupos de seis a sete pessoas, e cada grupo iria criar uma ação que contasse alguma história de opressão. Dentro desta dramaturgia deveria existir uma situação muito clara de opressão e as personagens devem ser bem definidas, cada uma com suas características tanto físicas, como psicológicas. Durante a cena tem que haver um momento em que o espectador possa entrar para transformá-la, momento este que deve conter uma falha para que a pessoa que for entrar em cena possa encontrar uma alternativa/solução e confrontar a opressão.

A peça deve ser de cunho realista, jamais poderá ser uma encenação surreal, pois o objetivo, é que sejam solucionadas situações baseadas em fatos reais.

1) O texto deve caracterizar claramente a natureza de cada personagem, identificá-lo com precisão, para que o espectador reconheça a ideologia de cada um. Existem muitas formas e estilos em teatro, e todos são bons e ótimos, mas têm igualmente suas limitações: o Teatro-Fórum se aplica ao estudo de

situações sociais bem claras e definidas – opressões interiorizadas devem ser estudadas com as técnicas do *Arco-íris do desejo*¹⁹.

2) As soluções propostas pelo protagonista dentro da estrutura da peça que servirá de modelo ao debate-fórum devem conter pelo menos uma falha política ou social que deverá ser analisada durante a sessão de fórum. Estes erros devem ser expressos claramente, e cuidadosamente ensaiados, em situações bem definidas. Isto acontece porque o Teatro-Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico, no sentido de que todos aprendemos juntos, atores e plateia. A peça – ou *modelo* – deve apresentar um erro, uma falha, para que os espect-atores possam ser estimulados a encontrar soluções e a inventar novos modos de confrontar a opressão. Nós propomos boas questões, mas cabe à plateia fornecer boas respostas.

3) A peça pode ser realista, simbolista, expressionista, de qualquer gênero, estilo ou forma, ou formato, exceto *surrealista* ou irracional – porque o objetivo é discutir sobre situações concretas, usando-se para isso a linguagem teatral. (BOAL, 2012b, p.50-51).

Disse a eles que a encenação tem que contar uma história de opressão, que pode até ser uma situação inventada, mas que prefiro que seja um fato real, que tenha acontecido com algum dos integrantes do grupo.

Cada cena deve encontrar a *expressão* exata do tema que esteja abordando. Essa expressão deve ser encontrada, de preferência, em comum acordo com os participantes. (BOAL, 2012b, p.51).

As personagens devem ter suas características bem peculiares, com seus arquétipos bem definidos, para serem reconhecidos com facilidade pela plateia. E devem conter um figurino específico, que seja de fácil manuseio, para assim, quando o espect-ator for substituir o ator, ele possa utilizá-lo para melhor caracterização.

Cada personagem deve ser representado *visualmente*, de maneira a ser reconhecido independentemente do seu discurso falado, e o figurino deve conter elementos essenciais ao personagem, para que os espect-atores possam também utilizá-los quando substituírem os atores, e ser de fácil compreensão. (BOAL, 2012b, p.51).

Fiz este mesmo procedimento, de dividi-los em grupos, com as três turmas nas quais estou trabalhando, deixei com que eles ficassem discutindo os temas e montagem das peças. Em seguida já fui logo pedindo um título para a peça de cada grupo.

¹⁹ O arco-íris do desejo é o nome de um livro que apresenta um conjunto de técnicas do Teatro do oprimido, no qual auxilia ao indivíduo que sofre com opressões interiorizadas em seu psicológico, caracterizadas por sofrimentos e agressões psicológicas que ainda estão dentro de suas cabeças. São várias técnicas reunidas conhecidas também pelo nome de “O policial na cabeça” (Le flic dans la tête).

Então ficou dividido do seguinte modo:

Turma 2003

Grupo 1, título: “Falta de amor dos pais”.

Grupo 2, título: “Agressão física do pai de família”.

Grupo 3, título: “Agressão do padrasto”.

Ao contrário da turma 2003, nas outras duas turmas, não pedi para que me dessem um título neste momento inicial, solicitei apenas que se dividissem em grupos, e criassem seus esquetes.

Depois que foram determinados todos os grupos, solicitei que discutissem entre si sobre a montagem de suas peças. Como não ia dar mesmo para apresentar naquele dia, os deixei à vontade para a construção dos trabalhos; a apresentação ficaria para a aula seguinte.

Na aula seguinte, cheguei ao colégio entusiasmado e ansioso para ver o que os alunos tinham preparado para me mostrar. A primeira aula foi a da turma 2003, então como sempre faço me dirigi ao auditório, arrumei-o com as cadeiras viradas para o espaço designado para as encenações (palco).

Quando os alunos foram entrando, percebi que não tinha muita gente, somente alguns poucos, perguntei como estavam as cenas que solicitei, e para a minha tristeza, ninguém havia preparado nada, começaram a dar desculpas, que “fulano” não queria participar, “ciclano” faltou, que “beltrano” estava sem grupo. Pergunto-me todos os dias como eu posso motivá-los a fazer alguma coisa, sempre tenho que oferecer pontuação para todos os trabalhos que proponho e mesmo assim, alguns não se prontificam a participar. É algo muito difícil de enfrentar, me sinto muito mal e me questiono se eu estou fazendo a coisa certa, se sou um bom professor, coisas deste tipo, é bastante desanimador. Percebo que quando o trabalho se aproxima da vida cotidiana dos alunos, se torna mais interessante, como as técnicas de Boal, mas nem sempre isso ocorre.

Então, fiquei por uns minutos parado, pensando e olhando para o nada, peguei meu diário e comecei a fazer a chamada, enquanto fazia isso, pensei em como iria trabalhar com esses alunos hoje, precisava pensar em algo rápido para que a aula não se perdesse completamente.

Pedi para os alunos fazerem uma roda, e iniciei um aquecimento corporal, alongamentos de pescoço, braços e pernas, em seguida comecei o bom e velho exercício de caminhada no espaço, pedi para eles caminharem em diversos ritmos, primeiro bem lentamente,

depois aumentava a velocidade, de repente pedia para parar, como se fossem estátuas, falei para se olharem, então solicitei que voltassem a caminhar, isso durou alguns minutos.

Sempre quando inicio a caminha pelo espaço, depois que tive a experiência da oficina de Teatro do Oprimido, em seguida, aplico o jogo “Ao Contrário de Jackson”, onde os alunos teriam que fazer tudo ao contrário do que eu solicitaria, por exemplo, quando eu comandava para parar, eles teriam que andar, e assim vice e versa, este jogo se inicia com dois comandos e à medida que vai acontecendo, o professor/diretor, acrescenta mais outros, dificultando ainda mais a brincadeira e a tornando cada vez mais divertida. Este jogo é bastante interessante para maior interação entre os indivíduos que nele estão inseridos, também serve como um poderoso exercício de concentração, aquecimento e desinibição.

Neste livro, utilizo a palavra “exercício” para designar todo movimento físico, muscular, respiratório, motor, vocal que ajude aquele que o faz a melhor conhecer e reconhecer seu corpo, seus músculos, seus nervos, suas estruturas musculares, suas relações com outros corpos, a gravidade, objetos, espaços, dimensões, volumes, distâncias, pesos, velocidade e as relações entre essas diferentes forças. Os exercícios visam a um melhor conhecimento do corpo, seus mecanismos, suas atrofias, suas hipertrofias, sua capacidade de recuperação, reestruturação, re-harmonização. O exercício é uma *reflexão física* sobre si mesmo. Um monólogo. Uma introversão.

Os jogos em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor. São *extroversão*. (BOAL, 2012b, p.109).

Concordo com tudo isso que Boal descreve sobre o que os exercícios e jogos representam para uma boa construção corporal para uma cena, acredito que para obter um corpo diferenciado do seu, um corpo de um personagem, primeiramente é preciso desconstruir e reconhecer seu próprio corpo, para aí então ter a capacidade de transformá-lo em qualquer outra construção.

Depois dessa série de exercícios e jogos, fiquei mais animado em relação ao trabalho com essas turmas, pois acredito piamente que essas práticas teatrais, tem um certo dom terapêutico, contagiando a todos que ali estão.

Perguntei aos alunos que estavam ali, quem se propunha em criar uma cena rápida e improvisada que utilizasse algum tema de opressão, então alguns alunos que perceberam o meu desanimo, se disponibilizaram a isso, seria uma cena de teatro fórum e serviria como exercício.

Esta aula foi no dia 26 de agosto de 2019, cinco alunos se prontificaram a cumprir a tal tarefa de montar uma cena de teatro fórum, disse a eles que não precisa ser nada muito elaborado, para que não demorassem muito. Disse a eles que quem participasse iria ser contemplado com um ponto extra. O título do esquete foi: “Racismo no bar”.

O Aluno 36 interpretou um rapaz que estava sendo atendido em um restaurante, mas se negava a ser servido por uma garçonete negra. Parece que eles já tinham feito esta cena antes, mas como deixei que eles a criassem livremente, não me opus, pensei que esta cena podia evoluir a cada encenação. Em seguida, o rapaz pediu para a garçonete que chamasse o gerente, que também era de pele preta, e o cliente então saiu do restaurante resmungando.

Em um primeiro momento, o espetáculo é representado como um espetáculo convencional, onde se mostra uma determinada imagem do mundo. As cenas devem conter o conflito que se deseja resolver, a opressão que se deseja combater. (BOAL, 2012b, p.52).

Neste momento perguntei quem estava de acordo com o desfecho da cena, e quem gostaria de intervir na cena como espect-ator para modificá-la, então a Aluna 24 levantou a mão e disse que gostaria de fazer este papel.

Pergunta-se, em seguida, se os espect-atores estão de acordo com as soluções propostas pelo protagonista. Provavelmente, eles dirão que não. Informa-se ao público que o espetáculo será refeito, tal como da primeira vez. O *jogo-luta* está na tentativa dos atores de refazer o espetáculo como antes e no esforço dos espectadores para modificá-lo, apresentando sempre novas soluções possíveis e viáveis, novas alternativas. Em outras palavras, os atores representam uma determinada visão do mundo e conseqüentemente tentarão manter este mundo tal como ele é, fazendo com que as coisas continuem exatamente da mesma maneira...a menos que um espect-ator possa intervir e mudar a aceitação do mundo como ele é, por uma visão do mundo como ele deve vir a ser. É preciso criar uma certa tensão nos espect-atores; se ninguém mudar o mundo, ele ficará como está, e se ninguém mudar a peça, ela também ficará como é. (BOAL, 2012b, p.52).

A Aluna 24 então, entrou no lugar da atriz que protagonizava a garçonete, quando o cliente se negou a ser servido por ela, a aluna começou a discutir com ele e deu um verdadeiro sermão a respeito de racismo e preconceitos em geral.

Informa-se aos espectadores que seu primeiro passo é tomar o lugar do protagonista quando este estiver cometendo um erro, ou optando por uma alternativa falsa ou insuficiente, e procurar uma solução melhor para a situação que a peça apresenta. (BOAL, 2012b, p.52).

O cliente se sentiu impressionado com o discurso da garçonete e mudou a suas atitudes se sensibilizando, pediu perdão por sua agressão, admitiu que estava errado e disse que nunca mais vai agir desta forma, e que as palavras que a Aluna 24 disparou contra ele, atingiram o seu coração.

Perguntei aos outros alunos se eles concordam com o novo desfecho da cena, todos gostaram e aprovaram o final.

Quando o espect-ator intervêm na cena, esta ação serve como um exercício para solucionar as situações que podem ocorrer na vida real, no cotidiano das pessoas que sofrem com esse tipo de discriminação.

É claro que o objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espect-atores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na *vida real*; e atores e plateia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências de suas ações. (BOAL, 2012b, p.53).

No final do exercício, todos bateram palmas e gostaram da aula, apesar de ter ficado chateado por conta das pessoas que não fizeram o trabalho que eu propus, fiquei satisfeito com o que consegui fazer, e fiquei orgulhoso de mim por conseguir *dar a volta por cima* e concluir o objetivo de exercitar esta atividade para trabalhos futuros.

A cena da turma 2001 também foi preparada de forma improvisada por um grupo de seis alunos, eles falaram sobre *Bullying*, repetiram a mesma cena que já haviam me mostrado anteriormente. O Aluno 2 protagonizou um menino que ao comer no refeitório da escola, sofre *bullying* cometido pelos seus colegas de classe, pelo fato de ele estar a cima do peso. Os agressores vão ao encontro da vítima e começam a xingá-lo de gordo e a fazer piadas a respeito, jogam seu lanche no chão e disparam todos os tipos de agressão sobre ele.

Um dos alunos que a princípio era um dos agressores, quando eu perguntei se alguém da plateia gostaria de transformar esta cena, ninguém se ofereceu. Então, o mesmo aluno opressor disse que queria ser o espect-ator. Na verdade, ele deixou de ser um dos opressores, para ser um amigo do oprimido. A cena foi refeita, o menino estava lanchando no refeitório da escola ao lado de seu amigo, quando os agressores se aproximam e começam a lançar xingamentos, o amigo começa a defendê-lo, mas com violência também. Eu não sei se esta é a melhor forma de resolver este tipo de situação, disse a eles que eles teriam que tentar resolver isto, mas que não podia conter nenhum tipo de violência, eles teriam que tentar conscientizar os agressores a não fazerem mais isto. Acredito que a violência não é o melhor caminho, porque pode fazer com que a situação de opressão se intensifique. Neste momento perguntei se alguém da plateia gostaria de tentar, ninguém mais teve esta iniciativa. Todos que estavam assistindo concordaram com o desfecho que o aluno opressor propôs, então encerrei a cena, todos bateram palmas e seguimos. É importante perceber que as opções para a opressão são outras situações de opressão, às vezes até mais agressivas. Isso tem a ver com o ambiente de vida destes alunos, onde a lei do mais forte prevalece muitas vezes.

Se o espect-ator renuncia, ou esgota as ações que tinha planejado, sai do jogo; o ator-protagonista retoma seu papel, e o espetáculo caminhará naturalmente para o final conhecido. (BOAL, 2012b, p.53).

A última turma que peguei neste dia, foi a 2002, como nas turmas anteriores, ninguém preparou nada para me mostrar, então propus o mesmo, para eles montarem uma cena improvisada em grupo que contenha uma situação de opressão.

A cena que eles se propuseram a fazer foi a respeito de uma situação de homofobia, e apenas um grupo de sete pessoas foi formado para a execução desta encenação. Este grupo ainda contou com uma diretora, a Aluna 27.

A situação se passa em uma boate, onde duas namoradas homossexuais estão dançando normalmente, quando de repente se aproxima, um grupo de homens heterossexuais e começam a flertar com elas, em seguida as meninas anunciam que são namoradas, neste momento os homens iniciam algumas agressões verbais, as meninas chamam o segurança, ele vem e fala que ali não é lugar para homossexuais, ao invés do segurança expulsar os agressores, ele acaba por convidar às meninas a se retirarem do recinto.

Agora é a parte em que alguém da plateia intervém para transformar a cena em uma alternativa, ou seja, em como gostariam que fosse esta situação, então pergunto se alguém gostaria de participar como espect-ator e entrar no lugar do ator que está interpretando o segurança.

O Aluno 37 levantou a mão e se propôs a ser o espect-ator, a solução que ele trouxe foi a de expulsar os agressores para fora da boate, dizendo que ali não cabia este tipo de discriminação, no final os agressores foram embora e a cena terminou.

As intervenções de cada espect-ator valem não só pelo que dizem, mas pela voz com que o dizem; não só pelo fazer, mas pela forma de fazê-lo. Não só pelo feito, mas pelo que se deixou de lado. (BOAL, 2009, p.164).

Perguntei se alguém concorda com o resultado final, a Aluna 12, disse que o fato do segurança ter expulsado os agressores do recinto, não iria resolver o problema, e sim se eles fossem presos. Então a cena foi novamente reiniciada, mas desta vez o segurança chamou a polícia, que foi interpretada pela Aluna 12, ela algemou os agressores e os levou para a prisão. Desta vez nem todos ficaram satisfeitos com o final, alguns queriam que os homens agressores fossem linchados, mas dei por encerrada a cena, já estou satisfeito por existir uma discussão acerca do assunto, isso que é importante.

Quando o fórum termina, os espectadores podem ficar insatisfeitos, querendo continuar a discussão, principalmente se o tema tratado não for urgente; caso seja, caso se trate de uma ação a ser praticada no dia seguinte, então, sim deve-se propor um modelo de ação *para o futuro*, a ser interpretado pelos espectadores que, no dia seguinte, participarão dessa ação. É um treino, um ensaio, uma forma de se fortalecer. (BOAL, 2012b, p.55).

No fim da aula, propus aos alunos que fossem para a casa e pensassem em uma forma desta situação ser solucionada, talvez desta forma eles pensem um pouco mais sobre esses tipos de agressões que ocorrem em nossas vidas diariamente.

Na aula seguinte, 2 de setembro de 2019, cheguei ao colégio mais animado e pronto para propor que as cenas da aula anterior fossem reapresentadas para que fossem feitos melhores desfechos.

Iniciei mais uma vez com a turma 2003, aquecimentos, exercícios e jogos, alonguei membros superiores e inferiores, pescoço, enrolar e desenrolar a coluna vertebral, sempre iniciando pela cervical, e terminando até o cóccix.

Em seguida propus uma caminhada pelo espaço, variando a velocidade, de muito lento, quase parando, até muito rápido, chegando a correr, sempre digo para tomarem muito cuidado para não haver qualquer tipo de colisão e que nenhum aluno possa vir a se machucar.

Quando terminei de fazer essa série de exercício, jogos e alongamentos com eles, solicitei que formassem duplas, os integrantes de cada dupla iriam seguir os comandos que eu propunha, o jogo que decidi aplicar à eles, chama-se: “Ninguém com ninguém”. Este é um jogo bastante interessante. Assim como todos os jogos que Augusto Boal propõe em suas atividades de Teatro do Oprimido, decidi aplicá-lo com o intuito de experimentar algo que eu nunca havia feito, assim como sempre faço em minhas aulas práticas, a ideia é sempre aplicar algo novo, para observar a reação dos alunos e perceber se esse ou aquele exercícios dá certo, podendo ser aplicado em oportunidades futuras.

“Ninguém com ninguém” é um jogo no qual existe uma pessoa que comanda, normalmente é o próprio professor/diretor, mas também pode ser escolhido um aluno para cumprir tal função. O comandante solicita que as duplas unem certas partes do corpo, por exemplo: “Pé esquerdo com braço direito!”, então, uma pessoa da dupla terá que juntar o seu pé esquerdo no braço direito do outro integrante, a dupla não poderá desencostar as partes solicitadas, enquanto isso, o líder, acumula comandos e as duplas vão cumprindo o que é pedido, chega num ponto em que fica praticamente impossível de continuar o jogo, quando o líder percebe isso, um novo comando é pronunciado: “Ninguém com ninguém!”, neste instante os jogadores terão que trocar de duplas.

Em duplas, com uma pessoa ficando sempre de fora. Essa pessoa, o líder, indicará, em voz alta, as partes do corpo com as quais os parceiros deverão se tocar; por exemplo, *cabeça com cabeça* (os parceiros devem se tocar com a cabeça); *pé direito com cotovelo esquerdo* (o pé de um parceiro deve tocar o cotovelo do outro, e vice-versa, ao mesmo tempo, se isso for possível), *orelha esquerda no umbigo* etc. Os contatos corporais são cumulativos, não se desfazendo até que se torne impossível obedecer a novas instruções. Os atores podem fazer contatos sentados, em pé, deitados etc. Quando for impossível continuar, o líder dirá *ninguém com ninguém*, e todos procurarão novas parcerias; e um novo líder (o que sobrar sem parceiro) deverá das prosseguimento ao jogo. (BOAL, 2012b, p.131-132).

Considero importante, sempre antes de cada encenação, que seja efetuado certos exercícios de integração entre os alunos, até porque, eles não estão acostumados à prática teatral, se isso é extremamente importante para quem é ator e está acostumado ao teatro, imagine para quem não está. O jogo *Ninguém com ninguém* é uma forma bastante eficaz de descontrair e desinibir os alunos para que iniciem logo após as montagens de cena ou ensaios, é como acordar aquele corpo e mente, que antes estavam sonolentos.

Sempre pratico as mesmas atividades com as três turmas com as quais estou trabalhando, logicamente, os resultados são completamente diferentes, o que dá certo com uma, não dá tão certo com a outra.

Com a turma 2003, pedi para que apresentassem novamente a cena da aula anterior, então eles se reuniram no palco para lembrar como seria.

A encenação era uma sobre o racismo que acontecera em um bar ou restaurante, racismo este que era disparado sobre uma garçonete negra, por um cliente que se recusara a ser atendido pela tal. Esta cena causa um pouco de aflição, pois o aluno/ator que protagoniza o agressor, ofende, sem o menor pudor a menina que ali estava apenas a cumprir seu trabalho, o aluno em questão a xinga com as palavras mais ofensivas e grosseiras que algum indivíduo poderia dizer à outro, verbaliza coisas que realmente atingem dentro de nossas almas. As pessoas que ali estavam a assistir o esquete, sentiram isso fortemente, pude observa em seus semblantes o quanto isso os machucava. Foi aí que para a minha surpresa, uma das alunas que estavam assistindo começou a chorar muito, vale ressaltar que essa aluna tem a cor da pele branca, mas de alguma forma esta situação a incomodou. Perguntei se a aluna em questão, gostaria de mudar a situação que estava sendo exposta em cena, para nossa alegria, ela aceitou ser a “espect-atriz”. Mas ela não quis entrar no lugar de nenhum dos personagens, ela solicitou ser uma pessoa que chegaria bem na hora da agressão, então a cena foi novamente reiniciada, quando chegou na parte em que o cliente branco começa a disparar agressões sobre a garçonete negra, a aluna entra em cena e logo incorpora a personagem na qual supostamente viria a ser a

filha do tal cliente, então ela entra e diz: - *Pai?* Neste momento o pai, se espanta e a filha continua: - *Não acredito que ouvi você dizendo todas essas coisas! Logo você que sempre me ensinou sobre não ser racista e respeitar as pessoas!*

O pai ao ouvir a filha dizendo isso, logo se sentiu envergonhado e foi logo se desculpando com ela, e também com a garçonete; ele se mostrou bastante arrependido do que teria feito e começou a dizer que não estava num bom dia e que estava com raiva por ter perdido o emprego, a filha e a garçonete o perdoaram e de uma forma ou de outra, a cena pode ser transformada. Achei bastante gratificante a forma que a aluna *espect-atriz* encontrou para desempenhar este papel e solucionar o problema exposto nessa encenação.

A mesma sequência de jogos e exercícios foi repetida nas turmas subsequentes, na turma 2001, por exemplo, houve a repetição da cena que eles haviam me apresentado anteriormente, que falava sobre um menino obeso que sofria *bullying* na escola, enquanto comia no refeitório, alguns alunos se propuseram a se apresentar como *espect-atores*, teve um que entrou no lugar de um dos atores que protagonizava um dos agressores, mas que se posicionava contra àquele tipo de agressão, e acabou por defender o aluno oprimido, mas de forma violenta, vindo até por atacá-los fisicamente, atitude que apesar de não ser a ideal, foi a solução que ele encontrou para solucionar o problema em questão, logicamente, que no final da cena eu lhes disse exatamente isso, que a violência, não era a melhor forma para se resolver as coisas, mas acredito que isso é o que eles têm como exemplo de solução. Já que faz parte do cotidiano deles.

Na turma 2002, a mesma coisa, repeti os aquecimentos, jogos e exercícios para dar início no que eu chamo de um melhoramento do que eles já haviam me apresentado, pois, neste momento a minha intenção, era que essas cenas fossem exatamente, as que eles iriam apresentar ao final do trabalho. Na 2002, não tivemos grandes surpresas, pois ninguém se prontificou a solucionar o problema da cena, e também por não dar tempo de finalizá-la, pois o tempo de aula já havia acabado.

Mas me julgo satisfeito por esse dia de aula, pois considerei um dia bastante produtivo, não somente pelos resultados, mas também por todo processo e pela percepção de que eles estão evoluindo em cena e também em seus pensamentos e conclusões.

3.1 – Construção das Cenas a partir dos Materiais Levantados

A dramaturgia de cada cena pode ser criada pelo grupo, através de uma criação coletiva, onde todos os integrantes do grupo, constroem em conjunto a encenação a ser apresentada, ou também podem ser eleitos um ou dois dramaturgos, que vão ficar encarregados

de tal ofício. Deixei esta decisão a critério de cada grupo, escolher qual seria o processo de montagem.

Nosso primeiro objetivo é desvelar as possibilidades de jogos do grupo em relação ao texto escolhido como ponto de partida. Depois do levantamento de imagens e ideias sobre o que fazer a partir do texto, pode-se experimentar e discutir alguns dos principais procedimentos de criação da cena teatral contemporânea, caracterizada pela diversidade temática e formal.

Nesta perspectiva de valorização da análise dramaturgica como prática pedagógica com iniciantes é fundamental que o professor possa atuar como provocador do debate de ideias contraditórias sobre o mesmo tema, texto ou procedimento. Ao mesmo tempo em que coordena a leitura dos textos teatrais, ele apresenta e comenta as diferentes soluções adotadas por diversos encenadores, através da análise de registros videográficos e fotográficos.

Nesta proposta os alunos assumem diferentes papéis em cada subgrupo, sendo *coautores* da escritura cênica. A escolha deste texto-base se dá após a fase de análise e jogo de diversos fragmentos de textos diversos. (MARTINS, 2016, p.1).

Julguei necessário trabalhar com eles alguns exercícios de cunho emocional, para que tenhamos o máximo de verossimilhança da peça final.

Há um muro entre o que sente o ator e a forma final como expressa esse sentimento. Esse muro é formado pelas mecanizações do próprio ator. O ator sente as emoções de Hamlet: assim, sem o querer, expressará as emoções de Hamlet na forma pela qual expressaria suas próprias emoções como ser humano. Mas poderia igualmente escolher, entre as mil maneiras de sorrir, aquela que, segundo crê, seria a de Hamlet; entre mil maneiras de se enfurecer, a que, segundo ele, seria a de Hamlet. (BOAL, 2012b, p.87).

Segundo Stanislavski:

Lá, preparem uma ficção, análoga à que acabaram de fazer na realidade. As devidas *circunstâncias dadas* ajudá-los-ão a sentir e criar uma verdade cênica na qual poderão crer enquanto estiverem em cena. Por conseguinte, *na vida comum, a verdade é aquilo que existe realmente, aquilo que uma pessoa realmente sabe. Ao passo que, em cena, ela consiste em algo que não tem existência de fato, mas poderia acontecer.* (STANISLAVSKI, 2012, p.168).

No dia 09 de setembro de 2019, propus aos meus alunos da turma 2003, um exercício que consistia em acessar suas memórias emotivas, algo que eles próprios teriam experimentado em seus passados e que possam ser lembrados no presente, transformando aquelas emoções em sentimentos verdadeiros, algo que torne a cena mais realista.

Mas como chegar a essa forma? Para nós, primeiro era necessário sentir as emoções da personagem como se fossem nossas (o mágico “se” de Stanislavski); elas encontrariam, no corpo descontraído do ator, a forma adequada e eficaz para transmitir ao espectador e nele despertar emoções iguais as suas. (BOAL, 2012b, p.87).

Os alunos foram entrando, pedi para que eles se sentassem nas cadeiras arrumadas por mim em círculo. Quando todos já estavam em sala, solicitei que formassem duplas, de pé e um

de frente para o outro. Fui logo apagando as luzes, deixando apenas a iluminação natural entrar pela janela, coloquei em minha caixa de som, uma música instrumental de suspense, pedi para os alunos por enquanto apenas escutassem a música, e após isso comecei a contar uma história: *“Essa pessoa que está na sua frente, é a pessoa que você mais ama neste mundo! Ela pode ser sua mãe, seu pai, seu namorado, sua namorada, seu irmão ou irmã, quero que imaginem que está pessoa que está a sua frente é o ser humano que você mais ama no mundo, que você não conseguiria viver sem”*.

Nisso, eles começaram a se olhar se forma mais carinhosa, alguns sorriam, outros apenas olhavam-se com admiração. O meu próximo comando foi pedir que eles se abracem, sempre enfatizando que aquela pessoa que se encontrava ali, na frente de cada um, era a pessoa mais amada, os abraços foram completamente verdadeiros, a música ajudava muito no desempenho desse exercício, ela tinha alguns altos e baixos, uma variação de ritmos e velocidades, enquanto as duplas estavam se abraçando, eu disse: *“Você ama muito essa pessoa, mas infelizmente ela terá que partir, e nunca mais vocês poderão se encontrar, ela vai embora para sempre, vocês agora, precisam se despedir, precisam largar um do outro, mas vocês não querem se separar, então cada um de vocês, precisa se desvencilhar do outro, mas o outro, não quer deixar”*.

Neste momento, alguns alunos já começaram a se emocionar, vi alguns olhos lacrimejando, estava começando a dar certo, foi quando eu disse que realmente eles precisariam se separar naquele momento, se eles não separassem, isso ia custar a vida do outro, da pessoa que eles mais amavam. Então com grandes lamentos, eles foram se afastando, alguns ficaram desolados, nisso, a música tocando, as pessoas começaram a chorar verdadeiramente, alguns se deitaram no chão em posição fetal, outros esmurravam as paredes, se tornou uma cena de extrema melancolia.

Esse tipo de memória, que faz com que você reviva as sensações que teve outrora, vendo Moskvín representar ou quando o seu amigo morreu, é o que chamamos de memória das emoções ou memória afetiva. Do mesmo modo que sua memória visual pode reconstruir uma imagem interior de alguma coisa, pessoa ou lugar esquecido, assim também sua memória efetiva pode evocar sentimentos que você já experimentou. Podem parecer fora do alcance da evocação e eis que, de súbito, uma sugestão, um pensamento, um objeto familiar os traz de volta em plena força. Algumas vezes as emoções têm a mesma pujança de sempre, às vezes são mais fracas, às vezes os mesmos fortes sentimentos retornam, mas sob aspecto um pouco diverso. (STANISLAVSKI, 2012, p.207-208).

Foi quando eu disse: *“Vocês precisavam ficar separados, senão isso ia custar muito caro e algum de vocês poderia vir a falecer, pois um de vocês estava com uma doença extremamente contagiosa”*. Os alunos não paravam de chorar, aí eu disse: *“Mas algum milagre*

aconteceu, e vocês se reencontraram, agora vocês já podem se reaproximar!”; os alunos mudaram seus semblantes e começaram a se sentirem melhores e esperançosos. *“Vocês já podem se abraçar novamente!”* Nessa hora as emoções vieram com tudo, eles se abraçaram como se não houvesse amanhã, os choros vieram mais ainda à tona, misturados com sorrisos. Olhando de fora, pude perceber que era um turbilhão de emoções, então disse que eles nunca mais iriam se separar, que estava tudo bem, a música estava no seu ápice com notas bem agudas e emocionantes, eles continuaram a se abraçar intensamente, como se estivessem encontrando novamente uma pessoa muito querida que veio a falecer. Eu fui abaixando a música aos poucos e dizendo para que começassem a se esvaziar.

Essas sensações e emoções que eles conseguiram sentir naquele momento, foram acessados em suas memórias, fazendo com que eles às transferissem para o exercício, tornando a cena em que estavam inseridos, em algo bem próximo da realidade.

Estes casos de *transferência* extrema não são raros. Na verdade, é absolutamente inevitável um grau maior ou menor de *transferência*: uma pessoa recorda a emoção que sentiu em determinadas circunstâncias, respeitantes a ela e só a ela, e que são absolutamente singulares; é claro que, ao serem transferidas para o personagem, mudam um pouco. Eu nunca matei ninguém, mas tive vontade disso: procuro lembrar-me desse momento e faço a transferência para Hamlet quando ele mata o tio. (BOAL, 2012b, p.87).

O esvaziamento e a racionalização da emoção alcançada neste exercício, é de extrema importância, pois eu tinha o dever de fazer com que eles voltassem ao normal, portanto, eu pedi para que eles deitassem no chão de barriga para cima e fechassem os olhos, coloquei uma música mais animada para tocar, solicitei que eles respirassem bem fundo e escutassem a música, como num exercício de relaxamento, falei para eles esvaziarem-se daquelas emoções, para cada um se levantar bem devagar, cada um no seu tempo.

Um exercício intenso de memória emotiva, ou qualquer exercício de emoção em geral, é muito perigoso se não se fizer, posteriormente, uma *racionalização* do que se passou. O ator descobre coisas importantes quando se aventura a sentir emoções em determinadas circunstâncias. Há casos extremos. Uma atriz famosa deixava-se levar de tal modo pela emoção no papel de Blanche DuBois, que acabou por ser internada num hospital para doentes mentais. (BOAL, 2012b, p.91).

Ainda segundo Boal (2012b, p.92) “A racionalização da emoção não se processa apenas depois que esta desaparece; é imanente à própria emoção. Razão e emoção são indissociáveis. Existe uma simultaneidade entre o sentir e o pensar”.

Após este esvaziamento ou racionalização da emoção, pedi para os alunos sentarem em círculo e perguntei a eles o que eles acharam do exercício, o que eles sentiram.

O Aluno 1 disse que sentiu realmente a emoção de alguma pessoa que ele ama muito indo embora para sempre, perguntei em quem ele pensou, ele disse que imaginou que sua mãe estava indo embora, disse que ela é a pessoa a quem ele mais ama no mundo.

A maioria dos alunos se identificaram com a mesma emoção que o Aluno 1 havia sentido. Uma aluna tinha acabado de perder a mãe, e isso foi bastante difícil para ela, ele relatou que estava ainda muito recente e já estava triste pela morte da mãe, então este exercício fez com que ela chorasse muito, mas ao mesmo tempo, no final, quando eu falo que eles iriam se encontrar e que iriam ficar juntos para sempre, neste momento do exercício ela disse que foi bastante confortante, falou que sentiu uma paz enorme, como se ela estivesse abraçando a própria mãe. Ouvindo o relato da aluna, me fez pensar como as coisas são incríveis e ao mesmo tempo estranhas, sem querer, eu acabei confortando o coração de uma pessoa que acabara de perder a mãe.

Este exercício de memória das emoções, foi uma atividade que tive o prazer de experimentar em uma oficina na qual participei ministrada pelo diretor teatral Ribamar Ribeiro, no Sesc de Engenho de Dentro, lembro-me que na circunstância, estava vivendo alguns problemas pessoais e o exercício me deixou um pouco mais esperançoso em relação a isso.

Apliquei o mesmo exercício para as turmas que vinham depois. Com a 2001, alguns alunos ficaram de brincadeira e não foi tão satisfatório quanto foi com a turma 2003, mas de qualquer forma foi bem legal também. Na conversa final, houve alguns relatos bem interessantes, destaco o relato da Aluna 5, que disse que ficou bastante emocionada, pois ela não tem uma boa relação com o pai, disse que ele saiu de casa quando ela era pequena e que hoje em dia, ela tenta se reaproximar dele, ela disse que sentiu como se tivesse abraçando o pai, e isso foi bastante confortante.

Quando as reações do ator são mais poderosas, a inspiração pode surgir. Por outro lado, não perca tempo correndo atrás de uma inspiração que por acaso lhe ocorreu uma vez. É tão irrecuperável como o ontem, como as alegrias da infância, como o primeiro amor. Dirija seus esforços no sentido de criar uma inspiração nova e fresca para o dia de hoje. Não há motivo algum para supor que será pior do que a de ontem. Pode não ser tão brilhante, mas você tem a vantagem de possuí-la hoje. (BOAL, 2012b, p.214).

Com a turma 2002, também foi bem satisfatório, por ela ser uma turma menor, pude aplicar o exercício com qualidade e os alunos puderam atingir um bom nível de emoção, pela facilidade de concentração. Disse aos alunos que eles podem treinar esse exercício em qualquer lugar, para que eles possam cada vez mais se especializarem na arte de interpretar, quando eles forem fazer alguma cena, seja na minha aula, ou em algum curso de teatro que eles venham a

participar. Falei para eles, que quando forem apresentar a peça final, que coloquem em prática o acesso às suas memórias emotivas, para dar maior verdade à cena.

Na aula seguinte, decidi começar a construção dos esquetes/cenas e para esta criação, os grupos apenas precisariam unir todo o material, técnicas e vivências teatrais adquiridas até aqui, colocando as histórias e narrativas em prática. Os exercícios com os jogos teatrais de Viola Spolin, os jogos do “Teatro do Oprimido”, as cenas utilizando os elementos épicos de Brecht, as fotografias, as imagens do “Teatro Imagem”, as cartas escritas por eles sobre suas opressões, as cenas de “Teatro Fórum”, todas estas atividades que eu propus, serviriam para que eles construíssem seus esquetes.

No início, eu iria propor, cenas de “Teatro Fórum”, onde nós nos apresentaríamos no contra turno, para turmas do ensino médio, confiando que teríamos a chance de alcançar outros grupos, com a possibilidade de termos muitos espect-atores. Mas infelizmente, muitos alunos, não se comprometeram em comparecer ao colégio na parte da tarde para executar tal tarefa. Esta atividade também iria me atrapalhar um pouco, pois na segunda-feira a tarde dou aula em outro colégio e teria que faltar, contudo, essa seria uma boa alternativa para expandir o T.O. a outros públicos.

Conversei com os alunos a respeito da nossa apresentação final, e disse que a partir daquele dia, nossas aulas seriam somente de ensaios, onde eu iria avaliar as participações e ajudar no que for preciso para assim fazermos juntos essa criação cênica.

Dividi os alunos em grupo, só que desta vez seria o grupo fixo para a apresentação, eles começaram a discutir sobre o assunto, então os deixei livres para criarem, e a partir daí minhas aulas seriam somente assim. Eles passaram a aula toda conversando sobre o trabalho, no final pedi para que na próxima aula eles me trouxessem alguma coisa de cena para me mostrar.

3.1.1 – Cenas para a Apresentação Final

Na aula seguinte, cheguei ao colégio e me dirigi à turma 2003, pronto para ver o que eles haviam preparado para mim, mas eles não fizeram nada, e mais uma vez fico desanimado.

Propus que eles criassem uma cena improvisada baseada nas cartas que eles escreveram, sobre suas opressões, depois disso, eles retornaram a conversar sobre algo, percebi que eles também ficaram envergonhados por não terem feito o trabalho.

O primeiro grupo da turma 2003 contou a cena se passa num restaurante, a atendente é negra e derruba uma bebida no cliente branco, o cliente agride verbalmente com palavras racistas e a manda chamar o gerente, que também é negro e homossexual. O gerente chama o segurança, que por sua vez também tem a pele preta, o segurança tenta pedir que o cliente saia do restaurante, o cliente se recusa a sair, nisso há uma confusão generalizada.

Sei que esta cena já havia sido feita anteriormente. Mas, é melhor repetir do que não fazer nada. No final da cena, o gerente chama a polícia que também é uma pessoa preta, o cliente é preso, o gerente oferece bebida por conta da casa para os outros clientes.



Cena do restaurante, o aluno protagoniza o gerente negro.

Outros grupos foram formados na turma 2003, mas não deu tempo de eles apresentarem suas cenas, então deixei que apresentassem na próxima aula.

Na turma 2001 propus a mesma coisa que havia proposto na 2003, pedi para que os alunos criassem cenas baseadas em alguma carta que eles escreveram sobre suas opressões.

Apenas dois grupos começaram a conversar sobre o trabalho, o restante da turma, não se mexeu, ficaram conversando sobre outras coisas, alguns alunos com fone no ouvido. É impressionante que depois de terem feitos alguns trabalhos bem comprometidos em que quase toda a turma se envolveu, voltem a essa postura de falta de interesse.

A cena deste primeiro grupo da turma 2001, se passa na cozinha de uma casa, onde a família está sentada a mesa, em um dado momento, o pai da família chega, bêbado e começa a gritar pedindo para os filhos que lhe peçam bênção, em seguida grita com a esposa, mandando-a fazer o jantar rápido. O pai e a mãe da família começam a discutir, ele diz diversos xingamentos e a humilha verbalmente, a mulher não fica calada e também o agride verbalmente, depois de um tempo, o pai agride fisicamente sua esposa com um tapa no rosto, os filhos tentam separar, algum vizinho chama a polícia que chega rápido ao local e o leva preso.

Após esta cena, o grupo criou um 2º ato, onde há um julgamento no tribunal, o juiz pergunta a esposa o que aconteceu, a esposa dá o seu depoimento sobre o fato, ela diz que o marido sempre chega bêbado em casa e agride a todos que estão presentes. Depois disso, o grupo transforma a cena em uma comédia, um dos alunos começa a fazer palhaçadas, enfim, os outros alunos iniciam uma série de risadas, avacalhando a cena. Achei que esta cena cômica não se integrava a uma situação de violência doméstica, mas fiquei pensando se isso também não era uma forma de aliviar uma tensão vivida por vários deles em suas casas.

No final da cena, o juiz dá o veredito que o considera o pai culpado das acusações, e pede ao soldado que o leve para a cela. Apesar da falta de concentração no final do esquete, achei a dramaturgia bastante interessante e de grande criatividade.

O segundo grupo desta turma mostrou uma encenação que se passa na sala de uma casa, onde uma mãe conversa com uma moça que pretende se casar com seu filho. Enquanto as duas estão conversando, chega em casa o rapaz, acompanhado de uma outra menina, que diz ser sua namorada, a mãe inicia uma briga com o filho, pois ela não aceita o tal namoro pelo fato da menina que chegou, ser negra, alegando que ela é feia e seu filho merece algo melhor. A menina negra sai correndo e chega a uma delegacia com o intuito de registrar o fato ocorrido, desejando assim que a mãe de seu namorado seja autuada. Na terceira parte da cena, um oficial de justiça chega na casa para intimar a mãe a comparecer à delegacia para prestar depoimento. Chegando na delegacia, a mãe confessa que cometeu racismo, mas que não se arrepende, diz que não fez nada de errado, só não quer que seu filho namore com uma menina de cor escura, após isso, o delegado leva a mulher à prisão.

Esses foram os dois grupos que me apresentaram cenas da turma 2001, a minha missão agora é fazer com que eles amadureçam as cenas e as deixem preparadas para a apresentação do fim do curso.

Após a turma 2001, fui até a 2002, e nesta classe, consegui montar três grupos.

A cena montada do primeiro grupo se passa na sala de uma casa, onde três meninas estão conversando e combinando de ir à Igreja, chega a mãe delas e diz que também quer ir, entra o pai e pede um copo com água para a filha. Ao fazer o pedido, o pai acaricia a menina como se estivesse a aliciando, pois ele passa a mão em sua perna, neste momento, descobri que se tratava do padrasto dela, ele inicia uma série de abusos sexuais dirigidos à enteada. O padrasto sai e entram dois meninos, um deles é o namorado da menina, então ela conta para o rapaz que seu padrasto a estuprou, o namorado pareceu estar muito nervoso com a situação e acusa a namorada dizendo que a culpa disso tudo, é dela, pois ele alega que ela não usa roupas decentes, afirmando que ela teve a intenção de provocar o fato, a menina começa a chorar e sai de cena.

A seguir o namorado transtornado conta o fato para o irmão da vítima, que por sua vez se revolta e vai tirar satisfação com o padrasto, a mãe chega e diz que é tudo mentira, que não acredita na filha, fala que ela é uma grande mentirosa, que não merece confiança, então ela a expulsa de casa.

A cena termina com um problema, seria uma boa cena para se trabalhar com o Teatro Fórum, anotei tudo e disse que gostaria de usá-la futuramente para que possa ser transformada por alguém da plateia.

O grupo 2 desta turma construiu uma cena que se passa em um restaurante, entra um casal de homossexuais, sentam-se e pedem atendimento ao garçom, ele traz os pedidos, o casal conversa normalmente, jantado, pedem a conta, pagam e saem, ao sair, eles são abordados por um assaltante, eles entregam tudo que têm, o assaltante vai embora, neste momento passa um policial, os dois rapazes o chamam e relatam o ocorrido, o policial não dá muita atenção a eles e começa a insultá-los pelo fato de serem gays, os rapazes então iniciam uma série de agressões verbais dirigidas ao policial, o policial vai embora e eles não conseguem resolver o problema. Esta cena também serve bem para a execução do Teatro fórum, falei para eles que este um bom problema para ser solucionado.

O terceiro grupo contou a história de mãe e filha que estão passeando no shopping, quando de repente a filha diz que gostou muito de um aparelho celular que estava na vitrine, a mãe diz a ela que aquele celular é muito caro e não tem dinheiro para comprar, as duas personagens são negras, portanto o segurança da loja vai até elas e diz que não podem ficar

paradas ali na vitrine, que ali não é lugar para elas, pois elas não podem comprar nada que está à venda naquela loja, elas saem bastante tristes e indignadas. Em seguida, entra na loja uma família composta por pessoas de pele branca, o segurança às cumprimenta com um “Bom dia!”, a filha pede ao pai que lhe compre um aparelho celular Iphone, o pai concorda a comprar, quando eles saem, o segurança diz um entusiasmado: “Volte sempre!”

Este esquete é bastante interessante, pois percebo que muitos alunos se identificaram com ele pelo fato de eles passarem por estas situações, ou terem desejo em comprar tal artigo tão caro.

Depois destas cenas, conversei com todas as turmas que esses seriam os esquetes que eles vão apresentar no final do ano, mas que iria tentar com que fosse trabalhado como Teatro Fórum, ou seja, a plateia teria total liberdade para interromper a cena para tentar transformá-la com alguma sugestão de transformação, numa situação na qual eles considerem mais adequada. Comuniquei que na próxima aula iríamos trabalhar com as mesmas cenas e ensaiá-las para que fiquem boas o bastante para serem apresentadas.

Durante todas as aulas seguintes eu apliquei aquecimentos, jogos e ensaiamos estas peças, existiram dias em que nem todo mundo estava presente, ou não quiseram ensaiar, deixei eles à vontade para o ensaio, fiquei à disposição caso queiram tirar alguma dúvida ou caso queiram alguma dica a respeito de suas encenações. Quanto aos figurinos e cenários, também não me meti muito, acredito que eles têm que aprender a construir seus próprios trabalhos, mas claro que se pedirem alguma ajuda, eu estarei lá para ajudá-los.

3.2 – Mudança de Planos

Percebi que ao longo dos ensaios, alguns alunos estavam ficando cada vez mais desanimados para a apresentação final, como eles já estavam com pontuação o suficiente para passar de série, então eles costumam relaxar e não querem mais executar os trabalhos finais, a partir disso preferi deixá-los a vontade, pois acredito que apesar do teatro ser um componente curricular obrigatório na educação básica, a sua função é a de ser prazeroso em fazê-lo, as pessoas que praticam teatro, não o fazem por obrigação, elas se sentem bem em poder expressarem-se artisticamente.

Quando notei esta dispersão dos alunos e me dei conta de que só os que queriam realmente participar eram os que frequentavam os ensaios. Concordo com Paulo Freire quando ele diz que a liberdade é importante para o desenvolvimento do educando, pois é ele quem tem

que decidir sobre seu futuro, não importa o quanto erre, com isso ele se tornará autor de sua própria história.

A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã. É indispensável que os pais tornem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã. Não podem nem devem omitir-se mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e não seu. É preferível, para mim, reforçar o direito que tem a liberdade de decidir, mesmo correndo o risco de não acertar, a seguir a decisão dos pais. É decidindo que se aprende a decidir. (FREIRE, 1996, p.40).

Conversei com as três turmas e decidimos fazer uma apresentação única, juntando-as, eles gostaram da ideia, então eu propus que eles rapidamente pensassem em apenas um tema para que seja montado o esquete para apresentarmos no fim do processo.

Os alunos decidiram montar a cena do restaurante, só que desta vez com mais atores e mais situações diversas, de racismo, assédio sexual e homofobia, já que juntamos as três turmas. Fiquei bastante feliz, porque tiveram alguns alunos que não queriam participar, mas com o aumento do elenco, eles se animaram e pensaram que poderia ser divertido montar esta peça com outras pessoas.

Imediatamente dividi os papéis e organizei o cenário, então disse para que eles ensaiassem e durante os ensaios eu iria ajudá-los nas movimentações, interpretações e diálogos da encenação.

Na semana anterior à apresentação, notei que não daria certo fazer a cena como teatro fórum, pois já estava bem em cima da data prevista, então propus somente que eles fizessem uma cena com os temas que eles escolheram, pois somente apresentando a cena, as pessoas que iriam assistir, já se impactariam com o assunto e seriam remetidos à reflexão, percebi também que o processo do trabalho foi mais proveitoso do que a apresentação final em si, sempre ouvi isso nas oficinas e aulas de teatro às quais eu frequentei. Na verdade, nem seria tão necessário uma apresentação final, esta seria apenas uma finalização destes aprendizados, onde o mais importante é a trajetória, o processo.

Os alunos não prepararam nenhum cenário específico para a apresentação, quanto ao figurino, também não aprontaram nada especial, e quando perguntei sobre a dramaturgia, também não haviam colocado nada no papel, eles só disseram que estava tudo sobre controle. Neste momento, eu já não tinha mais o que fazer, se não houvesse apresentação, eu já estaria perfeitamente satisfeito, pois consigo reconhecer que consegui fazer um bom trabalho com eles e o que viria, seria mais para apresentar a outras pessoas da comunidade escolar. Já tinha plena consciência de que meu dever ali já estava mais do que cumprido, todos estes exercícios e

atividades, sem sombra de dúvidas, nada do que foi feito, foi em vão e a semente foi plantada, a transformação aconteceu, nem que tenha sido de uma forma mais sutil.

3.2.1 – Apresentação Final

No dia 09 de dezembro de 2019 acordei com uma sensação de alívio, peguei o meu ônibus em direção à escola, como faço todos os dias. Lembro-me que estava sentindo uma paz enorme, acho que esta é a sensação que tenho todos os finais de anos, mas acho que desta vez, foi maior, pois tenho a consciência de que estou no caminho certo e de que apresentei a arte a pessoas que não tem muito acesso a esse tipo de atividade e além disso pude ter a oportunidade de incentivar a transformação dessas pessoas.

A Estética do Oprimido é uma forma essencial de combater a Invasão dos Cérebros porque coloca o oprimido como protagonista do processo estético, não simples fruidor de arte. Não leva a cultura ao povo, mas oferece meios estéticos necessários para o desenvolvimento da sua própria cultura, com seus próprios meios e metas. Não apenas educa nos elementos essenciais do como se pode fazer, mas, pedagogicamente, estimula os participantes a buscarem seus caminhos. (BOAL, 2009, p.166).

Cheguei ao colégio e aguardei os professores de História – Vanir e Nicolas –, que se prontificaram a me auxiliar neste projeto, aliás, esta data foi designada para a culminância do projeto e os professores que não tinham avaliação ou recuperação para aplicar, iriam ajudar no trabalho, então, os professores de História, se prontificaram a isso.

Quando o professor Vanir chegou, nos direcionamos ao auditório para a arrumação do “teatro” em formato de palco italiano²⁰. Enquanto nós estávamos arrumando, alguns alunos foram chegando e se aprontando para o espetáculo.

Além de me ajudar na arrumação, o professor Vanir também ficou responsável por registrar a peça por meio de filmagem, enquanto eu ficava fazendo anotações nos diários das turmas, também pude fazer alguns registros com fotos.

Quando todos os alunos chegaram, propus a eles que nós fizéssemos um ensaio geral, antes que fosse aberto ao público, o famoso “passadão”, essa prática é imprescindível para que a apresentação esteja bem afinada e nada de errado possa acontecer. Eu sabia que mesmo ensaiando antes, não sairia do jeito que nós estávamos imaginando, mas o mais importante disso

²⁰ Palco italiano: onde os espectadores ficam apenas na plateia de frente para o palco, onde estão os atores, o cenário etc.

tudo, foi todo o processo e todo o trabalho feito anteriormente, então disse a eles para apenas se divertirem.

A peça final conta uma história que se passa em um restaurante, ela foi baseada em uma das cenas apresentadas anteriormente, só que desta vez, adaptada para mais alunos/atores, já que nós misturamos as três turmas com alunos que tiveram o interesse em participar.

O grupo contou com 16 (dezesesseis) alunos, foram eles: 2 seguranças do restaurante, 2 clientes homofóbicos, 4 clientes mulheres, 2 clientes racistas, 1 garçom, 1 garçonete, 1 gerente, 1 cliente e policial, 1 funcionária do restaurante, 1 policial.

O cenário foi bem simples, eles utilizaram apenas três mesas e sete cadeiras, que representava um restaurante. O figurino também foi simples, alguns usaram roupas pretas, mas a maioria estava sem figurino, usando apenas o uniforme da escola mesmo.

A história contada, representa o cotidiano de um restaurante, onde acontecem diversas situações e tipos de discriminação, entre elas, homofobia e racismo. No início, na primeira cena, chega um casal, que ao se deparar com um casal de meninas homossexuais, que estavam almoçando no restaurante, fazem uma reclamação ao gerente e se recusam a estar no mesmo ambiente, o gerente imediatamente se nega a expulsar as clientes gays, alegando que ali naquele restaurante não cabia esse tipo de discriminação, o casal homofóbico então, se retira do recinto.

Em seguida entram em cena três clientes negras, se sentam e são servidas por um garçom branco, e todos agem naturalmente.

Na cena 3, acontece o ápice da peça, quando entram no restaurante, um casal e imediatamente são atendidos por uma garçonete negra, o atendimento se desenrola normalmente, até que em um determinado momento, a garçonete, deixa sem querer cair um copo d'água sobre o marido da cliente racista, nesta hora, ela (a cliente), começa a gritar e a despejar comentários e agressões verbais racistas sobre a funcionária, a confusão se instala, chegam os seguranças, em seguida um policial, a cliente pede para chamar o gerente. O gerente tenta amenizar a situação, mas não tem jeito, a cliente começa a distribuir insultos a todos a sua volta, inclusive uma cliente tenta apaziguar os ânimos, mas logo é xingada também.

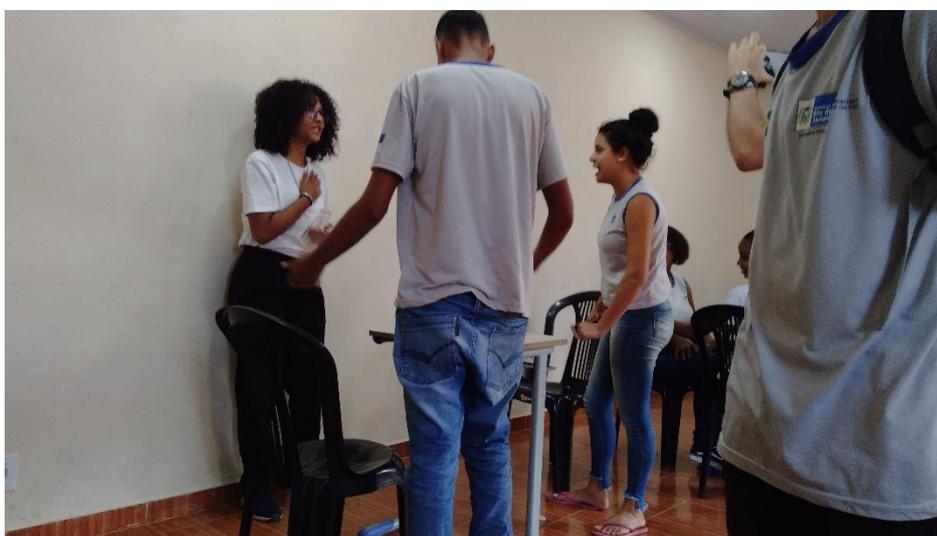
Na cena seguinte os clientes racistas são autuados por uma policial que estava almoçando no restaurante e os encaminha para fora, em seguida a convence a se desculpar, depois eles voltam, mostrando arrependimento e pedem desculpa. A garçonete solicita que a policial faça um registro de ocorrência, alegando que além de ser racialmente discriminada, foi assediada sexualmente pelo marido da cliente e todos são encaminhados à delegacia.

Seria uma bela cena para se aplicar o teatro fórum, mas não foi possível e ficou nisso mesmo. Não tiveram muitas pessoas assistindo, mas os que ali estavam, gostaram e bateram palmas.

Após os aplausos e o agradecimento dos atores, o Aluno 1 explica a peça e a mensagem que eles queriam passar ao público.



Disposição de uma das cenas da peça final.



Cena onde a cliente começa a ofender a garçonete.



Cena onde a cliente racista dispara agressões verbais sobre a garçonete.
Professor Vanir ao fundo, fazendo o registro.



Agradecimento dos atores ao público e mensagem final falada pelo Aluno 1.

A escola é um lugar público, a sala de aula é um lugar público. O particular se converte no comum, onde qualquer matéria, qualquer coisa, qualquer mundo se abrem e não são propriedade de ninguém, e sim de todos, convertidas em “bem comum”. (...) “a escola é uma invenção que transforma todo mundo em um estudante, e neste sentido, coloca todos mesma situação inicial. Não escola, o mundo se torna público”. É exatamente o oposto da privatização e da domesticação que restringem o “caráter democrático, público e renovador” da escola. A escola é um local público onde o professor coloca algo sobre a mesa, coloca algo no meio (o converte em público) e é a partir de então objeto de estudo para a classe, para todos. A Educação é um dispositivo para transmitir mundos e renová-los. A escola representa o mundo, os mundos. (LARROSA, 2018, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho que desenvolvo como professor de artes, percebo o quão importante é o ofício do educador nas vidas destes alunos, temos sempre que estar nos reinventando para suprir as necessidades da educação de acordo com o que se têm no que se diz respeito a recursos, sejam eles materiais, estruturais ou até emocionais, afinal estamos lidando com seres humanos, e cada pessoa tem uma história peculiar, cada um vive no seu próprio ambiente familiar, que nunca são iguais uns dos outros, uns sofrem violência, outros não tem o que comer, há de existir também aqueles que tem uma boa estrutura afetiva e até financeira.

Depois que o teatro, entrou na minha vida, percebi que me transformei numa pessoa melhor, que se importa com os outros, me sinto mais sensível. Depois que me formei e me coloquei como professor, essa sensibilidade cresceu. Sempre fui uma pessoa brincalhona, isso acabou germinando uma espécie de confiança dos meus alunos em mim, pois me posiciono como amigo deles, isso às vezes até atrapalha um pouco a minha relação com eles, porque muitos confundem e esquecem que eu sou professor, mas isso está melhorando, aos poucos vou dosando o meu jeito de me relacionar com eles, estou num contínuo aprendizado.

Segundo Paulo Freire:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (...) Gente mais gente. (FREIRE, 1996, p.146).

Depois que me aprofundei nas técnicas do Teatro do Oprimido, vi nele uma esperança de transformar tanto a minha própria vida, como a de outras pessoas, pessoas que estão precisando de mim, eu sinto isso, é como se eu fosse uma das únicas pessoas que eles têm, isso é muito triste, pois muitas vezes não podem contar com suas próprias famílias. Quando comecei a aplicar essas técnicas, vi a quantidade de confiança que eles depositaram em mim e não os desapontei, mantive o que prometi, alguns quiseram sigilo, eu cumpri, outros não quiseram fazer, por timidez ou outro motivo, eu respeitei, acho que o respeito e o amor são os principais conceitos para uma excelente relação entre os seres humanos.

O Teatro do Oprimido, me deu a possibilidade de fazer algo que realmente valha a pena, a oportunidade de tocar o coração desses alunos e fazer com que eles se enxerguem e tenham mais confiança em si próprios, perceber que cada um é único, e que fomos feitos para sermos felizes, e nada que acontecer no meio do caminho deva ser algo que interrompa essa

busca pela felicidade. Eles puderam experimentar seus próprios medos e enfrentá-los de igual pra igual, notei que essa prática, ao mesmo tempo os uniu mais, eles puderam apoiarem-se uns aos outros, como uma família, acredito que depois disso, a consideração entre eles aumentou admiravelmente, sentiram-se mais do que amigos, mais irmãos.

A apresentação final, foi linda, mas foi o que menos importou neste processo de aprendizagem, sempre escutei nas minhas aulas como discente, que o processo é mais importante do que o trabalho final, isso ficou muito claro para mim neste projeto, o dia a dia, de exercícios, jogos, reflexões e aprendizados, foram mais enriquecedores do que as peças finais em si. Aos que em nada participaram, pelo menos puderam e tiveram a oportunidade de assistir e como espectadores, também refletiram e com certeza se identificaram, pois, até a timidez, a negação de não querer fazer, esse bloqueio, sem sombra de dúvida também são semeadas por algum trauma, violência, ou opressão por eles sofrida.

Terminei essa pesquisa com a sensação de dever cumprido, não só pelo trabalho que pude ter a oportunidade de executar, mas também por poder realizar um sonho, de poder me tornar um mestre no ensino das Artes Cênicas, de aprofundar o meu aprendizado que espero ser contínuo ao longo da minha vida profissional e algo que também me dá condições de ser uma melhor pessoa, aprendendo muito com meus alunos e minha prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**. Campinas: Hucitec/Unicamp, 1994.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012a.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012b.

BUENO, F. (2016). **A Mulher Negra na Telenovela: Hipersexualização, Invisibilidade ou Subalternidade?** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Recuperado de: http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda_revisado_tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y

EDUCAÇÃO, Secretaria de Estado de. **Currículo Mínimo**. Rio de Janeiro, 2013a.

EDUCAÇÃO, Secretaria de Estado de. **Manual de orientações para operacionalização da Portaria SEEDUC/SUGEN Nº 419/2013**. Rio de Janeiro, 2013b.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Resende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE. Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ICLE, Gilberto. **Pedagogia teatral como cuidado de si**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro**. São Paulo: Papyrus, 2003.

KNEBEL, Maria. **Análise-Ação: Práticas das ideias teatrais de Stanislávski**. São Paulo, Editora 34, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores – Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MADEIRA, Ney e EPIFANIO, Renata Lamenza. **A Criação do Figurino Teatral**: Entre a Teoria e a Prática. 2013. Artigo SENAI CETIQT. Rio de Janeiro.

Disponível em:

<http://www2.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/viewFile/217/242>

Acesso em: 27 de março, 2016.

MARTINS, Janaina Trasel. **Integração corpo-voz na arte do ator**: considerações a partir de Eugenio Barba. In: GUBERFAIN, Jane. A voz em Cena. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

MARTINS, Marcos Bulhões. **Encenação em Jogo**. São Paulo, Hucitec, 2004.

MARTINS, Marcos Bulhões. **Dramaturgia em Jogo**: uma proposta de criação e de aprendizagem do teatro. Disponível em:

<http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia/Marcos%20Aurelio%20Bulhoes%200Martins%20-%20Dramaturgia%20em%20jogo%20uma%20proposta%20de%20criacao%20e%20aprendizagem%20do%20teatro.pdf>

Acesso em: 08 de março de 2016.

ROSENFELD, Anatol. **Brecht e o Teatro Épico**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

TELLES, Naciso; FLORENTINO, Adilson (orgs.). **Cartografias do ensino do teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **As regras do jogo**: A ação sociocultural em teatro e o ideal democrático. São Paulo: HUCITEC, Mandacaru, 2006.

SITES

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>, acessado em 16/06/2020

FILMES

BOAL, Augusto Boal e o Teatro do Oprimido. Documentário, Direção de Zelito Vianna, 2010.

* * *

Dezembro de 2020.